



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

SILVIA DA CONCEIÇÃO ALVES

RETERRITORIALIZAÇÃO DE PARAENSES EM BOA VISTA/RR

BOA VISTA, RR

2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

SILVIA DA CONCEIÇÃO ALVES

RETERRITORIALIZAÇÃO DE PARAENSES EM BOA VISTA/RR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras/PPGSOF, da Universidade Federal de Roraima, como Pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteira. Área de concentração: Sociedade e Fronteira na Amazônia. Linha de pesquisa II–Fronteiras e Processos Socioculturais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Monteiro de Souza.

BOA VISTA, RR

2021

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

A474r Alves, Silvia da Conceição.

Reterritorialização de paraenses em Boa Vista/RR / Silvia da
Conceição Alves. – Boa Vista, 2021.

102 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima,
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras.

1 – Migração. 2 – Des-re-territorialização. 3 – Paraenses. 4
– Identidade cultural. I – Título. II – Souza, Carla Monteiro de
(orientadora).

CDU – 316.7:325.11(811.4)

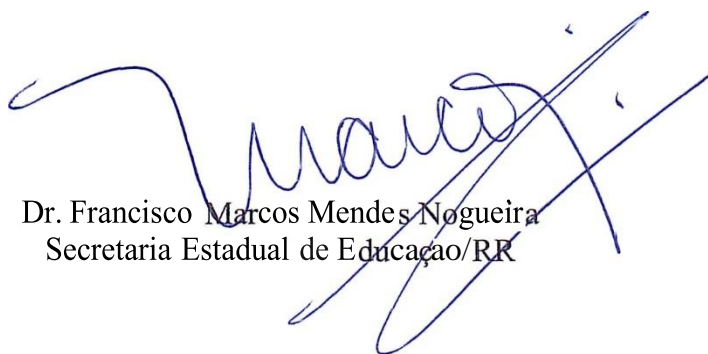
SILVIA DA CONCEIÇÃO ALVES

RETERRITORIALIZAÇÃO DE PARAENSES EM BOA VISTA/RR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras/PPGSOF, da Universidade Federal de Roraima, como Pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteira. Área de concentração: Sociedade e Fronteira na Amazônia. Linha de pesquisa II–Fronteiras e Processos Socioculturais. Defendida no dia 13 de julho de 2021 e avaliada pela seguinte banca examinadora.



Dr^a. Carla Monteiro de Souza
Orientadora / Curso de História da UFRR



Dr. Francisco Marcos Mendes Nogueira
Secretaria Estadual de Educação/RR



Dr^a Márcia Maria de Oliveira
Curso de Ciências Sociais/UFRR

DEDICATÓRIA

*Em memória de
Osvanira Cláudio Amaral (1952-2021),
te amaremos para sempre!*
“Eu não estou longe,
apenas estou
do outro lado do Caminho...”
(Santo Agostinho).

AGRADECIMENTOS

Quero aproveitar este espaço para agradecer as pessoas que fazem e fizeram parte de mais esta etapa na minha carreira estudantil. Durante minha caminhada acadêmica foram muitos os que estiveram ao meu lado, contribuindo direta e/ou indiretamente na minha formação, principalmente durante a escrita deste trabalho de dissertação. Espero não cometer a indelicadeza de me esquecer de citar o nome de alguns.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, que é minha fortaleza, meu refúgio e sempre me deu forças para acreditar que conseguiria, pois não foi fácil chegar até aqui e nunca me desamparou, esteve e está sempre ao meu lado me guiando nessa caminhada. Obrigado meu Deus!

Ao meu esposo Erick, que amo demais. Amor, muito, mas muito, obrigada mesmo, por estar ao meu lado sempre quando precisei. Sei que não conseguirei por neste papel as palavras merecidas para agradecer o quanto você tem feito e faz por mim, em especial na minha vida acadêmica. Esteve e está sempre ao meu lado, nunca medi esforços para me ajudar no que diz respeito aos estudos. Pelos conselhos, pelas palavras de apoio e consolo nos momentos em que eu pensei em desistir, somente eu, você, nossos filhos e Deus sabemos o que passamos, o que tivemos que enfrentar para que eu pudesse chegar até aqui. Amor, obrigada por cada madrugada que você pôs os joelhos no chão e orou a Deus intercedendo por mim. Amor, amo te!

Aos meus filhos Kevin Alves Rufino Borges, Katryn Alves Rufino Borges e João Victor Souza Amaral agradeço o apoio imprescindível de vocês, pois souberam entender a divisão dos nossos momentos de convívio com aqueles dedicados à escrita deste trabalho. Os amo de mais!

Ao meu querido pai, Supriano Vieira Alves e minha querida mãe Umbelina da Conceição Alves meus anjos protetores, que mesmo longe sempre intercederam por mim em oração. Pai e Mãe, amor eterno!

Aos meus amados irmãos, meu muito obrigada, Tatiem, André, Tiago, Wilderson e Tatiane. Agradeço o carinho e dedicação, que contribuíram de forma direta ou indiretamente com minha formação.

Meu agradecimento especial a Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza que escolhi para essa empreitada como minha orientadora. Ela me auxiliou, encorajou e ajudou na elaboração dessa dissertação, com palavras de apoio e incentivo para continuar a pesquisa, construímos uma grande amizade e parceria, durante a escrita desse trabalho

que foi o suporte tanto emocional quanto intelectual, sua orientação e revisões foram uma peça fundamental para escrita e desenvolvimento dessa pesquisa.

Também agradeço imensamente o Prof. Dr. Francisco Marcos Mendes Nogueira, que foi responsável por me guiar na escolha desta temática e na escrita do TCC de especialização, me auxiliou, encorajou e foi meu “psicólogo”, sempre me dando força para continuar com a pesquisa. Aos professores do Curso do PPGSOF, que somaram com a minha formação acadêmica. Aos colegas de turma, pelo companheirismo. Jamais esquecerei vocês.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para minha formação acadêmica.

RESUMO

Esse trabalho insere-se na pesquisa intitulada “Re-territorialização de paraenses em Boa Vista/RR”, desenvolvida junto ao PPGSOF/UFRR, tendo como tema a migração dos paraenses homens e mulheres para Boa Vista, capital do estado de Roraima. Aborda o deslocamento dos/as paraenses para a cidade, as estratégias de sobrevivência acionadas no espaço boa-vistense e como se procede a des-re-territorialização desses/as migrantes. Roraima historicamente é um lugar de atração de migrantes tanto nacional, quanto internacional. Grande parte opta por morar na sua capital, o que nos incentiva o estudo da diversidade de culturas, identidades e territórios nela observados. Nesse sentido, Salim (1992) discute que as inúmeras formas de migrar acabam por organizar o espaço político e social do local de destino, apontando para uma troca de carga cultural entre a população migrante e a população local. Nos últimos censos a presença de paraense em Boa Vista vem se mostrando expressiva, o que nos leva a considerar a formação de novas territorialidades e novas formas de uso e domínio do território por parte desse grupo. Utilizaremos nas entrevistas um roteiro com perguntas mais abertas e flexíveis, enfatizando aspectos como o espaço e o cotidiano vivenciados nos lugares de origem e destino; o processo migratório; questões sobre as suas territorialidades, que suscitem reflexões acerca da experiência migratória dos entrevistados/as e a compreensão do processo de re-territorialização no novo espaço.

Palavras Chaves: Migração. Des-re-territorialização. Paraenses. Re-territorialização de Paraenses em Boa Vista/RR.

SUMMARY

This work is part of the research entitled "Re-territorialization of paraenses in Boa Vista/RR", developed with ppgsof/ufrr, with the theme of the migration of paraenses men and women to Boa Vista, capital of the state of Roraima. It addresses the displacement of paraenses to the city, the survival strategies triggered in the good-vistense space and how the de-territorialization of these migrants proceeds. Roraima has historically been a place of attraction for both national and international migrants. Most choose to live in its capital, which encourages us to study the diversity of cultures, identities and territories observed in it. In this sense, Salim (1992) argues that the numerous ways of migrating end up organizing the political and social space of the place of destination, pointing to an exchange of cultural burden between the migrant population and the local population. In the last censuses the presence of paraense in Boa Vista has been expressive, which leads us to consider the formation of new territorialities and new forms of use and dominance of the territory by this group. We will use in the interviews a script with more open and flexible questions, emphasizing aspects such as space and daily life experienced in places of origin and destination; the migration process; questions about their territorialities, which give up reflections about the migratory experience of the interviewees and the understanding of the process of re-territorialization in the new space.

Key Words: Migration. De-re-territorialization. Paraenses. Re-territorialization of Paraenses in Boa Vista/RR.

FIGURAS

Figura 1: Tomada de decisão de migrar ao sentir-se roraimense	37
Figura 2: IDH – Pará, 24º no ranque do país, 2010.....	48
Figura 3: IDH – Roraima, 13º no ranque do país, 2010	56
Figura 4: Referências Paraenses em Boa Vita.....	68
Figura 5: Referências Paraenses em Boa Vista	69
Figura 6: Referências Paraenses em Boa Vista	70
Figura 7: O legítimo açaí paraense em Roraima	79

QUADROS

Quadro 1: Migração de paraense para Boa Vista: 1975-1980; 1986-1991; 1995-2000. 34

MAPAS

Mapa 1: Localização Territorial de Boa Vista/RR	33
Mapa 2: Localização Territorial dos Bairros de Boa Vista/RR.....	65
Mapa 3: Referências Paraenses em Boa Vista/RR – Pontos de venda de açaí, 2021.....	67

SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

HO – História oral

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

PIB – Produto Interno Bruto

CNI – Confederação Nacional da Indústria

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1. PARA ESTUDARMOS OS(AS) PARAENSES EM BOA VISTA	16
1.1 PARAENSES EM BOA VISTA: TEMA E PROBLEMA.....	16
1.2 POR QUE FAZÊ-LO?.....	18
1.3 OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICOS.....	19
1.4 USO DA HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA	20
2. RELAÇÃO E TROCAS MIGRATÓRIAS ENTRE O PARÁ E BOA VISTA/RR	24
2.1 TEORIAS DE MIGRAÇÃO E TERRITÓRIOS	24
2.2 BOA VISTA/RR & PARÁ	30
2.3 SOU DE LÁ...SOU DAQUI.....	37
3. DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO DE PARAENSES, A LUZ DE SUAS EXPERIÊNCIAS	42
3.1 TERRITÓRIOS PARAENSES.....	42
3.2 DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO: MOTIVOS DA PARTIDA DO MIGRANTE PARAENSE / ATRAÇÃO PARA BOA VISTA/RR	45
3.2.1 Des-re-territorialização no contexto migratório paraenses	45
3.2.2 Des-re-territorialização no contexto migratório roraimense	53
4. TERRITÓRIOS MATERIAIS E SIMBÓLICOS PARAENSES NO ESPAÇO BOA-VISTENSE 64	
4.1 REFERÊNCIAS PARAENSES NO ESPAÇO BOA-VISTENSE.....	64
4.2 IMPRESSÕES E SIGNIFICADOS TERRITORIAIS NAS NARRATIVAS DE PARAENSES EM BOA VISTA.....	76
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
6. REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	96
ANEXO A: ROTEIRO PARA ENTREVISTA	97
ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	99
ANEXO C: CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA	101
GRAVADA EM ÁUDIO/VÍDEO E DE USO DE IMAGENS.....	101
ANEXO D: CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO	102
DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA:	102

1. INTRODUÇÃO

A temática tratada neste trabalho dá sequência as pesquisas desenvolvidas em estudos anteriores: no Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo, na Especialização em História da Amazônia da Universidade Estadual de Roraima (UERR), intitulada *Gênero e migrações contemporâneas na Amazônia: o deslocamento de mulheres paraenses para Boa Vista/RR (1990-2010)*, apresentado em 2019; e na Graduação do Curso de História/UFRR na qual foi apresentada a monografia *Migração, (re)territorialização e identidade: paraenses em Boa Vista/Roraima no período entre 1990 e 2010*, defendida em 2018.

Ambos os trabalhos apontaram de forma sucinta para as experiências de migrantes homens e mulheres que saem da sua terra natal a procura de melhores condições de vida, sendo que nos textos ficou evidente que a grande motivação para o deslocamento para Boa Vista/RR foi a procura por trabalho (ALVES, 2018, 2019). Mas não apenas isso, pois verificamos que há uma miríade de fatores para o deslocamento: busca por estudo; para montar seu próprio negócio; acompanhar a família etc. Sobre isso, antes e agora nos pautamos em Salim (1992), que discute que essas inúmeras formas de migrar acabam por organizar o espaço político e social, e decorrem, para os homens e as mulheres, da falta de subsídios para a garantia de uma vida de qualidade. Assim, esta dissertação visa mostrar, a partir dos sujeitos da pesquisa, homens e mulheres paraenses, que a inserção deste grupo migratório é visível e que encontraram em Boa Vista a esperança de conseguir algo que sua terra natal já não lhes proporcionava.

Essa temática amadureceu a partir de encontros com a professora Carla Monteiro de Souza¹. A escolha pelo PPGSOF veio por meio da vontade de desenvolver a profissão como professora de maneira cada vez mais eficiente. E esse curso foi um dos pilares para isso, a profissão docente está cada vez mais exigente e junto com o amor à docência, esse curso deu um crescimento intelectual sem medidas. É indiscutível que o aprendizado nunca finda e esse mestrado foi a chave para cada dia mais estudar.

¹ Para essa empreitada escolhi como minha orientadora. Ela me auxiliou, encorajou e ajudou na elaboração dessa dissertação, com palavras de apoio e incentivo para continuar a pesquisa, construímos uma grande amizade e parceria, durante a escrita desse trabalho que foi o suporte tanto emocional quanto intelectual, sua orientação e revisões foram uma peça fundamental para escrita e desenvolvimento dessa pesquisa.

Além de nos aprofundarmos nas bibliografias que discutem a temática da migração, esta pesquisa nos possibilitou entender a vida cotidiana dos migrantes que se dispuseram em participar dessa pesquisa, e acreditamos que esse contato pesquisador/fonte nos capacitou ainda mais para trabalhar a História Oral (HO) como metodologia para constituição de fontes.

Abrimos nesse momento um espaço para apresentar as pessoas que se dispuseram e narraram suas experiências de migrante no espaço boa-vistense. Homens e mulheres com perfil peculiar, que nos ajudaram a desenvolver este texto e contribuir com os estudos sobre as migrações já existente na Amazônia: 1) Ana Paula Barbosa Alves, casada, professora, 46 anos, veio para Boa Vista em 08 de março de 2005, na época tinha 31 anos, nascida na capital paraense, Belém. Veio para Roraima para acompanhar o esposo. Lá em Belém trabalhava como enfermeira; 2) Daniel José Santos dos Anjos, paraense de Santarém, servidor público, 52 anos, veio para Boa Vista em 1992, o principal motivo de migrar foi para estudar, passou no concurso e mora aqui até hoje; 3) Lucilene Rodrigues Bentes, paraense de Terra Santa, 42 anos, casada ganha a vida como autônoma. Decidiu migrar para trabalhar na casa da tia. Veio para Boa Vista em 2007; 4) Maria do Livramento Souza de Moura, viúva, dona de casa, 63 anos. Veio para Boa Vista em 2010. Numa visita a sua filha em Boa Vista decide ficar; 5) Maria Lucilene da Silva, 53 anos, paraense de Marabá, veio para Boa Vista em 1980. Decidiu migrar para acompanhar o esposo por motivo de trabalho; 6) Tatiane Pantoja de Brito, paraense de São Caetano de Odivelas, 28 anos, professora, mora em Boa Vista desde 2008. O principal motivo de migrar foi estudar e se qualificar; 7) por fim, Ubiratam de Araújo Alencar, paraense de Itaituba, 26 anos, Engenheiro Civil, mora em Boa Vista desde 2009. O principal motivo de decidir vim para Boa Vista foi estudar e se qualificar.

Assim, por meio da metodologia da HO temos aqui relatos vívidos dos migrantes, são histórias que citamos e interpretamos e que destacam o direito de migrar ou não migrar. De acordo com Thomsom, a evidência oral proporciona um registro essencial da história oculta da migração. As fontes orais nos mostram a “‘subjetividade’ – conhecimento, sentimentos, fantasias, esperanças e sonhos — de indivíduos, famílias e comunidades, informa e molda a experiência da migração em todos os seus estágios, e é por sua vez transformada por essa experiência” (2002 p. 349). Portelli acredita que as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (1997, p. 31).

No primeiro capítulo, intitulado *Para estudarmos os(as) paraenses em Boa Vista*, expomos as balizas da pesquisa: a problemática que acompanha a temática; suas justificativas; o objetivo geral e os específicos; o uso da metodologia da História Oral (HO) para constituir nossas fontes primárias.

No segundo capítulo *Relação e Trocas Migratórias entre o Pará e Boa Vista/RR* foi discutido as teorias sobre migração e território no sentido físico e simbólico. Neste capítulo, explicamos com base nos marcos teóricos existentes sobre o que são os processos migratórios, para assim, contextualizarmos as múltiplas territorialidades no espaço roraimenses, após a migração os homens e as mulheres que buscam por meio de mecanismos de aproximação com a sua cultura uma forma de dizer que é de lá (Pará) também, ainda que não esteja mais lá. Desse modo, as identidades de migrantes se moldam e se reconstróem no sentido da domesticação das diferenças e das particularidades, o que leva a formarem novos territórios no espaço roraimense. Temos como base, os processos migratórios na Amazônia nas décadas de 1990 aos dias atuais e colocamos ainda em evidência os dados do IBGE sobre a migração Pará / Roraima.

No terceiro capítulo *Des-re-territorialização de paraenses, a luz de suas experiências* foi feita uma análise das estratégias de re-territorialização de homens e mulheres paraenses no espaço boa-vistense. Logo, os pontos que foram considerados nesse capítulo são a) as territorialidades construídas pelos migrantes paraenses na sua terra natal; b) os fatores socioeconômicos do estado do Pará que de alguma forma incentivou a sua partida. Assim, discutimos também c) as redes de contato que ajudaram os migrantes paraenses no momento da escolha do local de destino (Roraima). Diante da escrita desses capítulos, compreendemos que os territórios paraenses estão sendo consolidados no espaço de Boa Vista devido ao alto índice de migrantes paraenses vindos para cá. Delineando melhor nossa proposta de pesquisa, pretendemos discutir as múltiplas formas de migrar e compreender os fatores do deslocamento dos paraenses para Boa Vista/RR e suas territorialidades no espaço roraimense.

O quarto capítulo *Territórios Materiais e Simbólicos Construídos pelos/as Paraenses no Espaço Boa-vistense*. Nesse capítulo sublinhamos que os paraenses homens e mulheres se conectam com os elementos que os ligam com a sua cultura local. Desse modo, contextualizamos a presença de referências paraenses em Boa Vista/RR, no que destacamos os territórios físicos construídos, colocando em evidência os nomes paraenses e esmiuçamos as narrativas dos entrevistados que pontuaram suas impressões sobre como é ser migrante em Roraima.

Destaco que possuo um interesse particular no tema proposto, pois sou migrante paraense. Saí do Pará muito nova e não me recordo muito de como era lá, mas sempre quis compreender por que meus pais deixaram o Pará para se aventurarem em Roraima. Acredito que um dos principais motivos para escolha dessa temática foi a experiência de ser migrante, mas não conhecer o Pará nas minhas lembranças. Da mesma forma, estar na universidade me deu a chance de pesquisar sobre o tema e estar no ambiente acadêmico, em contato com alguns professores e professoras que se dedicam ao estudo das migrações, me fez querer somar com aqueles que produzem conhecimentos sobre as migrações em Roraima, acreditando que posso contribuir também com as pesquisas sobre migração de homens e mulheres na Amazônia brasileira.

1. PARA ESTUDARMOS OS(AS) PARAENSES EM BOA VISTA

DAQUI EU NÃO SAIO

*Não adianta ficar falando que eu não sou daqui
Daqui eu não saio moço, sou ParaCuxi
Não adianta ficar dizendo que eu não sou de nada
Eu sou Roraimeira da Pedra Pintada
Não adianta ficar pensando que eu vou me mandar
(Zeca Preto)²*

Os estudos migratórios em Roraima já estão consolidados como uma área de investigação que perpassa várias áreas do conhecimento, nas quais observa-se uma variedade de perspectivas teóricas e metodológicas. Destacamos que essa realidade se faz presente tanto pela atuação dos(as) pesquisadores(as) no/do campo das Ciências Humanas e Sociais, quanto pelas características históricas e sociais do espaço roraimense, composto por uma variedade de migrantes vindos de todas as regiões brasileiras e de várias partes do mundo e que se re-territorializam no espaço boa-vistense.

Esta pesquisa se inscreve nesse campo e tem como tema a migração dos paraenses homens e mulheres para Boa Vista, a capital do estado de Roraima. Localizada na sua porção nordeste, em uma área de campos naturais, chamado regionalmente de lavrados, é a área urbana mais antiga do estado de Roraima, tornado município, em 1890 (SOUZA, 2009). Ressaltamos que desde o século XVIII, a colonização da região foi incentivada pelo poder público e marcada pela vinda de migrantes. A intensificação do povoamento e das migrações para Roraima se dá no século XX e, hoje, o estado conta de 605.761 habitantes, dos quais 399.213 vivem na capital, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), e é um espaço que conta com uma intensa mobilidade humana, tanto nacional quanto a internacional. Essa mobilidade acaba por evidenciar múltiplas questões de territorialidades e identidades.

1.1 PARAENSES EM BOA VISTA: TEMA E PROBLEMA

A temática desta pesquisa, surge, portanto, através da percepção da vontade de contribuir com os estudos sobre migração existentes no estado de Roraima. Durante a leitura de trabalhos sobre o tema, captamos a necessidade de pesquisar e desenvolver

² Ver: WANKLER; NASCIMENTO, 2016

produções voltadas para os migrantes homens e mulheres providas do Pará, qualificando e aprofundando essa discussão.

A migração paraense em Roraima faz parte dos intensos movimentos migratórios ocorridos na Amazônia brasileira em diferentes períodos. Diante dessa realidade, a questão central desse trabalho se inscreve: como acontece o processo de des-territorialização da mulher e homem que vieram do Pará para Boa Vista/RR, tendo em vista, o território como espaço de apropriação material, mas, também, no sentido simbólico?

Para compreendermos a problemática suscitada nessa pesquisa foram lidos os autores(as) que discutem o tema da migração interna no Brasil, entre eles: Carla Monteiro de Souza, Pedro Marcelo Staevie, Márcia Maria de Oliveira, Rosana Baeninger e outros. Evidenciando, dentro de conjunto de referências fundamentais sobre migração, destacamos o trabalho de Márcia Oliveira, *“Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea”*, que é uma obra de referência sobre a questão migratória no geral. Dentre as muitas pesquisas sobre migração em Roraima destacamos a de Pedro Staevie (2011) que pesquisou as *“Migrações E Múltiplas Identidades Dos Imigrantes Em Boa Vista – RR”*, no qual abordou a presença crescente de migrantes paraenses no espaço boavistense. Outro texto de importância para essa pesquisa é o de Carla Monteiro de Souza, *“Considerações sobre a inserção social de migrantes gaúchos em Roraima”*, que traz o processo de migração gaúcha em Roraima e nos ajudará compreender as múltiplas identidades no espaço de Roraima, sendo que a autora trabalha “o lugar de muitos ‘eus’ e de muitos ‘outros’” (2006, p. 34) pondo em evidência as múltiplas formas de migrar para Roraima. Ainda em Souza, buscamos o trabalho *“Boa Vista/RR e as migrações: mudanças, permanências, múltiplos significados”*, o qual identificou migrantes oriundos do estado do Maranhão, Pará, Amazonas e outros, no qual destacam que vim para Boa Vista, liga-se a busca de soluções para sobrevivência e o acesso ao emprego, profissões, bens, recursos urbanos os orientam na decisão de migrar e define a permanência ou retorno para seu lugar de origem ou de adoção (SOUZA, 2009).

Destacamos ainda as pesquisas realizadas por Francisco Marcos Mendes Nogueira e Celene Farias de Souza, ambas dissertações de mestrado defendidas no PPGSOF. A primeira aborda a migração de maranhenses sob diversas primas mostrando que estes lançam mão de estratégias de inserção variadas, enfocando o “Arraial do Maranhenses” como um elemento de re-territorialização. A segunda, trata mais

diretamente dessa festa dos maranhenses, analisando suas motivações, seus objetivos, nexos e elementos internos.

Todas essas obras mencionadas sobre a migração em Roraima e na Amazônia têm nos ajudado a compreender esse campo de estudo amplo e plural, sendo a nossa opção centrar na discussão a migração de paraenses para Boa Vista/RR e suas territorialidades construídas nesse espaço.

1.2 POR QUE FAZÊ-LO?

O espaço escolhido para a pesquisa é a cidade de Boa Vista/RR, no entanto, possamos, assim que necessário acrescentar outras cidades roraimenses para compor essa pesquisa, não sendo, uma opção totalmente fechada o espaço boa-vistense. É relevante destacar aqui que muitas outras cidades na região amazônica, é, hoje, habitada por muitos migrantes. A sua expansão urbana está relacionada à chegada de migrantes, com destaque para maranhenses, paraenses, amazonenses, são múltiplas identidades que se misturam e compartilham hábitos e costumes no cotidiano roraimense. Gente vinda para Boa Vista/RR de todos os rincões do Brasil e do mundo e constroem novas territorialidades nesse espaço, assim como no restante do Brasil, que é palco de grande mistura cultural, na cozinha, na música, na cor, troca de ideias, modos de pensar e se expressar (INDRIUNAS, 2011), possui uma diversidade dinâmica, e cada grupo social tem o seu espaço de viver e conviver numa troca de costumes, hábitos e prazeres, vivenciando também contradições e conflitos.

Desse modo, cabe aos pesquisadores homens e mulheres discutir e abordar de forma crítica os fenômenos migratórios, ressaltando que por vezes a mídia e os grupos políticos os tratam de maneira negativa, disseminando o preconceito. Pode-se dizer que em Roraima os maranhenses viveram e ainda vivem atos incongruentes de preconceito, migraram em massa para Roraima enchendo as ruas roraimenses com suas referências culturais, se territorializaram e fazem parte da cultura roraimense, como bem abordaram as dissertações de Francisco Marcos Mendes Nogueira e Celene Farias de Sousa. O maranhense se tornou o outro, pois “para muitas pessoas o diferente assusta”, como alerta Indriunas (2011). Para o autor, “não conhecer a cultura, o modo de vida e a história dos outros, algumas pessoas os temem”, afirmando que “o preconceito está na vida do migrante em geral” e que para muitos “ser migrante é viver diariamente com o estranhamento das pessoas, chegando às vezes, a manifestações irracionais de violência”

(2011, p. 16-18). Hoje, vemos isso acontecer com os milhares de venezuelanos que migraram para Roraima.

Roraima compõe uma variedade de territórios que se misturam e o estudo da migração de paraenses para Roraima adquire relevância social, pois nas últimas décadas percebemos um aumento expressivo na atração de migrantes do estado do Pará para cá (Boa Vista), como mostram dados dos últimos censos do IBGE. Percebe-se diante desse grande movimento de migrantes paraenses nas terras roraimenses uma transformação no cotidiano dos roraimenses que ao receberem os migrantes se reinventam ao aceitarem as influências da identidade cultural paraenses e compartilham das territorialidades paraenses. Aos poucos esses territórios são construídos, vistos e celebrados como uma forma de se autoafirmarem como paraenses, a exemplo disso, noite paraense, Círio de Nazaré com a ceia onde é servido os pratos típicos da cultura paraense e os estabelecimentos que colocam no seu slogan nomes paraenses (Drogaria Itaituba, Açaí Paraense etc.)

Diante da variedade de povos no Brasil estudar os fenômenos migratórios do/no Norte brasileiro é relevante para as pesquisas científicas. Ao estudar a migração paraense em Boa Vista/RR valorizamos a presença desta identidade e suas territorialidades nesse espaço, fortalecendo esse campo de estudo. Desse modo, essa pesquisa tem como foco principal contribuir para o enriquecimento da produção acerca das discussões sobre as migrações em Roraima.

Como já mencionado na introdução, tenho um interesse pessoal neste tema. Sendo migrante paraense, ainda que tenha sido criada em Roraima, as referências ao Pará fazem parte da minha vida, de minhas experiências familiares e pessoais. A vontade de estudar a experiência de ser migrante daqueles que vieram do Pará se fortaleceu e tornou-se realidade na universidade, me permitindo assim contribuir para o entendimento da importância da migração de homens e mulheres na formação da sociedade amazônica brasileira.

1.3 OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICOS

Dentro das abordagens descritas até aqui destacamos o objetivo geral: se justificou em analisar o deslocamento de paraenses para Boa Vista/RR no período entre 1990 a 2010 e suas territorialidades construídas no espaço boa-vistense, tanto no sentido material, como no sentido simbólico.

No campo dos objetivos específicos frisamos de maneira clara as abordagens desse trabalho como: a) contextualizar a relação e as trocas migratórias entre o Pará e Boa Vista/RR; b) analisar os processos de des-re-territorialização de paraenses, a luz de suas experiências.; c) e também, identificar territórios materiais e simbólicos construídos pelos/as paraenses no espaço boa-vistense.

1.4 USO DA HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA

A temática desta pesquisa surgiu, portanto, através da percepção da importância de contribuir para os estudos das migrações no estado de Roraima. Em trabalhos anteriores e durante a leitura de trabalhos sobre o tema, captamos a necessidade de pesquisar e desenvolver produções voltadas para as migrações provindas do Pará, qualificando e aprofundando essa discussão.

Diante disto, para compreender algumas questões que muito nos instigam relativas aos processos migratórios em Roraima e as territorialidades construídas nesse espaço, foi colocado como referências as subjetividades e as experiências migrantes. Para isso, nos apropriamos principalmente da metodologia da História Oral (HO), que em conjunto com outros dados, como os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e com as bibliografias que discutem as migrações em geral e as para Roraima em especial, foi construído o presente texto – dissertação ora desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira. Neste sentido, acreditamos ser fundamental detalharmos a metodologia da HO que foi o principal procedimento desta pesquisa.

As narrativas orais são fontes indiscutíveis para compreender o tema proposto, pois queremos ouvir a “voz” daqueles que migraram. As fontes orais são instrumentos sensíveis para a compreensão das subjetividades dos indivíduos migrantes, bem como dos vários aspectos que envolvem suas experiências migratória e social (PORTELLI, 2010, p.3). Buscamos fontes orais porque os sujeitos da nossa pesquisa mobilizam diferentes elementos materiais e simbólicos para concretizar seu projeto de vida.

É relevante destacar que as experiências dos migrantes, homens e mulheres paraenses que escolheram Boa Vista/RR para morar, fundam-se nos processos de vinda e saída do Pará e nos de chegada em Boa Vista/RR, com a inserção no espaço socioeconômico e cultural boa-vistense, cujo processo de des-re-territorialização buscamos evidenciar nas entrevistas e na abordagem das subjetividades, das suas

experiências de vida e das formas como vivenciam as territorialidades paraenses em Boa Vista.

Em vista disso, construímos esta pesquisa com os resultados colhidos nas entrevistas com migrantes paraenses, são fontes que contribuirão para incorporar e valorizar a participação dos migrantes paraenses na história da e sobre a Amazônia. Ao se disponibilizarem a relatarem suas experiências de re-territorialização em Boa Vista/RR, os paraenses aparecem não só como pessoas que contribuem com a cultura local, mas trazem para a pesquisa várias dimensões “factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais”. Neste sentido, a perspectiva que nos traz da HO é interdisciplinar, envolvendo múltiplas temporalidades, as dinâmicas da vida pessoal e coletiva (DELGADO, 2006, p. 15-16), produzindo um registro muito especial das experiências vividas pelos/as migrantes, que se reinventaram e se re-territorializam no espaço roraimense.

Cabe ressaltar que as fontes orais nos ofereceram uma memória do que foi vivido e experienciado pelos colaboradores homens e mulheres. Segundo Thomsom, “lembranças de quem fomos e de onde viemos moldam nosso sentido do 'eu' ou de identidade no presente e, dessa forma, afetam as maneiras como construímos nossas vidas” (2002, p. 358), questão extremamente relevante quando tratamos de migrações e das territorialidades perpassadas pelo lá e pelo aqui. A memória aqui é entendida como uma forma de representar e de conceber a própria existência, como nos diz Candau (2011), do ponto de vista individual e coletivo/social, sendo sempre seletiva e focada nos aspectos significativos para o/a indivíduo que narra, não sendo, portanto, o registro fiel e imparcial dos fatos, mas um registro reflexivo, carregado de subjetividade, de visões sobre os processos sociais e coletivos.

Escutamos aqui o homem e a mulher trabalhador/a que migrou atrás de uma vida melhor em Roraima, sem que haja distinção de classes. Optamos por incluir os migrantes paraenses que se deslocaram para Boa Vista/RR em diferentes situações, mas que se conectam ao seu lugar de destino através das territorialidades construídas no espaço boavistense. Buscamos para colaborar com sua entrevista oral, sujeitos maiores de idade, dentro da faixa etária dos 18 aos 80 anos, tentando trabalhar com uma média de 03 a 08 migrantes selecionados.

É importante destacar que para obtermos o resultado esperado nas entrevistas, essa pesquisa obedeceu a um roteiro que atende aos seus objetivos, mas que possibilite ao entrevistado responder com tranquilidade e que se sinta à vontade. Ressaltamos que o

roteiro da entrevista serviu para nos guiar no que queríamos saber, mas também para que os entrevistados contemplassem elementos da sua história de vida, além dos aspectos referentes ao tema da pesquisa. Assim, o componente biográfico que existe em toda entrevista de HO (ALBERTI, 2004) é muito bem-vindo na nossa pesquisa, pois uma migração é um processo que envolve a totalidade do indivíduo, mexe com todos os aspectos da sua vida, como nos diz Sayad (1998).

No roteiro foi dada preferência as perguntas mais abertas e flexíveis, enfatizando aspectos como o espaço e o cotidiano vivenciados nos lugares de origem, o processo migratório, questões sobre a identidade de migrante e suas territorialidades, como os primeiros contatos com o espaço de adoção e a vivência cotidiana no lugar de destino. Visamos suscitar reflexões no nível da experiência dos entrevistados homens e mulheres para compreendermos o processo de adaptação no novo espaço e o processo de re-territorialização.

Utilizamos um gravador para colhermos as entrevistas para registrar as vivências e experiências dos paraenses em Boa Vista/RR, gravando apenas a voz. De antemão, destacamos que escolhemos junto com os entrevistados um espaço silencioso e confortável e o melhor horário para o encontro. Para tanto, foi necessário realizar contatos prévios com os sujeitos, para conhecê-los e sensibilizá-los para a adesão à pesquisa. Para organizar o trabalho, utilizamos uma ficha de identificação da entrevista e um caderno de campo.

Ressaltamos, ainda, que a utilização da HO envolve riscos e benefícios para pesquisadores e colaboradores, como ademais todo procedimento de pesquisa com seres humanos. Para tanto, este trabalho se submeteu ao crivo do Conselho de Ética da UFRR e teve o aval (TCLE, documento assinado) dos participantes das entrevistas.

Para os colaboradores, acreditamos que os riscos se ligam ao próprio tema da entrevista, tendo em vista o significado que uma migração tem na vida de uma pessoa. Assim, a rememoração da experiência migratória pode suscitar emoções, constrangimentos, estranhamentos e interditos. Posteriormente, pronta a dissertação, pode haver algum incômodo com a exposição de alguns aspectos relatados ou com a forma como foram contextualizados no texto. Acreditamos que a transparência e o esclarecimento de todas as questões e objetivos da pesquisa, assim como a conferência do conteúdo das entrevistas, com o fornecimento de uma cópia aos colaboradores homens e mulheres, podem minimizar esses riscos.

Como benefícios, além da inestimável contribuição para a produção do conhecimento qualificado sobre a sociedade roraimense – o que deve ser enfatizado frente a onda de descredibilização da ciência e da produção acadêmica – o registro das experiências migrantes dos entrevistados é uma contribuição para a visibilidade dos paraenses que vivem em Roraima, tendo em vista, esse ser o segundo grupo migrante mais numeroso do estado, atrás apenas dos maranhenses.

Neste campo, destacamos que a expressiva presença demográfica de paraenses em Roraima não se dá só nas últimas décadas, mas são históricas, já que as trocas populacionais entre os dois estados ocorrem desde bem antes da existência das duas unidades federativas. Assim, a pesquisa contém também a apresentação de dados populacionais e a sua discussão quantitativa e qualitativa, consultando principalmente os dados do IBGE a partir de séries históricas e inserindo o tema da pesquisa no contexto das migrações para a Amazônia e Roraima.

Junto a isso, reforçamos que as fontes orais foram peças fundamentais para essa pesquisa, e em conjunto com os textos existentes sobre migrações na Amazônia, em Roraima e em Boa Vista serão de base para compreender o tema proposto, ainda que tenhamos plena consciência das possibilidades, mas também das limitações e grandes responsabilidades que envolvem o trabalho com a metodologia da História Oral.

2. RELAÇÃO E TROCAS MIGRATÓRIAS ENTRE O PARÁ E BOA VISTA/RR

Como tema central desse trabalho, a migração é vista de múltiplas formas, e queremos aqui expor os fundamentos que nos norteiam a escrita do trabalho, que tem como recorte temático o deslocamento de paraenses para Roraima (Boa Vista) e o processo de des-re-territorialização desses migrantes homens e mulheres.

Aqui também traçamos um quadro que liga o Pará à Boa Vista/RR, contextualizando os deslocamentos aqui estudados, por meio a perspectiva que aborda a articulação entre origem e destino.

2.1 TEORIAS DE MIGRAÇÃO E TERRITÓRIOS

No campo migratório, Sayad (1998) ao interpretar a migração discute que existem múltiplas formas de migrar, apontando que cada conhecimento científico aborda as particularidades dos deslocamentos no mundo, como a História, Geografia, Demografia, Economia, Direito, Sociologia, Psicologia e Psicologia Social, Antropologia em suas diversas formas (social, cultural, política, econômica, jurídica etc.), marco que situa a sua visão da migração como um “fato social total”. Para o autor,

... o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião) etc. Cada uma dessas especificações e cada uma das variações dessas mesmas especificações podem ser objeto de uma ciência particular (SAYAD, 1998, p. 15).

Dessa forma, de acordo com o autor citado as teorias de migração no mundo contemporâneo são campos múltiplos, possuem uma característica heterogênea, pois cada mobilidade possui suas particularidades. Por meio desta abordagem multidisciplinar as pesquisas podem verificar as feições próprias, diferenciadas, distintas de cada fenômeno migratório. Assim, ao estudar cada fenômeno de forma minuciosa a compreensão de cada movimento se torna mais expressiva, mais aprofundada em sua multiplicidade.

Por outra perspectiva, Salim (1992) justifica que a teoria da migração não é limitada, ela é múltipla, pois abre janelas para o estudo do fenômeno migratório por várias concepções. Desse modo, o autor apresenta as teorias que considera principais subdividindo-as em troncos, no que classifica como: modelo neoclássico contemporâneo; perspectivas históricas estruturais; mobilidade da força de trabalho.

Com relação ao primeiro tronco, Salim considera que existe um equilíbrio na migração para a manutenção da falta ou excesso de mão de obra nas cidades, assim, nessa ótica neoclássica, “os estudos pressupõem o cálculo racional e a livre decisão dos indivíduos de migrar”, é a lógica racional do capital. Esta seria a “razão de livre trânsito dos corpos no espaço: o movimento dirime a heterogeneidade espacial e propicia o equilíbrio”, sendo assim, mobilidade de equilíbrio (1992, p. 124).

Para o segundo tronco, o autor fala em “diferentes movimentos da população que, genericamente, explicam-se pelas mudanças no âmbito da estrutura de produção” (SALIM, 1992, p. 125). De acordo com o ele esse tronco passa pelo processo de generalidade e abrangência da unidade de análise (motivos) e são concebidas em termos de classes, grupos socioeconômicos, agregados e até mesmo individual para migrar.

No último tronco, o autor discute que a mobilidade é forçada e um dos principais motivos é a expansão física do capital. Dessa maneira, o trabalhador é um mero acessório da máquina que detém o poder econômico. Esse trabalhador acaba sendo uma reserva forçada para os postos de trabalhos, assim, a migração se conecta com os ciclos econômicos (SALIM, 1992), pois o trabalhador acaba atraído para os lugares onde supostamente acredita que tem trabalho.

Portanto, a migração pode ser interpretada a partir da economia do espaço e a gestão capitalista da mão de obra (modelo neoclássico contemporâneo), ou vinculada a tradição dialética do marxismo e responsável sobre várias questões críticas sobre as migrações na América Latina (perspectivas históricas estruturais). Sendo assim, releitura dos economistas clássicos procuram reinventar a análise da migração no processo geral da acumulação capitalista (mobilidade da força de trabalho).

A migração de homens e mulheres é um fenômeno que remete a processos complexos e, dentro desse campo de múltiplos significados da teoria da migração, esta pesquisa busca fazer um diálogo mais aprofundado sobre a migração dentro do Brasil, tendo como referente que a cultura brasileira é plural, diversa. Neste sentido, a migração, segundo Indriunas (2011), pode ser vista como um estudo da diferença, da compreensão do outro, uma troca de costumes, na qual se cruzam vários modos de pensar e de se expressar.

Nos estudos sobre a Amazônia brasileira Oliveira, em sua tese de doutorado, intitulada *Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea*³, aponta que é possível

³ A tese foi publicada em livro com o mesmo título, em 2016.

observar “as especificidades e os desafios no campo epistemológico” quando tratamos dos processos migratórios na Amazônia, se propondo a contribuir para este campo em sua pesquisa “com os aportes interdisciplinares das teorias que proporcionam um estudo sistematizado das migrações e suas influências na construção do espaço urbano na Amazônia” (2014, p. 11). Da mesma forma, corroboramos com a autora quando diz que é preciso lançar um olhar crítico sobre o que chamamos de “migrantes”, tendo em vista que as migrações na Amazônia se mostram cada vez mais diversificadas, ou seja, abarcando uma diversidade de sujeitos e de processos, explicando que “o sujeito portador da fala e do discurso sobre a migração apresenta-se como o portador de uma identidade transformada e reformulada na dinâmica das migrações”. Em sua pesquisa, assim como na nossa, constata que “emergem elementos que corroboram a retomada do significado e do poder da fala e do discurso dos migrantes (2014, p. 59) quando os escutamos e registramos suas experiências.

Pois, a luz disso, a dinâmica migratória na Amazônia nos dá uma visão sobre a mobilidade na Amazônia brasileira, na qual o homem e a mulher paraense ao passar pelo fenômeno da migração representa um fenômeno “positivo”, pois ao migrarem vivem uma troca de hábitos, costumes deixando a sociedade da Amazônia brasileira cada vez mais híbrida.

A vista disso, Oliveira (2016), ao abordar a migração interna na Amazônia brasileira propõe pensar o processo desruralização da região, nos colocando diante de três grandes eixos da sociedade moderna, que são: 1) os processos de acelerada urbanização que o homem, a mulher migrante se vem forçados a sair da área rural para as cidades a busca de trabalho; 2) os problemas ambientais resultantes desses processos; e 3) a questão política.

Consequentemente, a partir do início da década de 1990, a autora observou, na contramão, o tardio êxodo rural especialmente no sul do estado do Amazonas, noroeste do Mato Grosso, praticamente toda a extensão de Rondônia, norte e noroeste do Pará e boa parte de Roraima, a entrada maciça das grandes empresas do agronegócio ligadas principalmente ao monocultivo da soja, milho e arroz. A desruralização representa, além disso, uma enorme dificuldade que a Amazônia enfrenta no âmbito dos processos de urbanização. Assim como a desruralização e a migração inversa têm ocorrido sem o devido planejamento e a urbanização segue o mesmo padrão observado nas informações estatísticas e nos resultados da pesquisa de campo feita por Oliveira (2016). Considerando os dados quantitativos, de modo especial aqueles fornecidos pelo Instituto Brasileiro de

e Estatística – IBGE, em sua última contagem demográfica realizada em 2010, a população da Amazônia apresentou um aumento considerável nas últimas décadas, chegando, em algumas cidades, a duplicar os indicadores. Fato ocorrido em Boa Vista/RR, e que é mostrado no presente trabalho.

Neste sentido, destacamos a importância das cidades neste contexto em que:

Os migrantes são pessoas em busca de novas espacialidades e territorializações numa conjuntura que apresenta, por um lado, um espaço pensado e imaginado, esperado pelos migrantes. Por outro lado, o que existe é o espaço real, encontrado por muitos e negado a outros (OLIVEIRA, 2016, p. 56).

Assim, no bojo teórico desta pesquisa usamos ainda autores que evidenciam a migração dentro da compreensão de território ou territorialidades. A teoria de território que estudaremos nessa pesquisa se relaciona com o espaço físico e ainda com o espaço no sentido simbólico. No físico, o ato de migrar passa pelo processo de sair de um lugar para outro (Pará/Roraima), o que leva a construção de novos territórios no lugar de destino, emergindo o aspecto simbólico, podendo o fenômeno migratório ser classificado como processo de des-re-territorialização (HAESBAERT, 2005).

Dentro da concepção de Haesbaert o território pode ser relacional, absoluto ou relativo, vai depender da circunstância. Para o autor o território se define mais estritamente a partir de uma abordagem sobre “o espaço que prioriza ou que coloca seu foco, no interior dessa dimensão espacial, na ‘dimensão’, ou melhor, nas problemáticas de caráter político ou que envolvem a manifestação/realização das relações de poder, em suas múltiplas esferas” (2008, p. 105). Dessa forma, o migrante homem e mulher paraense ao se deslocar do seu local de origem – espaço físico que compreendemos como as linhas que separam o território do estado do Pará – constituem linhas territoriais que delimitam que o migrante é do Pará e muito mais, pertencimento.

Desta feita, tomamos como referências teóricas nesse debate a ideia de um continuum de articulação territorial desde os territórios – ou, para sermos mais precisos,

os processos de territorialização – com maior carga funcional (e “material”, poderíamos acrescentar) até aqueles com maior carga simbólica, sem perder nosso foco nas relações de poder. Considerando os dois extremos (que, se existissem, seria apenas enquanto “tipos ideais”), diríamos que não é possível conceber territórios puramente funcionais (já que sempre, por menos expressiva que seja, estará neles contida uma dimensão simbólica), nem territórios puramente simbólicos (neste caso, alguma referência a um espaço material, por alguns denominado espaço – ou território – “de referência identitária”, deverá estar presente) (HAESBAERT, 2008, p. 106).

Propomos, nesse trabalho, optar pela expressão “territorialidade”, assim como propõe Haesbaert, em que a sua “materialização” se torna imprescindível.

embora todo território tenha uma territorialidade (tanto no sentido abstrato de “qualidade ou condição de ser território” quanto no de sua dimensão real-simbólica), nem toda territorialidade – ou, se quisermos, também, aqui, espacialidade – possui um território (no sentido de sua efetiva realização material). (HASBAERT, 2008, p. 106).

Dentro da narrativa de Haesbaert entendemos a “desterritorialização, antes de tudo, como a perda de um território em seu sentido simbólico, na identificação que os grupos sociais desenvolvem a partir de um determinado espaço de referências”. Para o autor, a desterritorialização do migrante, no sentido cultural ou simbólico, se dá “na medida em que, destituído do seu lugar e de suas paisagens de origem ele se vê também destituído também de valores, símbolos, que ajudavam na construção de sua identidade”. (2005, p.37).

Portanto, no processo de desterritorialização do migrante homem e mulher sugerido por Haesbaert entendemos que os territórios dos migrantes no lugar de destino passam pelo processo de re-territorialização, diante disso, o migrante absorve a cultura local, no entanto, procura também elementos que o aproxime da cultura de origem. Nesse jogo de des-re-territorialização o homem e a mulher migrante, vivem o processo de “multiterritorialidade”, aspecto “importante para a reinserção ou inclusão social dos migrantes”, que “somente aqueles que tiveram acesso às várias escalas de ordenamento territorial do mundo serão capazes de sobreviver com mais dignidade” (HASBAERT, 2005, p. 44).

O autor acima destaca ainda a importância da abordagem do campo simbólico, quando explica que é por meio do “simbólico ou das representações que o migrante pode melhor se ‘segurar’, a fim de manter um mínimo de territorialidade perdida no decorrer do seu deslocamento espacial”. Argumenta que no processo de migração “sobram sempre ‘geografias imaginárias’ que, juntamente com os outros elementos constituidores de sua cultura, podem ser revividos/rememorados, reconstituindo assim a identidade do migrante enquanto grupo” (HAESBAERT, 2005, p. 40).

Queremos também trazer para essa discussão das territorialidades dentro da concepção do contexto migratório, as teorias de território e territorialidades referenciadas por Saquet, que reafirmam, o que foi dito acima por Haesbaert. Para Saquet (2008, p. 81) o território é considerado, sobretudo, “produto histórico de mudanças e permanências

ocorridas num ambiente no qual se desenvolve uma sociedade. Território significa apropriação social do ambiente; ambiente construído, com múltiplas variáveis e relações recíprocas”. O autor justifica que o homem e a mulher agem no “espaço (natural e social) de seu habitar, produzir, viver, objetiva e subjetivamente. O território é um espaço natural, social, historicamente organizado e produzido; a paisagem é o nível visível e percebido deste processo”. Portanto, “o território é produto de ações históricas que se concretizam em momentos distintos e sobrepostos, gerando diferentes paisagens”.

Nas palavras de Saquet (2008, p. 82) os processos sociais são “multiescalares e multitemporais”, ocorrendo “em todas as atividades de nossa vida cotidiana”.

A construção de uma ponte ou de um edifício é multiescalar e multitemporal bem como o ato (material-imaterial) de compra de um par de sapatos ou a realização de uma celebração/missa por um padre ou por um pastor da IECLB. Ambas as situações significam movimento histórico e relacional a um só tempo, com continuidades (permanências) e descontinuidades (rupturas, mudanças). O tempo significa, nesta compreensão, um movimento contínuo. O tempo presente, passado e futuro indica processualidade e, também, simultaneidade, pois vivemos diferentes temporalidades e territorialidades, em unidade, em processo constante e concomitante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre novas territorialidades e novos territórios que contêm traços/características dos velhos territórios e territorialidades.

Até o presente momento, pelas pesquisas por nós já realizadas, acreditamos que os territórios dos migrantes estão relacionados ao que Saquet (2008, p. 85) fala sobre o território de referência, que tem “um caráter predominantemente histórico e imaginário, é material e imaterial (memória individual e/ou coletiva); é o território a que se habitou ou se conhece através de leituras e lembranças, que podem ser afetivas ou conflituosas”.

É importante destacar que os migrantes que fizeram parte das entrevistas nos anos de 2017 e 2021, advém de uma migração relacionada com a falta de trabalho na sua cidade de origem, e a busca de melhores oportunidades e condições de vida no lugar de destino e construíram novas territorialidades em Roraima.

Diante disso, retomamos Sayad (1998) quando discorre que foi o trabalho que fez “nascer” o migrante, que o fez existir, assim o migrante, desaparece quando desaparece o trabalho. O autor se baseia na dinâmica da emigração e migração motivada pelo fator trabalho, entretanto, cabe destacar que Sayad trabalha o processo migratório a partir de variados ângulos, dos quais destacamos a subjetividade.

Junto a isso, ao nos perguntamos quem são os migrantes, estamos, invariavelmente, de uma maneira ou de outra, nos perguntando sobre as territorialidades

vividas e percorridas por esses migrantes homens e mulheres que se juntam com os não migrantes. Para Gallo:

O migrante não partilha, de imediato, das suposições locais sobre os hábitos e condutas. Ele não se desvencilha, a priori, de seus laços de amizade, parentesco e pertencimento. Como reflexo o migrante vive os sistemas de referência: do destino (mesmo como uma contradição) e de sua terra natal. O migrante não vive o movimento migratório de forma polarizada, unidirecional e linear. (2011, p. 51).

Percebe-se que o homem, a mulher migrante busca por meio de mecanismos de aproximação com a sua cultura uma forma de dizer que é de lá também, ainda que não esteja mais lá. As identidades de migrantes se moldam e se reconstruem no sentido da domesticação das diferenças e das particularidades, o que leva a formarem novos territorialidades. Portanto, os migrantes homens e mulheres ao buscar emergir num mundo alheio, mundo do outro, o faz com a estratégia de torná-lo algo familiar, para que possam se aproximar de sua lógica, compreendendo seus sentidos e significados. Assim, “entendemos que tal busca remete à apreensão da experiência migrante” (GALLO, 2011, p 49), aspecto este fundamental no desenvolvimento deste trabalho.

2.2 BOA VISTA/RR & PARÁ

Roraima na década de 1990 era um Estado recém-criado e as expectativas de desenvolvimento econômico nesse lugar se torna um chamariz para os migrantes de muitos lugares do Brasil. Pontuando a criação do Estado, as múltiplas territorialidades presentes temos os migrantes paraenses que veio e tomou posse desse lugar e após se adaptarem passaram a se sentir roraimenses.

Retornamos um pouco na década de 1980 quando Roraima era ainda Território Federal e citamos Nogueira, Veras e Souza (2013, p. 4) onde justificam que no contexto histórico, político e espacial estão situados dentro das implicações do processo migratório para o extremo Norte, visto que neste período ocorreu um boom populacional por meio das migrações, em especial a de nordestinos. Muitos migrantes tiveram como “motivação a ‘fofoca’ do garimpo em solos roraimenses, destaca-se ainda a ação das redes sociais” resultando no reordenamento espacial, tanto com a criação de novos estados como na mudança territorial.

A historiografia de Boa Vista, capital de Roraima, é palco de um grande índice de migrantes que se reinventam e compartilham dos seus hábitos, costumes etc. Basta observarmos na janela de casa, ao conversar com uma ou mais pessoas e identificamos migrantes vindos de todo lugar, e isso, não é de hoje.

A mobilidade em Roraima acompanha a mobilidade citada por muitos pesquisadores homens e mulheres, dentre eles, citamos Albuquerque (2019, p. 208) que disserta

a partir da chegada do “homem branco” nesta região nesse momento, dar-se início ao processo de colonização, com momentos marcantes, bons e ruins, como em qualquer história e em todo o lugar do mundo. A partir daí, por conta da interação entre povos oriundos de diferentes lugares do país, culturas distintas começaram de certa forma a interagir com a cultura indígena, existente neste lugar a centenas de anos. Nesse momento, podemos dizer que uma nova dinâmica de composição acerca do patrimônio cultural local começa a se formar.

Migrar e emigrar é um processo corriqueiro na Amazônia como já demonstrado neste trabalho, são nordestinos, paraenses, gaúchos, etc., que se deslocam a procura de lugares para morar melhor que o seu de origem. São migrantes com histórias particulares, mas que se interligam com as múltiplas histórias de migrantes, compondo assim, o processo migratório na Amazônia. São sujeitos que se deslocam muitas vezes impulsionados pelo fator econômico, no entanto, cabe destacar que não é apenas o fator econômica que motiva o processo migratório na Amazônia.

Para compor os múltiplos fatores que motivam o homem e a mulher decidirem sair da sua terra natal contextualizamos aqui as trocas migratórias na Amazônia e assim contribui para o aumento da diversidade cultural.

Temos aqui nesse trabalho o espaço Amazônico que é palco de um movimento migratório intenso com homens e mulheres vindos de muitos lugares para dividir o espaço com os moradores da Amazônia. Gonçalves (2010) argumenta que a “Amazônia, Amazônia” possui múltiplas culturas, são os seringueiros, caboclos, retireiros, pescadores, mulheres quebradeiras de coco de babaçu, populações negras, camponeses das mais variadas origens etc., essa gente, é a Amazônia brasileira, ou melhor dizendo “as Amazônias”, nesse espaço tem-se migrantes e não migrantes: uma cultura diversa.

Esse espaço natural da Amazônia se adequa ao capitalismo desenfreado que modela a economia para promover o lucro do capital, assim, a mobilidade humana na Amazônia e, segundo Oliveira (2016) é o reflexo do movimento do capital e os migrantes

são os sujeitos que contribuem para organizar o mercado de trabalho, o migrante é a peça fundamental do mercado.

A autora justifica que nas últimas décadas dos anos 1980 o levante da nova visão historiográfica proporciona uma nova releitura das culturas na Amazônia contribuindo ainda mais com as mobilidades humanas, a expansão do imperialismo invadiu grandes hectares de terra em nome do desenvolvimento e poluíram de maneira desastrosa o espaço amazônico, calaram povos e/ou mataram, tudo em nome do capitalismo, visando sempre o lucro.

Diante das grandes mudanças espaciais motivadas pelo lucro e os inchaços populacionais a Amazônia passa por importantes transformações sociais e culturais, as transformações no espaço amazônico e a grande mobilidade de pessoas e mercadorias resultaram nas construções de estradas para manter o desenvolvimento, principalmente o desenvolvimento econômico, logo, com a construção das estradas a economia passa a girar mais rápido e a Amazônia ganha um impulso expressivo na economia e na migração, o transporte agora de pessoas e produtos crescem mais rapidamente (OLIVEIRA, 2016).

Com isso, surgem os centros urbanos e as trocas migratórias entre Pará e Roraima após 1980 são um reflexo da abertura das estradas e do crescimento urbano onde os paraenses homens e mulheres acabam sendo atraído pelo mercado de trabalho ou a facilidade de montar o seu negócio em Roraima.

Mapa 1: Localização Territorial de Boa Vista/RR



Fonte: <https://www.guiageo.com/roraima.htm>

O processo migratório dos paraenses em estudo se consolidou por meio da íntima relação de contato necessária entre o Pará e Boa Vista/RR, numa complexa dinâmica territorial efetivada por conexões formadas pela família e amigos e que foram e continuam sendo mantidas pelas redes de interação social entre os dois territórios.

É evidente que as condições precárias de muitos paraenses no seu estado de origem favorecem a emigração de uma parte relevante da população, como demonstrado até aqui. Roraima acabou sendo a “opção” para migrar.

A seguir apresentamos os números crescentes de migrantes para Boa Vista/RR (Quadro 1). Os municípios de Itaituba/PA e Santarém/PA foram os lugares com maior número de pessoas que migraram para Boa Vista/RR, sendo Itaituba o primeiro em procedência entre 1986 e 2000.

Quadro 1: Migração de paraense para Boa Vista: 1975-1980; 1986-1991; 1995-2000

Entrada de migrantes paraense em Boa Vista (1975-1980)		Entrada de migrantes paraense em Boa Vista (1986-1991)		Entrada de migrantes paraense em Boa Vista (1995 – 2000)	
Procedência	Número	Procedência	Número	Procedência	Número
Belém	374	Itaituba	1.564	Itaituba	5.000*
Santarém	157	Belém	712	Santarém	1.691
		Santarém	705	Belém	670
		Xinguara	295	Rurópolis	500*
Total	531		3.276		7.861*

Fonte: Diniz e Santos (2004) Dados do IBGE. Adaptado pela autora.

*número aproximado.

Diante do crescimento da migração contemporânea de paraenses em Boa Vista/RR, (Quadro 1), as entrevistas orais, foram uma das ferramentas fundamentais que corroboraram com o conjunto de textos existente sobre migrações em Boa Vista/RR, reafirmando o entendimento de que a migração nesta cidade é um tema complexo. Nesta perspectiva, a pesquisa se baseia também em histórias vividas. Essas, por sua vez, são narrativas particulares que evidenciam as experiências de uma coletividade, contribuindo para formar as histórias de migrantes paraenses em Boa Vista/RR. Nestas narrativas os entrevistados não mostram apenas como eles veem a si mesmo e o mundo, mas também como são vistos por outros sujeitos das sociedades que partilham.

Nesse contexto das migrações na Amazônia os homens e as mulheres migram por motivos que vão além dos problemas econômicos, são fatores que acompanham o migrante desde a tomada de decisão de migrar até o local de destino, no qual, por exemplo, as redes de contato são um fator decisivo na hora de migrar e as relações de parentesco e/ou de amigos é essencial para motivar o destino a ser escolhido pelo migrante (TRUZZI, 2008).

No caso dos paraenses estudados até o momento por nós além do desejo de sair do Pará relataram a proximidade com algum amigo ou familiar, como as migrantes Tatiane Brito (2017) que afirma que veio para Boa Vista/RR porque já tinham um parente que morava aqui, saiu do Pará em 2008, com 19 anos, para morar na casa da sua tia.

Por sua vez, Maria Silva (2017), migrante saiu do Pará com em 1989, com 25 anos, para acompanhar seu marido, justifica que veio porque um conhecido veio primeiro e disse que aqui tinha trabalho para seu marido.

O migrante Daniel Alves (2021) veio para Boa Vista/RR, com 25 anos, porque sua comadre o convidou e como ele queria estudar numa universidade pública veio para morar no início com ela.

Para compor o grupo de migrantes que vem direto para Boa Vista sem paradas citamos ainda Ubiratam Alencar (2017) que motivados pelas redes de contato vem para estudar, este migrante sai do Pará com 18 anos, para fazer a faculdade em Boa Vista. Vem para morar com o tio. Assim como Ubiratam Alencar, os migrantes citados acima colocam que a motivação e a decisão para migrar se relaciona com a presença de alguém já residente em Boa Vista/RR. Esse vínculo dá a estas pessoas um apoio, uma confiança para escolha do local de destino, fazendo-o parecer mais próximo para elas. Logo, podem contar com um suporte afetivo e/ou material para uma melhor inserção e adaptação ao novo lugar.

De outra maneira, para compor ao grupo de migrantes que sai do Pará e vão no primeiro momento para outro lugar citamos Lucilene Bentes (2017) e Maria do Livramento Moura (2021) antes de decidir migrar para Boa Vista/RR vão primeiro para o Amazonas. As migrantes demonstram também nas suas falas as redes de contato ao sair do Pará com destino ao Amazonas e ao decidir, depois ir para Boa Vista/RR.

Portanto, Lucilene Bentes (2017) sai do Pará em 1996, com apenas 21 anos, e vai para a casa da tia que mora em Manaus/AM para trabalhar na sua casa e ajudar nos afazeres domésticos, sobre sua estadia em Manaus até decidir vir para Boa Vista/RR, relataremos nos próximos capítulos, frisamos, nesse momento, apenas a relação das redes de contatos. Por outro lado, para ela vir para Boa Vista, sua cunhada vem primeiro para depois ela vir. Lucilene Bentes (2017) vem 11 anos depois para Boa Vista/RR, ou seja, o seu deslocamento compõe o processo de partida do Pará em 1996 para Amazonas, e depois para Roraima em 2007, com 42 anos, para trabalhar de conta própria, pois ao ouvir da sua cunhada que aqui era bom para trabalhar, botar o próprio negócio decide vir.

Já Maria do Livramento Moura migra para o Amazonas para acompanhar o esposo porque o seu primo que mora em São Gabriel da Cachoeira/AM falou que lá tinha trabalho para ele e como em Belém estava difícil trabalho, pois seu esposo já passava dos 50 anos Maria do Livramento Moura (2021) decide sair do Pará em 2007, a migrante ao sair do Pará tinha 50 anos, logo depois, em 2010 vem para Boa Vista/RR para morar com sua filha, pois o seu marido faleceu e ela veio ajudar sua filha nos afazeres domésticos. Diante disso, entendemos que Lucilene Bentes (2017) e Maria do Livramento Moura (2021) estão relacionadas aos grupos de migrantes que antes de vir para Boa Vista vão

para outro lugar, para depois vir para Boa Vista e conseqüentemente a rede de contato contribuiu no momento da tomada de decisão ao migrar.

Como visto acima o processo migratório dos paraenses que vivem em Boa Vista são permeadas por uma temporalidade peculiar: presente, passado e futuro que se ligam e interagem e produzem informações para conteúdos tidos como mais objetivos, compartilhando e disputando espaço com o boa-vistense – os roraimenses filhos da terra – e os migrantes de outras localidades, no nosso caso, os paraenses manifestando suas emoções, emitindo opiniões, juízos de valor e atribuindo sentido à vida em sociedade e dessa forma, colaborando para o entendimento da sociedade local contemporânea.

Neste caminho, para melhor compreensão demonstramos, no mapa conceitual a seguir (Figura 1), como entendemos o processo que acompanha o paraense desde a tomada de decisão ao sentir-se roraimense. Observe na figura que junto com a tomada de decisão, o migrante vem para Boa vista/RR devido vários elementos e, após sua inserção ligado ao trabalho, passa a pertencer também a esse espaço, construindo assim novas territorialidades.

Figura 1: Tomada de decisão de migrar ao sentir-se roraimense



Fonte: Própria autoria (2021).

Sendo assim, como visto no mapa conceitual acima migrar não corresponde a algo simples, logo, esse migrante se desvincula de muitas coisas no seu local de origem e ao chegar em Boa Vista tudo está para fazer, desde conquistar novas amizades, a procurar por trabalho. No tópico a seguir contextualizaremos os elementos que ligam o migrante homem e mulher ao “ser” de lá (Pará), mas também “pertencer” ao aqui (Boa Vista).

2.3 SOU DE LÁ...SOU DAQUI...

A expressão que dá nome a esta seção, é título de uma canção do poeta, cantor e compositor Zeca Preto, ou melhor, José Maria de Souza Garcia, paraense que migrou para Boa Vista, em 1975 (WANKLER; NASCIMENTO, 2016) e desde então canta os dois lugares que moram no seu coração, Pará e Roraima.

A sociedade roraimense compartilha um elevado índice da chegada de migrantes e múltiplas territorialidades: são maranhenses, paraenses, venezuelanos, guianenses e gente vinda de todos os lugares do mundo. Após o processo migratório os homens e as mulheres migrantes também passam a integrar ao espaço roraimense, desse modo re-territorializados se sentem pertencentes a essa cultura roraimenses. A curiosidade, diante disso, é que sentir-se roraimense não é prerrogativa apenas para os nascidos aqui, mas

sentir-se roraimense é, também, ser um migrante que ao longo dos anos vive e se sente pertencente a esse lugar (Roraima) e que constroem territórios relativos à sua terra de origem (Maranhão, Pará, Rio Grande do Sul, Ceará etc.), uma espécie de gatilho acionado para lembrarem e reafirmarem quem são.

Cabe frisar que até o migrante se adaptar em Boa Vista/RR ele passa por um processo longo e doloroso que o acompanha desde a tomada de decisão de migrar (FIGURA 1): carregado por dor de sair do seio dos seus familiares e amigos, medo do novo e o desespero na chegada em Boa Vista/RR, muitos paraenses afirmam que até conseguir um trabalho tudo era difícil. A inserção no trabalho e a construção de novos laços de amizades, e o passar dos anos, faz com que esse migrante se sinta à vontade e pertencente à Boa Vista. De modo geral, foi o que podemos inferir nas falas dos homens e mulheres até aqui entrevistados.

A construção de territórios migrantes no espaço de Boa Vista/RR está consolidada, um exemplo disso, são os territórios maranhenses e, a respeito disso, Sousa (2018, p. 37) nos mostra as territorialidades construídas pelos maranhenses, que driblaram o preconceito trazendo para o espaço boa-vistense a festa “O Maranhão é Aqui”, afirmando que este “é um dos meios de expressão da cultura maranhense”. Os resultados da sua pesquisa evidenciam que a festa “reúne em um único espaço e em uma certa data culturalmente expressiva, com o desejo de mostrar sua beleza e encanto, a dança, a culinária, a música e artefatos que são de uso comum no Maranhão”, destacando que dessa festa participam tanto migrantes como não migrantes, contribuindo assim para as trocas culturais no espaço de Boa Vista/RR.

Segundo a autora citada acima a “Festa surgiu a partir das atividades da Comunidade Católica São Raimundo Nonato, juntamente com o propósito de reviver a cultura maranhense (2018, p. 40). A Festa, é um evento que “ao longo dos anos, atraí um público expressivo não apenas de maranhenses, que vão em busca das referências da terra deixada para trás, mas do público em geral” (2018, p. 52).

Diante disso, compreendemos por meio do texto de Sousa (2018, p. 52) que as

... características que aparecem e se apresentam na Festa expressam uma identidade maranhense que se quer valorizada, visibilizada. São também eles que os ligam a sua terra natal, revivendo e recriando suas memórias e reafirmando uma identidade em jogo no processo de migração. Demonstram a importância deste espaço, onde contatos e relações se estabelecem e/ou são reafirmados, por meio das atividades e ações inerentes à Festa, mas também por outras, o que expande o sentido da Festa para além do seu período de realização.

Nessa direção, Nogueira estuda também os territórios maranhenses no espaço boa-vistense e o seu texto representa as múltiplas formas que assumem estes territórios. Nas suas palavras um dos pontos em discussão é “analisar a inserção territorial maranhense na cidade de Boa Vista por meio do processo de re-territorialização”, tomando como elementos “as dimensões material e simbólico-cultural do território, haja vista que, a territorialização pode ser compreendida a partir de múltiplas formas, seja na sua construção e/ou apropriação por meio de ações concreta ou simbólica (2015, p. 89).

Nogueira justifica que considerando o território a partir do “revestimento” afetivo e simbólico ou, ainda, como reflexo de uma multidimensionalidade do vivido-territorial, no mapeamento das territorialidades dos maranhenses na cidade de Boa Vista/RR, chama a atenção alguns pontos importantes. Um deles é que os maranhenses por serem o maior grupo social de migrantes na capital, Boa Vista, a territorialização é parca e manifestada de forma tímida, apontando que a des-re-territorialização se apresenta como um movimento contínuo, no qual a reterritorialização se caracteriza no movimento de construir novos territórios no lugar de destino”, evidenciando-se “elementos de continuidade e de descontinuidade; de materialidade e imaterialidade (2015, p. 96).

Para o autor a Festa “O Maranhão é Aqui”, realizada no período junino, é uma “importante manifestação sociocultural-identitária”. Por isso, conclui que “a questão identitária engendra questões de reivindicações e do simbólico-cultural, isto é, a cultura e a identidade maranhense não são só uma questão de produção ou consumo”, havendo antes de tudo “a representação e a regulação a partir do grupo social (2015, p. 111).

Diante das falas de Sousa (2018) e Nogueira (2015) podemos perceber que as identidades maranhenses, traços culturais também fazem parte das muitas identidades presentes no espaço de Boa Vista/RR. Além das territorialidades maranhenses temos muitas outras, são múltiplos territórios construídos em Boa Vista/RR, que de alguma maneira faz com que esses migrantes passem a se sentir um pouco daqui.

A presença de migrantes paraenses homens e mulheres se somam e se conectam com os vários brasileiros que decidiram morar em Roraima, precisamente em Boa Vista, criando assim territórios físicos – espaços construídos que podemos ver a olho nu – e, de outra forma, lembrando Haesbaert (2005), territórios simbólicos. Dessa maneira, cada migrante paraense carrega consigo múltiplas territorialidades, que com o passar dos anos, como dizem os migrantes em estudo, após o processo doloroso que foi migrar, já se sente pertencente ao lugar de destino.

Diante do exposto acima, pensamos no que é ser migrante e roraimense? Compreendemos que sentir pertencente a um determinado local não significa que nascemos nele, mas que absorvemos e nos integramos as culturas locais. Para melhor compreensão disso, a seguir apresentamos alguns momentos em que os entrevistados demonstram que se sentem roraimenses. Daniel Anjos (2021), por exemplo, narra que:

Boa Vista pra mim é a minha vida mesmo, foi aquela passagem da saída de casa pra viver sozinho. Então, em Boa Vista é que eu, onde eu tive o meu primeiro emprego efetivo, me formei em Boa Vista constitui família, apesar dos meus filhos não terem nascido aqui, mas todos os dois foram criados em Boa Vista, estudaram aqui, um já se formou, o outro já vai se formar também. Então, tudo o que eu tenho, eu agradeço à Boa Vista. Porque foi meu primeiro emprego, como eu disse, possui minha primeira casa, meu primeiro carro, meus filhos cresceram aqui, tudo isso consegui aqui. Então, pra mim, Boa Vista é a minha vida, depois que eu saí de casa.

Por sua vez, outra migrante que também deixa transparecer que Boa Vista pertence a sua vida é Ana Alves, logo, ela justifica:

pra mim, Roraima é uma segunda casa, ou a primeira casa, porque aqui eu cresci como profissional, atendeu todas as minhas expectativas, fiz amizades verdadeiras, né? Me encontrei como professora é na minha profissão hoje, né. Sou professora de alunos indígenas e tenho o maior respeito por todos os povos indígenas do Estado, aprendi a respeitar né? No início eu trabalhava com pessoas que conviviam com HIV. E como é difícil, né? Viver com uma doença estigmatizante em qualquer lugar do Brasil e aqui também. E eu comecei a trabalhar com doenças contagiosas aqui. E eu fui me fazendo, crescendo, me formando como pessoa como profissional aqui. Então, pra mim, Roraima, ela é um presente, eu não pretendo ir embora, pretendo morar aqui até envelhecer, até morrer, mas gosto de Belém/PA pra visitar. Gosto de Belém/PA pra poder passear, de ver. Mas, assim, me acostumei as pessoas tem muita gente boa em Boa Vista/RR, conheci muitas pessoas de fora também, mas as pessoas da terra são simples, são calorosas, são, são pessoas que nos recebem bem e eu me sinto em casa, eu me sinto como se fosse daqui, né? Eu tenho o meu terceiro filho que nasceu aqui, o Paulo Henrique, né? E eu me sinto em casa, eu não pretendo ir embora, minha família também gosta daqui minha filha, meu filho. Então, a gente sente falta das coisas de passear lá no Pará, dos atrativos de Belém, dos meus irmãos, da minha sogra, de alguns tios, mas não tenho pretensão de ir embora daqui não. Graças a Deus tenho muita gratidão por Boa Vista, por Roraima.

A fala do primeiro migrante, mostra que depois que saiu da casa dos seus pais no Pará com destino à Boa Vista, conquista seu trabalho, sua família e conseqüentemente é um homem cujo raiz se consolida no espaço boa-vistense, daí também chama essa terra de sua. Já a fala de Ana Alves, mostra a importância do trabalho na integração social na cidade.

A forma pelo qual cada migrante evidencia os motivos de migrar e de se reafirmar como pertencente ao de lá (Pará) e ao aqui (Boa Vista) não esconde que cada migrante absorve um pouco da cultura roraimense. O paraense numa espécie de fuga para sobreviver sai do Pará e agora é morador de Boa Vista/RR e passa pertencer também a esse espaço. Com base no que foi exposto acreditamos que o migrante até chegar no processo adaptação, as transformações territoriais são inevitáveis em Boa Vista/RR e as simbologias recriadas são um gatilho que ligam o paraense a sua terra natal, sobre isso discutiremos minuciosamente no capítulo 4. Portanto, podemos compreender a dor e o sentimento de perda ao sair do Pará, pois sabemos que migrar não é apenas ir ali e voltar, mas um processo que carrega muitos sentimentos, e a apropriação das simbologias criadas no novo lugar ajudam no processo de aceitação do novo.

Voltando à poesia de Zeca Preto, acreditamos que Daniel Anjos e Ana Alves e muitos outros paraenses poderiam entoar o refrão da canção:

Sou sim sou daqui sou de lá, sou de lá
Sou sim sou daqui sou de lá, sou daqui...
(Zeca Preto. “Sou daqui, sou de lá”)⁴

⁴ Ver WANKLER; NASCIMENTO, 2016, p. xxx

3. DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO DE PARAENSES, A LUZ DE SUAS EXPERIÊNCIAS

Com a migração surgem também novas territorialidades construídas pelos migrantes no lugar de destino. Sendo assim, os entrevistados homens e mulheres passaram pelo processo de se desligar-se do seu espaço de origem (Pará), no qual estavam seus espaços físicos e simbólicos de vivência, seu lar, seu trabalho, sua terra, sua biblioteca, sua igreja, dentre outras territorialidades.

Diante do que já foi mencionado até aqui explicamos que cada migrante carrega consigo caracteres da territorialidade de seu lugar de origem e de outros lugares onde viveu, caracteres esses que compõem um universo de experiências próprias, que é acionado e ressignificado no momento da migração, quando o migrante engendra, então, a construção de uma nova territorialidade, (re)territorializa-se, com processos comuns, cotidianos, mas que geram uma estabilidade e com o passar do tempo o pertencimento ao aqui. Haesbaert (2005) aponta que o homem e a mulher migrante passam pelo processo de múltiplas territorialidades, mais complexo que com o não migrante, pois teve que se reinventar no novo lugar de destino encontrando elementos que formam laços de pertencimentos ao aqui (Roraima), mas buscando se reafirmar como também de lá (Pará).

3.1 TERRITÓRIOS PARAENSES

Diante da necessidade de buscar melhores condições de vida, homens e mulheres paraenses buscam novos lugares para morar, evidenciando-se a atração das cidades, pois propiciam ao migrante mais possibilidades de trabalho, que acaba sendo um dos fatores principais da migração (SAYAD, 1998). Nessa perspectiva, muitos migrantes na Amazônia ultrapassam as fronteiras do seu estado de origem à procura de trabalho.

Em pesquisas anteriormente desenvolvidas, estudamos o processo migratório de paraenses para Boa Vista/RR, nas quais identificamos os principais motivos de atração relatados pelos migrantes pesquisados. Apuramos que dos que migraram por conta própria ou com a ajuda de terceiros, vieram à procura de trabalho (setor público ou privado), muitos migraram para estudar e outros migraram para acompanhar os familiares (ALVES, 2018, 2019).

Antes de nos aprofundarmos nas territorialidades construídas no espaço roraimense, é preciso observar a diversidade cultural paraense e as várias representações

culturais do ser paraense que engendram suas territorialidades. O Círio de Nazaré, por exemplo, reflete essa diversidade, pois expressa a sociedade paraense em sua multiplicidade cultural com certas particularidades, tendo repercussão nacional. Segundo Queiroz (2016) a identidade do homem amazônico, nativo de Belém do Pará, não pode ser separada do Círio de Nazaré, pois o aspecto sagrado que ocorre no Círio influenciou diversas gerações, mudando hábitos, tradições, reformulando a vida social dos praticantes da fé católica. Assim, entendemos que a representação do Círio – um evento que marca a sociedade paraense em diversos fatores – marca, portanto, a vida dos migrantes paraenses em Boa Vista.

Desse modo, entendemos que os costumes deixados na terra natal se tornam presente nos dias de hoje e demarcam território. Nas palavras de Queiroz, o Círio é uma tradição que vem dos antepassados, exemplificando que até mesmo o local onde se assiste a procissão, “é essencialmente tradicional, pois grande parte das famílias tem como ponto de referência este espaço, ou aquele espaço, por diversas gerações” (QUEIROZ, 2016, p. 206) evidenciando que as territorialidades paraenses são cheias de significados.

O estado do Pará compõe uma heterogeneidade social e cada município do estado representa uma identidade. Belém/PA, por exemplo, é tema de um acervo de músicas que conta a história da cidade e da sociedade paraense, valorizando a cultura paraense por meio das músicas que representam a fauna, a flora e as particularidades dessa sociedade, dando assim, sentido ao que o Pará representa na Amazônia.

Podemos pensar que a capital paraense exerce um protagonismo na composição de uma identidade regional. Nesse sentido, Lôbo, Oliveira e Chiba (2007), exemplificam bem essa questão, ao abordarem o DVD “Trilogia – A força que vem das ruas”, o conteúdo é composto por um show que reuniu artistas locais, realizado entre 2004 e 2005, em Belém, no qual são apresentadas 27 músicas, cujo objetivo era representar “todo o ritmo do universo paraense”. Segundo os autores, “cocares e adereços folclóricos foram espalhados pelo palco e utilizados em interpretações”, bem como “enfeites com traços da cerâmica marajoara”, criando um “jogo cênico” que avaliam atende ao “discurso institucional da cultura paraense, que já é associado imediatamente à cultura local”.

De forma crítica, e chamando a atenção para a pluralidade da cultura paraense, os autores afirmam sobre o referido DVD:

Mesmo sendo a “música do povo paraense”, as canções do show enfocam, sobretudo, Belém, tratando - quando muito - de alguns municípios vizinhos, mas sem nunca dar conta dos mais de 140 municípios do estado e suas

respectivas manifestações culturais. Sem dúvida, todos esses elementos sugerem e tentam firmar uma identidade cultural amazônica. (LÔBO; OLIVEIRA; CHIBA, 2007, p. 3).

De acordo com os autores citados acima compreende-se que a vivência regional é divulgada pelas manifestações artística local. Esse pertencimento é assimilado por sujeitos tão diferentes que, por meio da música popular paraense, se identificam com tal vivência. Dessa forma, as representações aí divulgadas atuam na constituição de universos consensuais, utilizando construções que provocam a consciência de certas ideias, justificando práticas, orientando modos de vida e de pertencimento em meio a pluralidade e a multiplicidade.

As representações nas festividades, nas músicas, na culinária constituem um imenso Pará como mencionado acima. E é, também, Brasil. Portanto “as características sociais, históricas, geográficas e o processo de miscigenação específicos na Amazônia Atlântica geraram união das pessoas em torno de um conjunto de valores comuns, que lhes dão um sentido de identidade” (FUSCALDO, 2015, p. 98).

Ao representar as territorialidades paraenses por meio da fé, da música e dança, dos alimentos (açai, pato no tucupi, bobo de camarão, dentre outros), compreende-se que os traços identitários paraenses ficam mais evidentes. Muitos paraenses se deslocam de um lugar para outro, mas, se reinventam no novo espaço e constroem novos territórios, de outra maneira, procuram elementos para se reafirmarem como paraenses. Nesse prisma, Haesbaert (2005) justifica que o cotidiano do migrante é doloroso ao passar pelo processo de escolha do lugar de destino e depois de conhecimento do novo lugar, muitos migrantes acabam se conectando com o lugar de origem por meio dos festejos. O crescimento do número de migrantes paraenses em Roraima é um elemento visível para compreendermos os muitos espaços territoriais construídos por eles.

Sobre o crescimento de gente paraenses em Roraima Stavie (2011) discorre que de 1975 a 2000 o número de migrantes paraenses chega a 7.117 pessoas, aproximadamente, e continuou crescendo até os dias atuais. O autor citado aponta que dentre os migrantes dos outros estados brasileiros em Roraima, o Pará sai da quarta posição no ranque para a segunda, a partir de 1991, ficando atrás apenas dos (as) migrantes provindos do Maranhão.

Ser paraense nas diversas cidades da Amazônia brasileira tem sido um desafio, centenas de migrantes que saíram com destino ao Amazonas, Roraima, Maranhão e outras localidades, se re-territorializam trazendo elementos que os lembre a cultura paraense.

Desse modo, a representação da cultura paraense é um elemento positivo para imagem da Amazônia, ganhou representatividade no mundo, por meio, do Círio, da dança, da música e das comidas típicas do Pará. É comum que a mulher e o homem paraense ao migrarem buscam se autoafirmarem em Boa Vista/RR e participam e/ou organizam eventos que a sociedade roraimense presencia.

3.2 DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO: MOTIVOS DA PARTIDA DO MIGRANTE PARAENSE / ATRAÇÃO PARA BOA VISTA/RR

É inquestionável que a presença de paraense em Boa Vista/RR resulta, pois, na formação de novas territorialidades e novas formas de concepções do uso e do processo de domínio do território, com uma troca de carga cultural entre a população migrante e a população local, ocorrendo uma re-territorialização do migrante paraense nesse espaço.

Assim, podemos demonstrar nesse tópico, que o migrante homem e mulher paraense ao passar pelo processo de se deslocar do Pará para Roraima de uma forma ou de outra estão se des-re-territorializando, ou seja, segundo Haesbaert o migrante ao passar pela des-territorialização, onde envolve elementos ligados a partida do migrante – destituir do território de origem, das paisagens e etc., deixa esse migrante multiterritorializado, no sentido que ao se des-territorializar, o migrante está em constante transformação territorial e ao longo da vida constrói novas territorialidades. Por outro lado, será discutido aqui os principais motivos de atração dos migrantes paraenses para Boa Vista/RR e as estratégias de re-territorialização acionadas por eles nesse espaço. Junto a isso, as análises das narrativas estão voltadas ainda para a compreensão da inserção socioeconômica de paraenses em Boa Vista/RR.

3.2.1 Des-re-territorialização no contexto migratório paraenses

O estado do Pará é um grande centro econômico na Amazônia, por outro lado, Roraima não o é, mas ofereceu oportunidades que atraíram migrantes. Diante disso, queremos expor as desigualdades sociais existentes entre esses estados. Pontuamos que devido ao desequilíbrio na economia do mundo, em que a riqueza se concentra nas mãos de poucos, o “resto”, podemos até afirmar as migalhas, ficam nas mãos de uma massa de pessoas, considerando a maioria de trabalhadores que luta todos os dias pela sobrevivência em trabalhos árduos que muitas vezes não garante “o pão de cada dia”.

Neste aspecto, Salim (1992) justifica os processos migratórios em que a economia gira em função do capitalismo, os migrantes a procura de sobrevivência passam de um estado para outro. Assim, homens e mulheres saem do Pará com destino a outros estados brasileiros para melhorar suas vidas, e aqui contemplamos paraenses que relatam essas experiências, vindo encontrar aqui em Boa Vista/RR.

Ao pesquisarmos as histórias desses migrantes, tomamos o que diz Oliveira, que “as origens e causas das migrações na Amazônia, ainda são bastante complexas e paradoxais e representam um desafio aos estudos migratórios na região”. Em suas pesquisas a autora identifica “que a procura dos meios de existência e subsistência e a garantia da sobrevivência representam os principais fatores de deslocamento de pessoas individuais e de grupos familiares”, baseando-se na perspectiva da “mobilidade do trabalho” como importante fator que impulsiona os migrantes, “que partem com o objetivo de garantir uma possibilidade de vida melhor para si e para suas famílias” (2015, p. 114).

Neste caminho, buscamos fontes que colocam a economia paraense em evidência e, diante das leituras, nos questionamos por que esses migrantes saem do Pará, levando em consideração a economia roraimense, que está exposta para atrair.

Para explicarmos isso, colocamos que a economia paraense teve uma construção histórica baseada no extrativismo, que no início do século XX ganhou um grande impulso através da economia da borracha. Isso permitiu que vários imigrantes, principalmente europeus, fossem atraídos para a cidade de Belém em busca de modelos de negócios que impulsionassem suas riquezas, bem como uma grande quantidade de migrantes as áreas de extração da borracha e outras atividades. O surgimento de pequenas indústrias de transformação, permitiu a capital paraense substituir um gama de produtos antes importados dos grandes centros (CHIACCHIO; CHIACCHIO, 2021). No entanto, é importante destacar que a economia paraense não é igual no estado todo, como se referem o autor Chiacchio e Chiacchio (2021, p. 24), para eles a indústria na capital paraense se deu, de certa forma, deslocada do eixo da região sudeste do país, observando que:

Mesmo com a crise da borracha, a partir de 1910, muitas indústrias continuaram sendo criadas. E por volta da década de 1960, o modelo de desenvolvimento regional foi modificado e o estado passou a apostar em grandes empreendimentos minerais e latifundiários.

Como vimos a economia paraense cresceu, movimentou/movimenta a economia amazônica, desse modo, é inquestionável o movimento econômico positivo no estado do Pará, conforme os dados econômicos a seguir. No entanto, o que nos chama atenção é que os migrantes participantes dessa pesquisa relatam uma história que diverge desses dados, relatando que por não estarem contentes com a real situação econômica saíram do Pará rumo a Boa Vista/RR, evidenciando a desigualdade que se abate sobre a maioria da população.

O Estado do Pará é um dos mais importantes alicerces de desenvolvimento econômico e sustentável da região norte do país e da Amazônia. Citamos, diante disso, o site InvestPará (2019) que contextualiza,

os últimos anos têm demonstrado a consistência do crescimento econômico enraizado na ativa interação da produção doméstica com o mercado internacional, bem como no pujante mercado interno que conta com diversas oportunidades multisetoriais, seja em atividades industriais, serviços, inovação e biodiversidade. O conjunto de fatores favoráveis do Pará apresentado nessa página, além da privilegiada localização e logística, faz do Estado um ambiente extremamente propício para todo tipo de investimento.

O site de cunho capitalista, apresenta os pontos positivos da economia para conquistar investidores, logo, demonstra

que os principais produtos exportados sejam do setor mineral, múltiplos setores produtivos têm ganhado espaço na pauta exportadora, através da verticalização e da agregação de valor à produção. Primeiro, a exportação de madeira deve ser destacada, com um volume de US\$ 253 milhões e uma variação positiva de 40,99% em relação à 2017, mantendo como principal comprador os Estados Unidos. O setor do agronegócio vem ganhando cada vez mais espaço no Pará e, em 2018, teve uma variação positiva de 30,68% em relação ao ano anterior. Outro dado importante é que a castanha-do-pará foi o produto que teve a maior variação de crescimento no ano, chegando a uma variação positiva de mais de mil por cento. Vale destacar também a produção e industrialização o Cacau, Açaí, Dendê, Pecuária, Aquicultura, Biodiversidade, Floresta Plantada, entre outros, está tornando a economia do Pará cada vez mais diversificada, inovadora e competitiva.

Na descrição vemos até as previsões de investimentos para o Pará no período 2019-2030:

na faixa de R\$ 127 bilhões, principalmente impulsionados por grandes projetos dentre os quais citamos: Ferrovia Paraense e Ferrogrão, Derrocamento do Pedral de Lourenço, Serviço de Cabotagem Interregional no Planalto das Guianas e Zona de Processamento de Exportação de Barcarena.

Por outro lado, ao fazermos o levantamento da economia do estado do Pará, pontuamos os dados do IBGE, Brasil/Pará (2017), que informa que no último censo de 2010 a densidade demográfica era de 6,07 hab/km² de pessoas. Trazemos também para esta pesquisa os dados do IBGE, Brasil/Pará (2017) o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – medida de desenvolvimento de um país, que avalia não só os aspectos econômicos, mas também os sociais, considerando que não é apenas a economia que mede o avanço de uma população, mas a relação sociocultural, a educação e dentre outros. Nesse caso, analisamos IDH do estado do Pará que no censo de 2010 correspondia a 0,646 e comparado aos outros estados brasileiros é o 24º no ranque (Figura 2).

Figura 2: IDH – Pará, 24º no ranque do país, 2010



Fonte: IBGE, Brasil/Pará (2017).

Diante dos dados levantados sobre o estado possuir uma economia favorável, sendo, portanto, local de escolha para muitos migrantes vindos de todo lugar do mundo e

principalmente os maranhenses que vivem lá, saíram do Maranhão com destino ao Pará para fugirem da pobreza (SILVA, 2008). No entanto, ao juntarmos o IDH do Pará evidenciamos, na contramão disso, os paraenses homens e mulheres que saíram do Pará, porque não encontraram garantias necessárias de sobrevivência.

Observamos, assim, que muitos chegam e outros saem do Pará. Para tanto, os principais motivos de saída do migrante paraense estão relacionados a procura por trabalho e/ou estudo. Os migrantes entrevistados que vieram para Roraima sempre pontuam como causa principal para migrar “o trabalho”. A fala da migrante a seguir destaca que o principal motivo de vir para Boa Vista/RR foi o de acompanhar o cônjuge que veio por causa do trabalho do seu marido. Cabe destacar aqui que estado de Roraima ocupa uma posição de fronteira dando aos militares uma boa opção de promoção para vir morar em Roraima e a migrante em estudo é exemplo disso, seu esposo vem para Boa Vista porque como militar foi promovido, e devido a isso, ela decide o acompanhá-lo. Observe a sua fala:

Como eu disse a tomada de decisão foi acompanhar o cônjuge que recebeu uma promoção para trabalhar em Roraima, pois ele é militar, mas tinha um cunho também afetivo, né, porque o meu relacionamento com meu esposo lá em Belém não estava tão bom e ele pediu para escolher: se eu não o acompanhasse nós iríamos nos separar na época eu tinha uns 2 filhos, né, e aí eu pensei bem, né, claro, também pensei nessa questão de sair de casa (morávamos numa casa da Vila da aeronáutica) não morávamos numa casa própria, mas, só que estávamos perto da família e de amigos, né, meus filhos já estavam iniciando adolescência também tinha os amiguinhos deles lá. E foi isso, pensando nessa possibilidade de término de relacionamento decidi acompanhá-lo. (ANA ALVES, 2021)

Assim, ao entrevistarmos Ana Alves (2021) percebemos que junto com a dor de tomada de decisão de vir para Boa Vista/RR, relacionada aos processos econômicos do lá e do aqui. Vem para acompanhar seu esposo, pois ele decide migrar para Boa Vista/RR porque recebeu uma promoção de trabalho e, por sua vez, a migrante em estudo se vê numa situação bastante complicada, a de ter que escolher, se “larga tudo”, emprego, vínculos de amigos, familiares etc. O medo de migrar, expressado pela entrevistada, apresenta elementos de uma pessoa forte, diante desse ato, de decidir enfrentar a situação, inferimos que a história de vida de Ana se mistura com as vivências de muitas mulheres que assim como ela migram para acompanhar seus esposos.

Percebemos ainda nessa narrativa um jogo de relação de gênero, pois o trabalho do homem e suas decisões tiveram mais importância na tomada de decisão na hora de migrar. A migrante mesmo estando empregada na sua terra natal, acompanha o marido

para não o perder, para manter a família unida: “foi essa a decisão maior de vir pra cá pra Boa Vista” relata a migrante. Ela não tinha ainda proposta de trabalho, “pensava em trabalhar, é, mas até o momento não tinha nenhum contato com ninguém, aqui em Boa Vista/RR não conhecia ninguém nos hospitais, né, para trabalhar, no primeiro momento”. Foi uma decisão difícil, pois a migrante largou seu trabalho como enfermeira na sua terra natal para acompanhar o cônjuge com destino à Boa Vista/RR.

Apesar da migrante não gostar muito da ideia de partir, a necessidade de ir para Boa Vista/RR se destacou, tendo em vista, o emprego garantido que o marido tinha. É importante frisar aqui que a migrante decide mudar de vida e ir para um lugar desconhecido. Ela se aventurou e veio. Em vista disso, Ana Alves (2021) representa um conjunto de histórias de migrantes mulheres que se cruzam no espaço boa-vistense, que vem para acompanhar seus maridos.

As narrativas desse trabalho se interligam às múltiplas histórias de migrantes, são muitas justificativas para migrar. Tem o migrante que vem para estudar e morar; aquele que vem para trabalhar; outro que vem para acompanhar um familiar (pai, mãe, marido, esposa etc.); outro vem porque um filho, uma filha veio primeiro, como Maria do Livramento Moura (2021), que relata que sua filha veio primeiro para Roraima e que numa visita à Boa Vista/RR decidiu ficar.

Na decisão de migrar, aflora o desejo de estar com a filha que já morava em Boa Vista, mas também o fato de a filha já ter conseguido trabalho aqui.

Quando eu vim aqui passar um Dia das Mães com a minha filha, que ela já trabalhava aqui, de enfermeira, e eu vim passar três dias aqui, trouxe duas roupas dentro de uma sacola, quando eu cheguei aqui, fiquei encantada com os ventos nas ruas, as praças, as frutas nas feiras, aí eu fiquei encantada (MARIA DO LIVRAMENTO MOURA, 2021).

No entanto, seu processo de saída do Pará se dá anteriormente, no momento que ela decide com seu esposo migrar para o Amazonas, indo para São Gabriel da Cachoeira (município do interior do estado do Amazonas, localizado na fronteira com a Colômbia e Venezuela, no extremo noroeste Região Norte do Brasil). Esta migrante no primeiro momento decide ir para o Amazonas e depois de alguns anos é que vem para Boa Vista porque sua filha morava aqui.

Quando eu saí do Pará, eu saí em 2002, mas eu não vim pra Boa Vista. Nós fomos morar em São Gabriel da Cachoeira/AM. Nessa época, eu trabalhava com a Tupperware. E aí eu saí do Pará, resolvi sair. Porque o meu marido quis sair de Santarém/PA, porque o meu primo trabalhava em São Gabriel da Cachoeira/AM com taxi de lotação. E nessa época estava muito difícil emprego

pra os homens de 50 anos, né? 47, 48, anos, por aí, né, 45, eu acho. Então, ele, nós fomos pra São Gabriel da Cachoeira/AM (MARIA MOURA, 2021).

Observamos que nas duas narrativas acima fica evidenciada a ação das redes de contato familiares, neste caso, impulsionando o deslocamento do Pará até a chegada em Boa Vista.

O percurso migrante de Maria do Livramento Moura é muito significativo, pois mostra que ao lado dos motivos econômicos se juntam muitas outras situações de vida, nas quais se justifica a saída do Pará, as passagens pelo Amazonas e depois a vinda para Roraima. Ressaltamos que este fenômeno acompanha vários migrantes paraenses em Boa Vista/RR, pois antes de chegar aqui passam por outros lugares.

Para se somar aos motivos de migrar e a atração para Boa Vista/RR mencionadas nesse tópico por Ana Alves (2021) e Maria do Livramento Moura (2021). Outra migrante Maria Silva (2017) justifica:

A cidade em que morava não apresentava boas expectativas de trabalho e o meu esposo achou bom deixar o Pará e se aventurar num novo espaço que poderia ser melhor que o seu de nascimento, nós ouvía que aqui possuía possibilidades de trabalho (MARIA SILVA, 2017).

Essa fala, representa o que foi explicado no decorrer desse trabalho, falta de trabalho também foi uma variante positiva na tomada de decisão na hora de sair do Pará.

Em síntese, ao analisar as narrativas acima entendemos que mesmo com experiências vividas e contadas de maneira diferente, um ponto em comum de vir para Boa Vista/RR foi o trabalho, relacionadas à ocupação dos maridos. A relação do trabalho como um dos motivos principais da migração se liga a ideia de “garantir uma possibilidade de vida melhor para si e para suas famílias”, como apontou Oliveira (2015, p. 114) acima.

Pontuando ainda esta questão, outra migrante relata como motivo de saída do Pará a falta de trabalho. Lucilene Bentes (2017), por sua vez, argumenta que a sua saída do Pará foi porque a tia a chamou para morar em Manaus/AM para ajudar nos afazeres domésticos e no que precisar. Portanto, a migrante vai morar primeiro em no Amazonas para depois vir para Boa Vista como mencionado anteriormente:

Como ela mesmo fala: “lá no Pará, onde eu morava era muito difícil conseguir emprego”. Neste caso, aparece aqui a rede familiar e, também, a prática de trazer um parente (uma jovem) para os serviços da casa, Lucilene Bentes vai de livre vontade em

1996 e depois em 2007 vem para Boa Vista também por livre vontade para trabalhar como autônoma a convite da cunhada e hoje vende frango assado e sustenta sua família apenas com a venda de comidas em Boa Vista.

Para melhor compreensão a respeito do deslocamento da Lucilene Bentes (2017), dividimos a experiência dessa migrante em duas formas, o processo da sua saída do Pará para Manaus/AM, chamamos de: a) primeiro momento, chega em Manaus/AM muito nova, com apenas 21 anos, o seu objetivo principal em migrar não era o estudo, mas o trabalho; o outro processo classificamos b) segundo momento, vem para Boa Vista/RR porque em Manaus/AM o serviço estava ruim, já não estava dando para sobreviver como ela queria.

Compreendemos, diante disso, que esse tipo de deslocamento com paradas é recorrente na vida de muitas migrantes, pois migram com o objetivo de trabalhar, mas quando não encontram o que desejam no local de adoção se deslocam para onde eles acreditam que possa encontrar trabalho (SAYAD, 1998).

De outra forma, um grupo de migrante que também se destaca em Boa Vista/RR são os jovens que vem para estudar. Com base nisso trazemos a fala de Ubiratan Alencar (2017), que sai do Pará em 2008. Este migrante sai do Pará com 18 anos, para fazer a faculdade em Boa Vista:

Vim sozinho para Boa Vista para estudar e se qualificar, pois ouvia que em Roraima o acesso ao estudo era mais fácil, deste modo, vim para morar com meu tio. Em Itaituba não atendia as minhas expectativas em relação ao estudo, pois ao terminar o ensino médio gostaria de me qualificar e me tornar médico e por ser mais difícil fazer o curso em Santarém, que eu não tinha parentes lá, optei por vim para Boa Vista, uma vez que, meu tio mora aqui. Vim para estudar medicina, mas não deu certo, logo fui aprovado em Engenharia Civil, na Universidade Federal de Roraima (UBIRATAN ALENCAR, 2017).

Na mesma direção, Tatiane Brito (2017) enfrenta o medo de viajar aos 19 anos e a saudade dos seus pais, ao sair do Pará, em 2008, era apenas uma jovem, e relata:

Vim para Boa Vista/RR com o objetivo de estudar, pois em São Caitano de Odivelas/PA, minha terra natal, as condições de estudo eram precárias. Então, vim para morar na casa da minha tia. Consegui concluir o Ensino Médio, dei sequência aos estudos aqui, já me formei em Licenciatura em História em 2017, pela Universidade Federal de Roraima (TATIANE BRITO, 2017).

Os motivos de migrar se relacionam muitas vezes ao fato de faltar trabalho na terra de origem do migrante, isso é um ponto principal, mas não é apenas isso. Como

falado pelos dois jovens, à época da migração, a carência de serviços básicos, como educação, levou os dois à migração.

Ao somar as evidências da migração paraense para Boa Vista/RR, foi interpretado por nós que se os migrantes homens e mulheres tivessem “escolha”, não sairiam de junto dos seus familiares e amigos, dos seus territórios consolidados. No entanto, em vista da necessidade de sobrevivência, de uma forma drástica, tiveram que deixar tudo para traz e vir para Boa Vista/RR.

Entendemos que migrar não é simplesmente pegar a mala e sair. Não é algo tão simples, envolve sentimento de perda, medo do novo, dor da separação dos amigos e familiares, entendemos, portanto, que a vida dos migrantes não é uma coisa fácil.

A exemplo disso, retornando à fala de Lucilene Bentes (2017) foi observado na sua expressão que ela não tinha deixado sua família (mãe, pai, irmã, irmão) e amigos para ir para um lugar que ela não conhecia. A migrante sai do Pará carregando consigo um filho de um ano de idade.

É notório que o medo a tomou, mas, o desespero de encontrar emprego longe da sua terra natal foi mais forte e a esperança de proporcionar uma vida digna ao seu bebê deixou a migrante motivada para migrar. É importante destacar que essa migrante representa as muitas mulheres que se aventuram, enfrentam seus medos e correm atrás de lugares distantes do seu de nascimento para criarem seus filhos com a esperança de lhes darem uma vida digna.

Em suma, justificamos que o perfil⁵ dos homens e mulheres entrevistados é de migrantes sem recursos financeiros, obrigados a se deslocarem a procura de melhores condições de trabalho e de um lugar para sobreviver com dignidade. Essas narrativas, se interligam com as de muitos migrantes que vem para Roraima e os motivos para migrar não tornaram a tarefa muito fácil, mesmo com a esperança de mudança de vida, se desligar dos laços criados é doloroso.

3.2.2 Des-re-territorialização no contexto migratório roraimense

Pretendemos agora, chamar a atenção sobre a vontade de não migrar, que cada migrante deixa transparecer na sua fala durante a entrevista, pois muitas vezes os

⁵ Nos baseamos na abordagem de Oliveira (2015, p. 115-116) quanto aos perfis migratórios, que nos diz que “entendido como alguns delineamentos possíveis acerca dos migrantes e sua condição migratória na Amazônia”, a autora afirma que todo perfil carrega enorme limitações.

migrantes homens e mulheres paraenses não têm “escolha” para decidir “ficar”, tendo em vista, a falta de trabalho e/ou falta de condições dignas de saúde, educação e muitos governos não garante a melhora de vida para a população brasileira os fazendo “partir” de um lugar para outro, vão para uma terra desconhecida a procura por sobrevivência digna, pois quando não acham na sua terra de origem buscam num outro lugar sendo, portanto um migrante que pela falta de ações políticas voltada para trabalho para todos, garantias mínimas de sobrevivência decidem vir para Boa Vista/RR e são recebidos e com a adaptação nesse espaço constroem novas territorialidades.

Sobre isso, buscamos apoio em Salim (1992), que argumenta que o processo migratório é algo arquitetado, manipulado ou até mesmo programado pelos líderes políticos que participam da organização do Estado, assim os projetos são voltados para a “organização social”, ou seja, organização do mercado de trabalho. Nessa perspectiva, as inúmeras formas de migrar acabam por organizar o espaço político e social do local de destino, apontando para uma troca de carga cultural entre a população migrante e a população local.

Por sua vez, Bauman (2017) nos alerta sobre o descaso dos governos recentes, no que tange o significado de migração. Para ele a migração é incentivada por homens e mulheres que dominam o sistema que controla o capital. O autor sugere que é evidente o direito de migrar, esse direito é imutável, mas também coloca em discussão sobre o direito de não migrar.

Contemplamos nesta mesma direção, Oliveira (2016) que disserta que os migrantes na Amazônia são obrigados a se deslocarem a procura do trabalho, obedecendo ao ordenamento social organizado em função do capital.

Portanto, Salim (1992), Bauman (2017) e Oliveira (2016) indagam nas suas obras sobre “o decidir migrar”: o homem e a mulher “escolhem” ou são “obrigados” a saírem do seu estado de origem à procura de sobrevivência?

Como visto nas narrativas citadas nesse trabalho, compreendemos que o migrante não tem poder de “escolher” se fica ou sai tendo em vista a situação econômica de falta de trabalho que garanta a sua sobrevivência. Com a luta diária a procura por trabalho muitos paraenses não tinha nem o que comer na sua terra natal, desse modo, o desespero cerca o paraense homem e mulher e se veem “obrigados” a migrarem. E fazem parte das histórias de vidas dos migrantes em Boa Vista/RR que representam coragem.

Chamamos a atenção, ainda, nesse trabalho que os políticos homens e mulheres que estão no poder para representar a sociedade obedecem ao ordenamento social criado

em função do capitalismo – governos despreparados que agem de maneira proposital. São políticos que fogem da responsabilidade de promover projetos sociais, que não olham para o bem-estar social de cada cidade, que não se interessam de proporcionar para a sociedade educação e saúde de qualidade para todos e condições de trabalho dignas para todos.

Sobre isso, frisamos Salim (1992), que infere que as migrações se conectam com os ciclos econômicos, logo, a dinâmica da emigração e migração é motivada pelo fator trabalho, sendo um dos principais motivos das migrações na Amazônia brasileira e no mundo. Mas, é claro que, a tomada de decisão de migrar não se restringe a apenas isso.

Diante do exposto até aqui, entendemos que vir para Boa Vista/RR, não foi muito fácil para os paraenses homens e mulheres, mesmo com a esperança de mudança de vida. Se desligar dos laços criados é uma tarefa dolorosa, o processo os trouxe para Boa Vista/RR envolve momentos de perdas, de dor, medo do novo, dentre outros.

No processo de des-re-territorialização, outros desafios entram em cena, principalmente aqueles associados às estratégias de produção das condições de vida. Ao chegarem à área definida, tudo está para fazer, desde as instalações para moradia até aquelas associadas à obtenção dos primeiros trabalhos.

Neste tópico discutiremos ainda os mecanismos acionados para a inserção dos migrantes homens e mulheres no mercado de trabalho em Boa Vista/RR. Destacamos que cada migrante entrevistado contou sua experiência da hora da chegada em Boa Vista/RR, até conseguir se inserir no mercado de trabalho.

Antes disso, apresentamos um pouco dos dados econômicos de Roraima. O estado possui o IDH de 0,707, ocupava o 13º lugar no ranque (Figura 3), comparado aos outros estados brasileiros. Lembramos que o Pará, ocupava a 24ª posição, em 2010, como visto na Figura 2.

Figura 3: IDH – Roraima, 13º no ranque do país, 2010



Fonte: IBGE/Brasil/Roraima (2017)

Portanto, sobre a posição de Roraima no ranque do IDH e, retornado uma década, sublinhamos Lima et al (2016, p. 33) que explica que, em 2000,

o Brasil apresentou um ambiente macroeconômico favorável. Para tanto, demonstrou maior capacidade de contribuir para o desenvolvimento regional. O crescimento econômico da região Norte é parte integrante de ações promovidas pelo governo federal, numa combinação de políticas sociais inclusivas, atuando como grandes instrumentos de desenvolvimento local e com a redução de desigualdade. As políticas governamentais recentes desenvolveram uma capilaridade econômica inédita no enfrentamento dos desafios de um país desigual, com destaque para as estruturas da produção na região Norte. O Índice de Gini⁶ reflete melhora na distribuição de renda regional. Os estados de Roraima e do Amapá apresentam um dos melhores

⁶ O Coeficiente de Gini consiste em um número entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade (no caso do rendimento, por exemplo, toda a população recebe o mesmo salário) e 1 corresponde à completa desigualdade (onde uma pessoa recebe todo o rendimento e as demais nada recebem). O índice de Gini é o coeficiente expresso em pontos percentuais (é igual ao coeficiente multiplicado por 100).

níveis de escolaridade e IDH da região, embora sejam os que apresentam menores PIBs da Amazônia Legal em termos absolutos. Os entraves ao crescimento e desenvolvimento do Norte vêm da herança do processo histórico de ocupação da região. Portanto, a discussão sobre esses entraves, a melhoria das condições de vida da população nortista e a distribuição espacial da atividade econômica na região, aponta para um panorama amplo, sobre diversos temas de relevância econômica, tratando-os em vários eixos, como políticas públicas, tributos e logística.

O PIB (soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, geralmente em um ano) de Roraima vem apresentando uma tendência crescente ao longo da década, mesmo sendo baixo em relação a outros estados, como destacado pelo autor, esse crescimento é positivo para o desenvolvimento da economia do estado.

Partindo da premissa de que o crescimento econômico constitui um processo que observa um conjunto de variáveis e aspectos estruturais, conjunturais e políticos, o crescimento de uma região não pode ser visto baseado unicamente no desempenho de suas contas agregadas, mas também na análise qualitativa, destas, refletindo no crescimento social. Na perspectiva do crescimento do PIB, Roraima é parte disto, a promoção do crescimento econômico trouxe um visível avanço na esfera social da população (LIMA et al, 2016).

No período de 2002 a 2010, as regiões Nordeste e Norte aumentaram suas participações no PIB, respectivamente, “em 0,5% e 0,6%. A região Norte foi o grande destaque quanto ao crescimento real do PIB das grandes regiões do país. Seu crescimento foi de 9,9%, enquanto no Sul e Sudeste o aumento foi de 7,6%” (LIMA et al, 2016, p. 34).

Lima et al (2016, p. 35), ao citar os dados divulgados pela Secretaria Estadual de Planejamento (Seplan/RR), aponta que a capital, Boa Vista, “representou R\$ 5,3 bilhões do PIB de R\$ 6 bilhões que Roraima teve em 2012”. Aponta, ainda, que é na “capital que se concentra a maior parte dos recursos do governo federal que não são de Transferências Correntes”.

Em suma, o autor citado acima apresentou dados que comprovam que em 2010, o PIB de Roraima alcançou o maior crescimento em dez anos. Com um volume na ordem de 9,6%, ocupando a 9ª posição no *ranking* nacional e a 5ª posição na região Norte. Entre 2006 e 2010, o crescimento anual médio foi de 6,1%. Apesar da alta taxa de crescimento, o estado ocupa a 25ª colocação no *ranking* brasileiro. O valor do PIB corrente em 2010 foi de R\$ 6,341 bilhões correspondendo aproximadamente a 0,17% do PIB nacional. O

PIB *per capita* estimado em R\$ 14.052,00 é o terceiro maior da região Norte e o 14º do *ranking* nacional e Boa Vista concentra as principais atividades econômicas do estado. Com um volume de R\$ 3.550,084 milhões, o setor de serviço alcançou o melhor desempenho entre os três setores da economia roraimense em 2010, (com a participação de 85,9%) na composição do produto local, apesar da indústria de transformação ter crescido (8,67%), entre 2009-2010, o que corresponde em valor adicionado um montante de R\$ 607.457, capitaneada pelo forte crescimento da construção civil para o ano corrente (LIMA et al, 2016).

Para se somar ao processo de atividades econômicas do estado de Roraima referenciamos as indústrias, desse modo, Lima et al (2016, p. 42) cita os dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), 2014,

a indústria emprega oito mil pessoas em Roraima. O estado contribui com 0,1% da força de trabalho industrial nacional. A participação da indústria estadual no emprego industrial nacional se manteve estável entre 2003 e 2013. O setor é responsável por 9,1% do emprego com carteira assinada do estado. Este percentual caiu 2,5 pontos percentuais entre 2003 e 2013. O salário médio da indústria de Roraima foi de R\$ 1.856,00 em 2013; valor 11,1% menor que a média nacional, ocupando o 11º lugar no *ranking* do salário industrial nacional. A força de trabalho industrial no estado representa 74,1% de trabalhadores, que possuem ao menos o ensino médio completo. Esse percentual é superior à média nacional: 48,7%. É o estado com maior percentual de graduados no ensino médio trabalhando na indústria.

Boa Vista/RR, por sua vez, é uma cidade que divide o trabalho e rendimento, hoje, da seguinte maneira:

em 2018, o salário médio mensal era de 3.6 salários-mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 25.6%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 1 de 15 e 1 de 15, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 56 de 5570 e 774 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, tinha 35.5% da população nessas condições, o que o colocava na posição 15 de 15 dentre as cidades do estado e na posição 3462 de 5570 dentre as cidades do Brasil (IBGE, BRASIL/RORAIMA/BOA VISTA, 2017).

Como mostrado acima, mesmo somando o salário médio mensal de 3.6 salários-mínimos o auto índice de pessoas vivendo com até meio salário-mínimo é muito grande. Compreendemos, a partir disso, que a desigualdade econômica em Roraima obedece ao ciclo econômico capitalista em que a riqueza fica nas mãos de poucos. É claro que, com o elevado custo dos produtos essas pessoas que ganham a média de 3 salários

também não vive uma vida econômica bastante favorável, mas o que nos preocupa são aqueles que ganham pouco e as vezes nada.

Os dados do site IBGE/Brasil/Roraima/Boa Vista (2017) apresentam ainda que a economia de Boa Vista, até 2018, apresentava um Produto Interno Bruto (PIB) de 26.752,67 R\$ e ocupava a 4099^a posição no ranque comparado aos outros municípios, e compunha Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,752 (dados do último censo 2010).

Trouxemos neste trabalho um pouco sobre o processo econômico dos estados do Pará e Roraima nas décadas de 2000 e 2010, sobretudo do ponto de vista macroeconômico. No entanto, cabe destacar que existe muito para estudar sobre o processo econômico desses dois estados e não é o objetivo principal fazermos isso, mas entendemos que esses dados surgem como um fator positivo para que os migrantes em estudo conseguissem se inserir no mercado de trabalho em Boa Vista/RR. Portanto, tentamos aqui, demonstrar as possíveis ligações econômicas que trouxeram os migrantes paraenses homens e mulheres para Boa Vista/RR.

Os entrevistados utilizaram os mecanismos de inserção no espaço boa-vistense, afirmando que “correram atrás” dos seus objetivos, e isso ficou claro nas suas falas. Não foi fácil para cada um dos entrevistados viver o processo de inserção nesse novo espaço, mas, reiteram que conseguiram se adaptar e com o passar dos anos conseguiram até se sentir pertencentes ao espaço roraimense.

Diante do exposto até aqui, entendemos que a relação do trabalho no local de destino é para o migrante um ponto positivo para ele não voltar para sua terra natal ou procurar outro lugar para viver. De outra maneira, existem vários pontos para ligar o migrante à Boa Vista/RR como: as referências paraenses nesse espaço, sobre isso, discutiremos no capítulo a seguir.

Os migrantes sempre estão conectados com o Pará por meio das redes de contato (telefone, e-mail, dentre outros) e esse contato, ameniza a dor da distância. Observemos a narrativa da migrante a seguir:

bom, quando eu cheguei, eu sinceramente achei muito quente, tava triste, eu não conhecia ninguém, os primeiros quatros meses foram difíceis, eu fiquei na casa da minha cunhada, né? E na casa da minha cunhada tinha muita gente, a minha cunhada era casada com indígena e na casa dela vivia com muita gente, não tava acostumada, né? Eu também queria trabalhar. Então, esses primeiros quatro meses, é, foi dessa forma. E aí, eu comecei a me acostumar. Depois, quando eu comecei a levar meu currículo pra escola de enfermagem, técnico de enfermagem, comecei a trabalhar dando aula e comecei ir pro hospital,

acompanhar o estágio dos alunos. E, nesse momento, eu comecei a fazer amizades. Aí ainda em 2005, eu comecei a trabalhar pela cooperativa, enfermagem dando aula e comecei a ter amigos no hospital e aí esse processo parece de inserção pelo trabalho e fazendo amizades, né? Diante disso, foi mais amenizando saudade, da família (ANA ALVES, 2021).

Analisamos nessa fala que a migrante conquista novas territorialidades em Boa Vista/RR ligadas ao trabalho, ao conhecer pessoas, novas amizades, justifica que até a saudade dos familiares é amenizada. Logo, a relação com o trabalho faz com que a migrante se acostume no novo espaço, criando vínculos, novas relações, para ela ligados ao trabalho. Assim, as expectativas de não gostar de Boa Vista são amenizadas com o passar do tempo, pois ela supera a falta de trabalho de quando chegou e a tristeza de estar longe dos parentes e amigos deixados no Pará, enfatizando que se conecta com a nova rotina de trabalho em Boa Vista/RR, demonstrando, portanto, o peso que o trabalho desempenha no processo.

Por outro lado, Maria do Livramento Moura (2021) relata que o motivo de vir para Boa Vista/RR se liga ao fato de que sua filha já estava trabalhando aqui. Conta que sempre gostou de ser dona de casa e ao ver que sua filha estava estruturada no emprego vem para morar e ajudar sua filha nos afazeres domésticos. A migrante declara que ama o que faz.

Minhas filhas todas são enfermeira. Nós moramos todos aqui. Eu sempre fui dona de casa, eu trabalhei fora de casa, só com a Tupperware, no Pará, com os produtos, sempre fui vendedora, sempre vendi as coisas. Mas depois que eu cheguei aqui em Roraima, eu não trabalhei mais com venda de nada. Amo ser dona de casa, gostei de cuidar do meu esposo, das minhas coisas e das minhas filhas.

Observemos que a fala da migrante, mesmo mostrando uma motivação diferente de Ana Alves (2021), posto que não veio para Boa Vista/RR a procura de trabalho, é, também, uma história ligada ao trabalho no espaço roraimense, tendo em vista que a sua filha estava estabelecida e trabalhando. Maria do Livramento Moura (2021) nos conta que quando chegou foi morar num apartamento com sua filha,

Ela, minha filha, já morava em um apartamento e eu fiquei com ela, e quando ela foi pra área indígena, onde trabalhava, fiquei sozinha. Amando tudo como se fosse meu berço de ouro, como se eu estivesse em Monte Alegre/PA, né? Onde eu nasci, lá no interior, né? Mas eu comparo, comparava aqui como se fosse Santarém/PA, Monte Alegre/RR, muito acolhedor. Então, eu ficava o mês, ela passava um mês, trinta dias, né, em área indígena, e voltava com trinta e eu ficava em casa, sozinha, aí aprendi a caminhar, sempre gostei de caminhar. Nunca me senti excluída, nunca, é como eu já falei, sempre encontrei todo mundo muito acolhedor, parece que eu nasci aqui, não, não tive, não encontrei dificuldade em nada, de ir pra feira, de ir pras lojas, de ir no centro da cidade,

ir, né? Tinha o ônibus, a lotação, então eu achei assim tudo muito fácil.
(MARIA DO LIVRAMENTO MOURA, 2021)

Para essa migrante se re-territorializar no espaço roraimense não teve obstáculos, pois a sua filha mais velha, que é enfermeira já morava aqui. Diante disso, entendemos que o fato dessa filha estar empregada em Boa Vista/RR possibilitou os vínculos e as emoções da migrante logo no início, a levaram a gostar daqui. Ressaltamos que o desejo de ver a família vivendo em melhores condições é também um importante componente para a migração dessa migrante.

Diante disso, entendemos que o trabalho para os migrantes é um componente territorial fundamental, pois o indivíduo passa a experienciar o lugar a partir dessa ligação, e viver em Boa Vista/RR não é mais tão difícil.

Daniel Anjos (2021) relata que ao passar no concurso público acabou criando raízes no espaço roraimense. A conquista do trabalho é, portanto, um elemento principal para ele se inserir nesse espaço. Decidir vir para Boa Vista/RR como ele conta partiu de um convite de uma pessoa que morava aqui, pois a Universidade Federal de Roraima estava oferecendo curso de direito e no anseio de estudar numa instituição pública, larga tudo, lá em Santarém/PA e vem para Boa Vista/RR,

Bom, naquela época eu tava trabalhando no IBGE e tava fazendo faculdade em Santarém/PA. Aí, a comadre da minha mãe que mora aqui em Boa Vista, ligou pra minha mãe e disse, olha, criaram uma faculdade Federal aqui em Roraima e abriram o curso de direito. Aí peguei, e ela perguntou se a mamãe queria mandar algum filho dela pra lá, pra tentar o vestibular lá, estudar pra lá, alguma coisa assim. Aí eu peguei, disse que eu vinha, porque em Santarém/PA eu fazia faculdade particular. Então, eu sabia que era uma despesa, eu já tinha vinte, 23 anos, né? Então eu já tava querendo meio que sair das garras pra não dar tanta despesa. Aí foi, conseguimos uma passagem de barco até Manaus, de Manaus eu comprei uma passagem de ônibus e fui pra Boa Vista. Aí aqui eu fiz o vestibular, fiquei morando na casa dessa comadre da minha mãe, até – de julho até dezembro – aí fui passar uns dias em Santarém/RR para visitar. Quando eu voltei em janeiro depois de ter passado no concurso do banco, eu voltei em janeiro, comecei a trabalhar e acho que com 2 meses, eu aluguei uma casa e fui morar sozinho. Como eu disse anteriormente, foi um telefonema da comadre e da minha mãe que mora aqui em Boa Vista, falou sobre a questão de que tinham criado a Universidade Federal de Roraima e se ela, se a minha mãe quisesse mandar algum filho pra estudar, que ela poderia receber. Aí eu vim e foi como eu te disse anteriormente, fiz o vestibular, passei, fiz o concurso do banco, passei, estudei um semestre sem trabalhar, meu pai me mandando dinheiro e em janeiro, depois que eu voltei pra Santarém de férias, o banco me chamou, aí eu voltei pra começar a trabalhar e pronto, fiquei em Boa Vista/RR até hoje, me formei e tudo por aí.

Entendemos que o migrante faz sempre uma conexão de retorno a sua terra de origem para visitar seus familiares. Percebemos na fala acima que estudar e trabalhar em

Boa Vista/RR foi a chave para a permanência na cidade. É bom lembrar que o estado de Roraima passava, na década de 1990, por grandes modificações decorrentes da sua transformação em estado, abrindo oportunidades de trabalho no serviço público e com a criação da primeira universidade no estado, federal e pública, fato que é ressaltado pelo entrevistado.

De outra maneira, mais também por motivos relativos ao trabalho retornamos a fala da Lucilene Bentes, trabalhadora autônoma⁷. Depois da migração para Manaus a convite da cunhada, anos depois, em 2007, vem para Boa Vista.

Quando a gente veio [para Boa Vista] minha cunhada já trabalhava com peixe, ela e meu sobrinho, aí nós montamos uma peixaria lá na Z Quatro⁸ nessa peixaria ficamos 6 anos, bastante tempo. Aí depois nós colocamos assadão na mesma peixaria, aí ficamos nesse assadão acho que uns 3 anos, até hoje o povo me cobra pra eu voltar pra lá. Na época aí o meu cunhado que mexia com aqueles salgadinhos miquitos foi embora para Manacapuru/AM e passou a representação pro meu esposo, aí deixamos o assadão pra minha cunhada que hoje tá lá, aí hoje, aí o salgadinho não deu certo, aí voltamos pro assadão de novo (risos). Estamos aqui no Santa Tereza⁹ um ano e nove meses, os três primeiros meses aqui foi difícil né! Depois..., difícil mesmo, agradei a minha cunhada que tinha o dela lá Z Quatro e ela vendia pra nós. Os três primeiros meses foi horrível ó, mas é assim mesmo, todo negócio é assim né! (LUCILENE BENTES, 2017).

Na narrativa de Lucilene a relação com o trabalho autônomo marca seu processo migratório e a faz permanecer em Boa Vista. Para ela, trabalhar como autônoma deu certo: “amo o que faço, vender comida é para mim muito bom”. Deste jeito, ela não pretende sair daqui, já comprou sua casa própria e se sente pertencente a esse lugar: “Boa Vista é minha casa”. Portanto, assim como essa entrevistada muitos migrantes chegaram aqui e montaram seu próprio negócio.

Por outro lado, Ana Alves (2021), Maria Silva (2017) que vem para Boa Vista acompanhada dos esposos e nos contam que o principal motivo de decidir vir para Boa Vista foi porque o marido decidiu primeiro porque aqui tinha trabalho. Diante disto, o marido da Ana Alves por motivo de uma promoção no trabalho e transferência para Boa Vista/RR decide vim e posteriormente Ana Alves decide acompanhar o marido e vem motivada pelo fator trabalho como argumentado nesse trabalho. Por sua vez, Maria Silva (2017) acompanha seu marido porque ele iria trabalhar como pedreiro “e para o serviço

⁷ É importante destacar que esta migrante saiu do Pará para morar em Manaus/AM para trabalhar na casa da tia em 1996, “minha tia tava precisando de alguém pra trabalhar com ela na casa dela, aí não pensei duas vezes (risos) já fui com intensão de ficar mesmo, não vou olhar pra trás não eu deixei tudo pra trás”.

⁸ Rua localizada na cidade de Boa Vista/RR no bairro Alvorada.

⁹ Bairro da cidade Boa Vista.

de construção aqui era bom”. Foi notório observar que mesmo decidindo acompanhar os seus esposos. Ana Alves e Maria Silva só se adaptaram em Boa Vista depois de conseguir trabalho também, argumentaram que após a conquista do emprego e novos amigos viver aqui não era mais tão ruim.

Para tanto, o trabalho é um elemento fundamental que liga os migrantes entrevistados. O processo migratório dos paraenses homens e mulheres em estudo mostra que o vínculo de trabalho em Boa Vista/RR é muito importante não apenas por satisfazer o desejo de melhoria de vida, mas faz os migrantes permanecerem em Boa Vista/RR até hoje e não saírem mais daqui e, hoje, também chamar essa terra de sua.

Sabemos que a desigualdade econômica afeta a maior parte dos brasileiros e compreendemos que os migrantes em estudo na busca por trabalho e/ou estudo decidiram sair do Pará e optaram por vir para Boa Vista/RR. Ao chegar muitos relataram que mesmo com muita dificuldade conseguiram encontrar trabalho. Cabe destacar, entretanto, que muitos outros não conseguem o tão sonhado trabalho – temos “n” histórias de migrantes paraenses que ao chegar em Boa Vista/RR não conseguiram trabalhar e conseqüentemente acabaram voltando para o Pará ou indo para outro estado. Mas esta pode ser uma questão para próximas pesquisas, pois o elemento principal aqui são paraenses que moram em Boa Vista/RR e que fizeram dessa terra também sua.

Os migrantes em estudo construíram novas territorialidades em Boa Vista/RR e isso se justifica com o que Haesbaert (2011) argumenta, na sua obra *O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidades*, que o homem, a mulher estão sempre construindo territorialidades ao longo da sua vida, no trabalho, na cidade, na casa etc., enfatizando que esses sujeitos não se desvencilham dos territórios construídos, mas se multiterritorializam.

Para os espaços construídos simbolicamente ligados aos termos culturais como: tomar aquele delicioso açaí do Pará, acabam sendo uma das maneiras que esse migrante tem para se inserir no novo espaço e se autoafirmar como paraense e/ou seguir as tradições que os migrantes paraenses adotam na terra de destino como celebrar o Círio junto com os roraimenses e não roraimenses.

A vista disso, no próximo capítulo, discutiremos os territórios paraenses, e os significados desses territórios para o paraense depois de migrar, tendo como exemplo, o processo de des-re-territorialização no contexto migratório de paraenses em Boa Vista/RR.

4. TERRITÓRIOS MATERIAIS E SIMBÓLICOS PARAENSES NO ESPAÇO BOA-VISTENSE

É notório afirmar que as referências paraenses estão presentes no espaço boa-vistense e isso conecta os paraenses homens e mulheres a elementos da sua cultura local. A seguir contextualizaremos a presença de referências paraenses em Boa Vista/RR – elementos da territorialidade, os territórios físicos e simbólicos, colocando em evidência a presença paraense, e como os entrevistados pontuaram nas suas narrativas as impressões sobre como é ser migrante em Boa Vista, Roraima.

4.1 REFERÊNCIAS PARAENSES NO ESPAÇO BOA-VISTENSE

Boa Vista é um lugar lindo de se ver, representação cantada num trecho da música do Eliakin Rufino “*Cidade do Campo*”,

Cidade do Campo

Buriti do campo que prazer
 Igarapé tão bom te conhecer
 Boa Vista vai aonde a vista ver
 No verde do campo vi você
 Correm mitos no vento
 Pedra de Macunaíma
 Voa meu pensamento
 Sobre o monte Roraima
 Cidade do campo, beira-rio
 Estrela do norte do Brasil,
 Cidade do campo entardecer
 Boa Vista linda de se ver
 Correm rios de tempo
 Águas de Pacaraima
 Montes em movimentos
 Coração de Roraima.

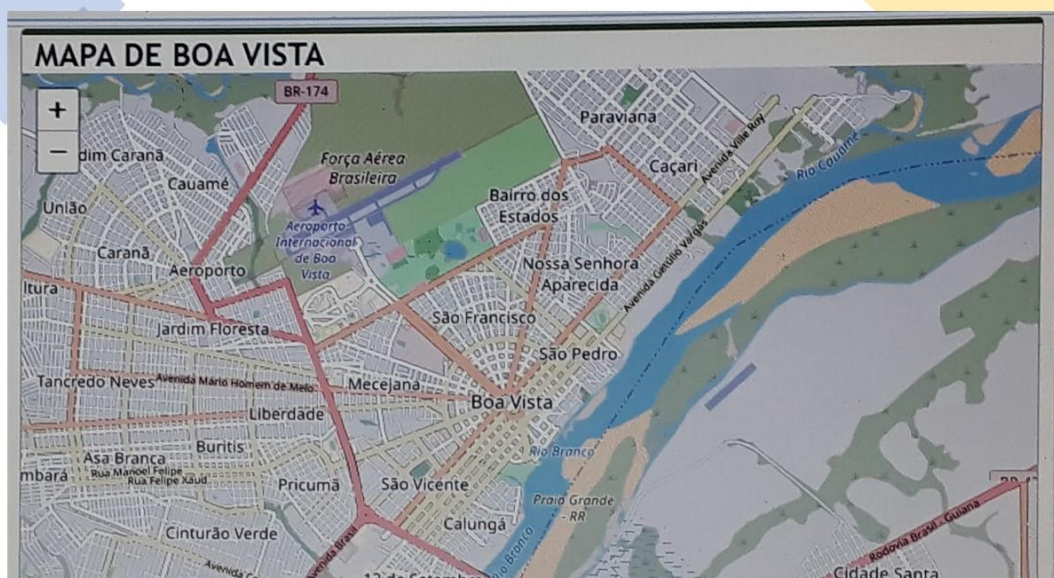
(Eliakin Rufino)

Diante disso, concordamos que a beleza referenciada pelo cantor sobre os campos, rios, o entardecer, são paisagens lindas de se ver. Porém, o planejamento de Boa Vista, no princípio obedeceu a um padrão que enche nossos olhos, as grandes ruas do centro asfaltadas, as luzes do Natal, cidade plana etc. Enfim, Boa Vista é elogiada por esses motivos. Mas a beleza que é divulgada infelizmente não chega em todos os bairros. É inquestionável que ela foi arquitetada e construída de forma organizada, no entanto, o projeto de urbanização foi se desconfigurando, pois, a partir de 1980, a cidade vai

crecendo e a construção de novos bairros não segue a estrutura do projeto “primário”, conforme observamos o formato da cidade nos Mapas 2 e 3 a seguir. A beleza que enche nossos olhos no centro e em alguns bairros acaba quando adentramos em ruas cheias de buracos, sem pavimentação, com pouca iluminação.

No Mapas 2 mostramos um pouco da configuração territorial de Boa Vista para depois compreendermos a distribuição lugares escolhidos como pontos de referências paraenses, estabelecimentos para consumo e venda dos produtos típico paraenses (Mapa 3).

Mapa 2: Localização Territorial dos Bairros de Boa Vista/RR



Fonte: Mapa Cidade Brasil, Município de Boa Vista.¹⁰

Como visto no mapa acima, a divisão espacial dos bairros de Boa Vista/RR observamos que o centro da cidade está em forma de leque, no entanto, a sequência não corresponde ao projeto primário¹¹. Estudando o trabalho de Veras entendemos que a cidade, apesar de ser inicialmente planejada, apresenta um crescimento desordenado, com bairros construídos fora do padrão do projeto original, principalmente se levarmos em conta o crescimento populacional decorrente das migrações, a partir dos anos 1980. O geógrafo argumenta que “o espaço urbano de Boa Vista é um testemunho”, pois sua

¹⁰ <https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-boa-vista.html>

¹¹ Sobre isso ver VERAS, 2009.

estruturação “testemunha diversos períodos de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada ao longo de sua formação socioespacial, resultante das instâncias estruturais por ele constituídas”. (2009, p. 142)

Os estabelecimentos que estão referenciados com nomes paraenses são objetos fixados na paisagem e no espaço urbano boa-vistenses. Demarcam e representam, para este texto, territorialidades paraenses construídas, referentes desta numerosa presença migrante.

No espaço boa-vistense presenciamos um aumento significativo de comércios que priorizam os elementos paraense. Como é o caso do açaí, uma das referências culturais paraenses mais reconhecida, acaba virando um produto para fins de mercado que, ainda que consumido fora da Região Norte, constitui-se como uma marca do Pará e seu consumo do ser paraense.

Nessa perspectiva, buscamos compreender a cultura do açaí. A produção do açaí baseia no plantio da semente, o fruto quando maduro é retirado da árvore e moído de onde é retirado o suco que é servido como sorvete, poupa e até mesmo como acompanhamento das refeições (com peixe frito, com farinha, com camarão etc.). No Pará é normal o açaí ser um acompanhamento das principais refeições, de outro modo, em Boa Vista/RR é servido como sobremesa – são copos cheios de sucos congelados misturado com frutas, os roraimenses costumam saborear a fruta processada, congelada e misturada com vários ingredientes e que perde o sabor original da fruta, pois ao saborear o fruto fresco, ou seja, logo depois da colheita e moído, ele é ainda mais gostoso.

No Pará, por exemplo, essa cultura de saborear o açaí logo depois da colheita é presenciada no dia a dia, a produção do açaí abastece o mercado do mundo e o açaí o fresco é encontrado nas feiras do Pará e servido na ora, dando o diferencial do sabor. De outro modo, aqui em Roraima existe o “verdadeiro” açaí, mas o é processado para virar poupa e depois congelado para ser consumido por muitos meses.

Saborear o açaí momentos depois da colheita e em abundância é o que dá o diferencial,

o estado do Pará lidera a produção e o consumo do açaí em todo o mundo o que expressa a alta produtividade e a presença do mesmo na vida dos paraenses. De aproveitamento integral, o açaí é consumido/utilizado de diversas formas: no caso da massa que encobre o caroço, esta é consumida como suco, sorvete, picolé, doces, sobremesas e, em sua forma mais tradicional, polpa – sozinha ou acompanhada da farinha de mandioca e de outros alimentos; o caroço, por outro lado, é frequentemente utilizado para o

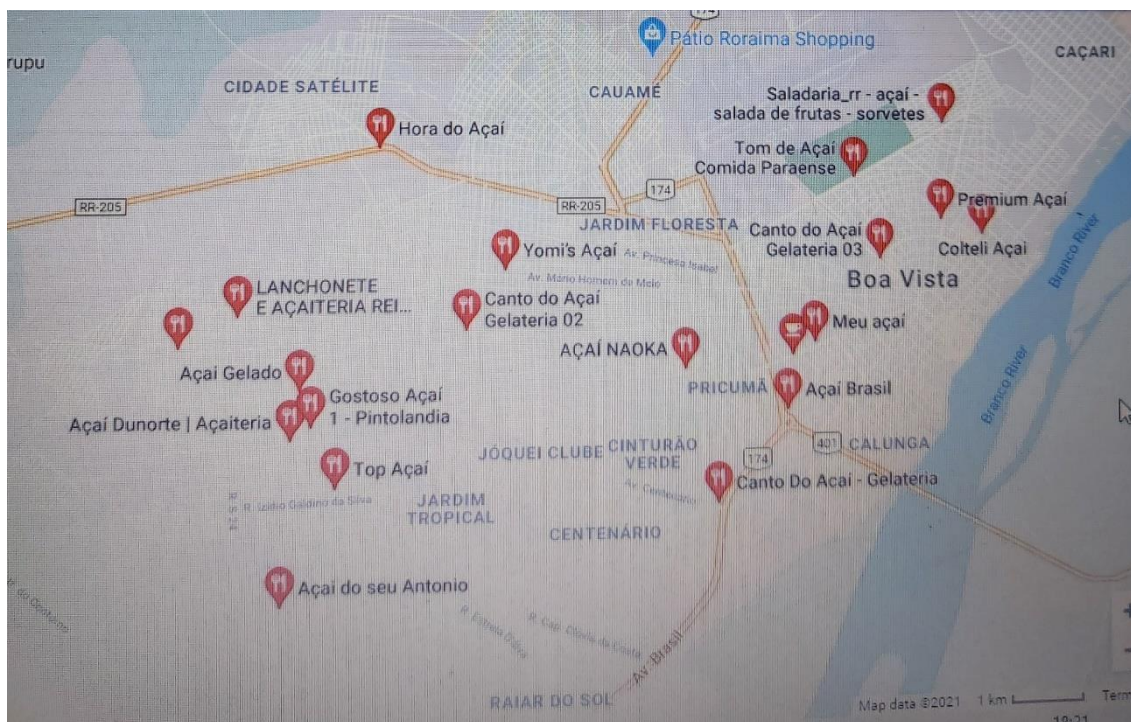
plântio de novos açazais, como adubo natural, no artesanato e até para a purificação de água. (LOBATO; CAÑETE, 2019, p. 398).

Os estabelecimentos que vendem o alimento em Boa Vista, ainda que não tenham “o verdadeiro açáí”, findam por se constituírem em territórios físicos, construídos ou não por migrantes paraenses comuns de serem encontrados em Boa Vista/RR.

No Mapa 3 abaixo marcamos alguns locais de consumo de comidas típica paraense, notadamente açáí, que tem tornado visível a concentração de referências paraenses no espaço da cidade. Chamamos a atenção que esse tipo de mercado tem muitos clientes. Os clientes paraenses, migrantes e não migrantes passam dividir hábitos e costumes numa troca cultural constantes.

Em uma pesquisa no Google, origem também do mapa abaixo, levantamos vinte estabelecimentos de venda de açáí, dezenove dos quais possuem “açáí” no nome comercial.

Mapa 3: Referências Paraenses em Boa Vista/RR – Pontos de venda de açáí, 2021



Fonte: www.google.com. Acessado em 08/06/2021.

A seguir, para ilustrar o que apontamos apresentamos a identidade visual de alguns estabelecimentos, começando pelo Tom do Açaí, localizado no bairro São Francisco.

Figura 4: Referências Paraenses em Boa Vita

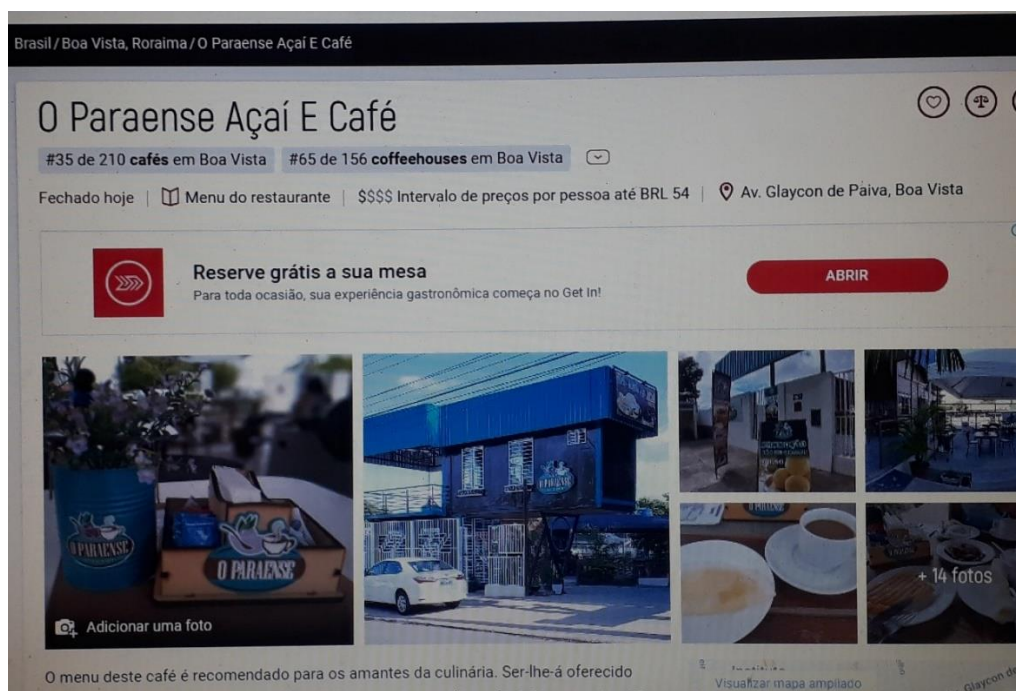


Fonte: Restaurante Tom do Açaí. www.google.com. Acessado em 08/05/2021.

Ao mostrarmos aqui o *Tom de Açaí – Comida Paraense*, observamos o *slogan* colocado na parte de cima da imagem que identifica o restaurante na internet: “o sabor do Pará pertinho de você!”. Como estratégia comercial, o *slogan* carrega um duplo chamamento, convidando quem não conhece, conhecer a culinária paraense e aos migrantes para matar as saudades dos sabores do Pará. Destaca-se, contudo, que o nome do estado não tem destaque no letreiro do estabelecimento, mas sim o da fruta mais famosa do Pará.

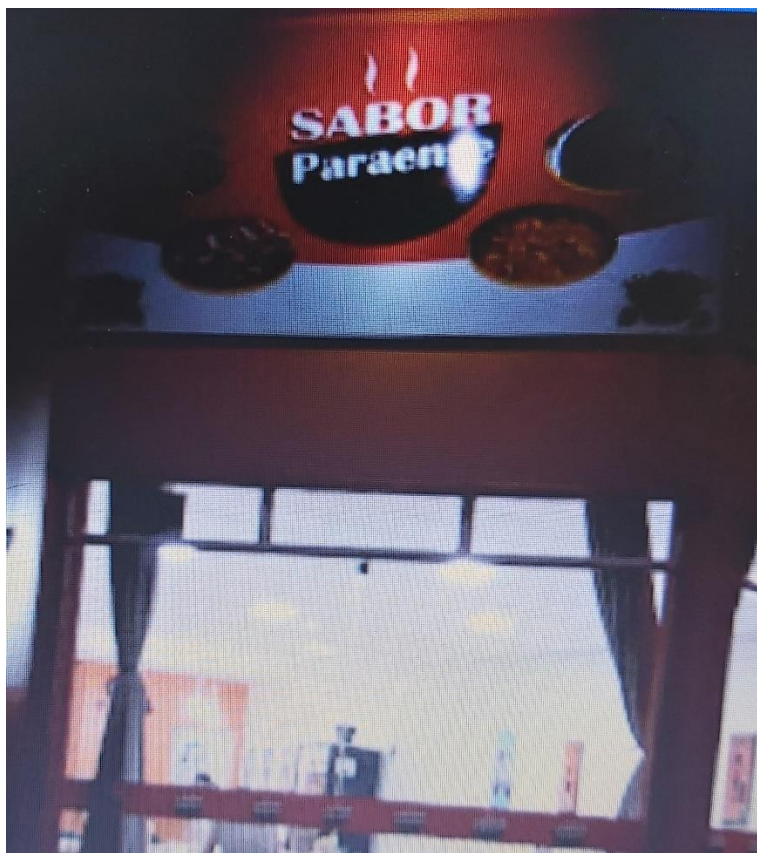
Já *O Paraense – Açaí e Café*, conjuga as duas referências, sendo que o uso do artigo definido, “O”, nos parece dar uma ideia de individualização, de subjetividade, de identidade, enfim.

Figura 5: Referências Paraenses em Boa Vista



Fonte: Restaurante o Paraense Açai e Café. <https://restaurantguru.com.br/O-Paraense-Acai-E-Cafe-Boa-Vista>. Acessado em: 08/05/2021.

Figura 6: Referências Paraenses em Boa Vista

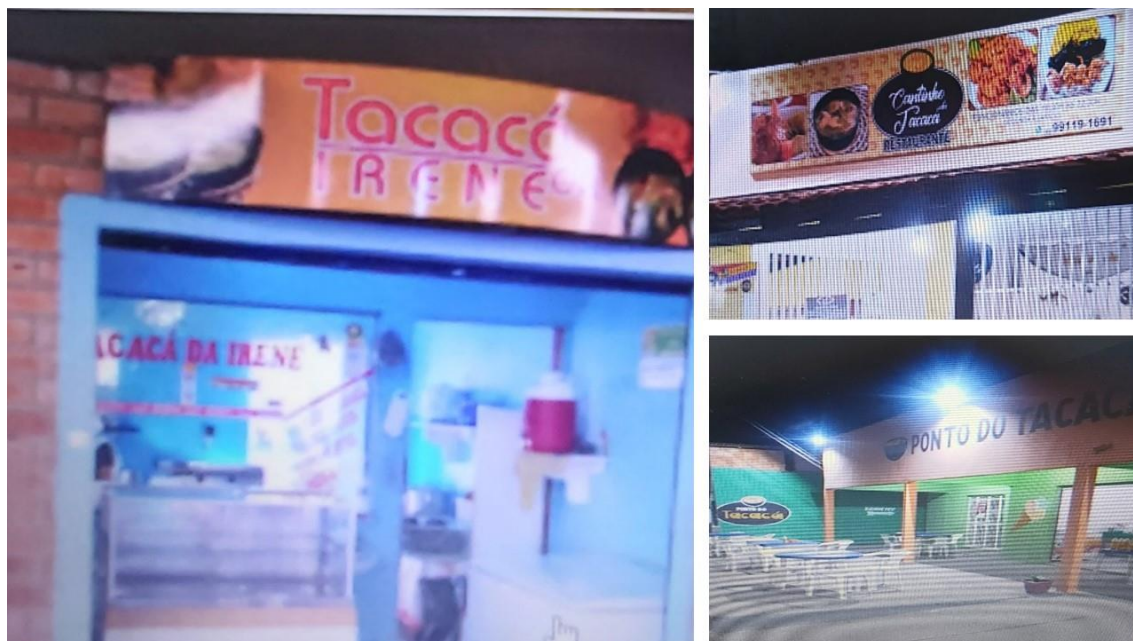


Fonte: Restaurante Sabor Paraense. www.google.com. Acessado em 07/06/2021.

Outras referências gastronômicas paraenses marcam a paisagem da cidade, por exemplo, comida fortemente ligada à tradição culinária do estado: o tacacá¹². Preparado a base de produtos muito usados na culinária paraense, como o tucupi, o jambu, a goma de tapioca e o camarão seco, é possível saboreá-lo em Boa Vista.

¹² Ver: <http://brasilagosto.org/>

Figura 7: Referências Paraenses em Boa Vista



Fonte: Restaurantes Tacacá da Irene, Cantinho do Tacacá e Ponto do Tacacá. www.google.com. Acessado em 07/06/2021.

Quanto a essas referências espaço-territoriais paraenses em Boa Vista, nos apoiamos também no texto de Marandola Jr; Dal Gallo (2010, p. 415-416) quando apontam que “os migrantes tentam recriar, de certa forma, suas territorialidades no novo lugar”. Neste sentido, os autores explicam que

Para fazê-lo, eles reproduzem os geossímbolos e a organização socioespacial de seu antigo território, além de garantirem lugares onde suas práticas possam ser realizadas. Ao restabelecer os elos espaciais e identitários, o grupo migrante é capaz de se enraizar e dar fundamento à sua identidade que, evidentemente, não será a mesma, pois agora são migrantes num outro lugar e não estão isentos das influências locais, incorporando as mesmo que parcialmente. Recriar seu território é uma forma de dar suporte e manutenção à identidade e à sua forma de existir/ser pela presença de referenciais identitários.

Estar “num outro lugar”, não é estar “isento das influências locais”, retomamos a ideia da múltipla territorialidade resultante da migração, explicada por Haesbaert, pois “todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. (2005, p. 6776). Desse modo, o migrante paraense passa a viver uma multiterritorialidade ao se fixar em Boa Vista, uma vez que passa a carregar consigo uma carga simbólica do seu território de origem na reconstrução de novas territorialidades no local de adoção.

Outro aspecto que evidencia as referências paraenses é a comemoração do Círio de Nazaré em Boa Vista. O que nos chama a atenção nos recortes de jornal abaixo (Figuras 8 e 9) é o caráter integrador que o Círio tem na capital, tendo em vista que o convite é para todos migrantes e não migrantes e envolve três paróquias, a Matriz, a Catedral e a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré.

Figura 8: Representação Círio de Nazaré em Boa Vista/RR 2017

IGREJA

Católicos cortejam o Círio de Nazaré em Boa Vista

Confira a programação

CIDADES

Por **Michel Sales**
Em 27/10/2017 às 14:00

A Igreja Católica em Roraima celebra neste domingo, 29, o Círio de Nazaré.

Em Boa Vista, uma Missa Campeste será realizada na Comunidade Nossa Senhora do Carmo, a 'Igreja Matriz', no Centro, às 8h, com procissão até a Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, às 9h30.

A programação do Círio continua com um almoço compartilhado, às 11h30. A comemoração termina com a realização de um Bingo, às 13h.

Círio de Nazaré celebra a devoção por Maria, Mãe de Cristo (Foto: Pesquisa por imagem)

PUBLICIDADE

Fonte: Jornal Folha de Boa Vista 27/10/2017¹³

¹³<<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Catolicos-cortejam-o-Cirio-de-Nazare-em-Boa-Vista/33587>>

Figura 9: Representação Círio de Nazaré em Boa Vista/RR 2019

TRADIÇÃO

Programação do Círio de Nazaré segue até domingo, 27

Na programação está a realização de missas, procissões, almoço e bingo comunitário

CIDADES

Por Dina Vieira
Em 24/10/2019 às 12:49

A tradicional festa do Círio de Nazaré em Roraima teve início nesta quarta-feira, 23 e segue até o domingo, 27, com vasta programação para a comunidade católica.

O Círio é realizado pela Paroquia Catedral Cristo Redentor por meio da comunidade Nossa Senhora de Nazaré, localizada na avenida Ville Roy, 6952, Centro.

Na programação está a realização de missas, procissões, almoço e bingo comunitário. A programação é realizada na comunidade Nossa Senhora de Nazaré (Foto: Diane Sampaio/FolhaBv)

PUBLICIDADE



Fonte: Jornal Folha de Boa Vista 24/10/2019¹⁴

No entanto, o Círio de Nazaré popularizou-se a partir da tradição e da grande comemoração realizada em Belém/PA. Realizada também em muitos outros municípios paraenses, segundo Queiroz (2016), o Círio é uma tradição que vem dos antepassados e que marca a identidade do homem amazônico, nativo de Belém do Pará, não pode ser separada do Círio de Nazaré, pois influenciou diversas gerações, mudando hábitos, tradições, reformulando a vida social dos praticantes da fé católica. Assim, entendemos que a representação do Círio, é um evento que marca a sociedade paraense em diversos aspectos, marcando, portanto, a vida dos migrantes paraenses em Boa Vista.

A divulgação das comemorações do Círio de Nazaré em Boa Vista vem se intensificando, ainda que não tenhamos verificado entre os nossos entrevistados um

¹⁴<<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Programacao-do-Cirio-de-Nazare-segue-ate-domingo--27/58793>>

grande entusiasmo pela festividade local, como no caso de Tatiane Brito e Ubiratan Alencar. No entanto, como veremos abaixo, a participação em Belém fazia parte das suas vidas, como manifestação de fé e cultural.

Desse modo, entendemos que os costumes deixados na terra natal se tornam presentes nos dias de hoje e marcam território. Colhemos as impressões dos migrantes homens e mulheres pessoas comuns que se dispuseram e relataram sobre suas vivências e experiências de migrar e passar pelo desafio de se reinventar no espaço boa-vistense. Para eles frequentar esses lugares que valorizam a cultura paraense é algo prazeroso. Em Boa Vista/RR, os migrantes entrevistados acionam suas memórias nesses momentos, ainda que alguns digam que apesar de viver estes momentos que os lembram do Pará, quanto a comida, bom mesmo é o alimento de lá, feito e produzido na hora.

Foi observado na fala de alguns migrantes que muitas vezes eles são acometidos por uma saudade tamanha, e vão para o Pará visitar, na expectativa de reviverem nas suas lembranças o “ser” paraense. No entanto, não é mesma coisa de antes de migrar, logo nada é igual, o migrante não é o mesmo, e as pessoas que ficaram lá no Pará também mudaram. Compreendemos, assim, que não poderia ser a mesma coisa de antes, pois novos territórios já foram consolidados e os laços com o lugar de origem têm outro significado, muito mais ligado a memória.

O encontro de paraenses, maranhenses, amazonenses, dentre outros, no território roraimense promove a construção de novas identidades territoriais. Entendemos que este processo de re-territorialização dos paraenses em Boa Vista estará alicerçado, cada vez mais, em experiências integradoras de muitas identidades, pois reconstruíram, ao longo do tempo, ora incorporando novos elementos, ora preservando outros. O espaço urbano de Boa Vista é resultado de múltiplas culturas, percebe-se que não existe uma cultura unificada, pois é um espaço que possui uma quantidade significativa de migrantes, diante disso, a cultura local e a do migrante sofre grandes mudanças.

Os migrantes paraenses em Boa Vista usam os meios de comunicação como um fio condutor para se conectar com o Pará, nessa perspectiva Canclini (2008, p. 289) destaca que “é possível afirmar que o rádio e a televisão, ao relacionar patrimônios históricos, étnicos e regionais diversos, e difundirlos maciçamente, coordena as múltiplas temporalidades de espectadores diferentes”. Castells (1999) também justifica que a sociedade mundial está cada vez mais próxima por meio das telecomunicações, um exemplo disso é que hoje podemos nos relacionar com outra pessoa em qualquer lugar do

mundo por meio de vídeo conferência e/ou ligar a qualquer momento, basta estar conectado com a internet.

Diante da possibilidade de conexão os paraenses entrevistados nos relataram que estão sempre em contato com os seus conhecidos e parentes por meio de telefone, e-mail, *Facebook*, sendo, portanto, uma rede de contato construída pelo migrante paraense em Boa Vista e serve para transmitir o que está acontecendo aqui e ao mesmo tempo ficar sabendo das notícias lá. É evidente que a telecomunicação é uma forma de ligá-los (Pará/Roraima).

A grande presença de migrantes paraenses é um fator positivo na sociedade roraimense na década de 2010 a representatividade cultural paraense tem estado em evidência, a vista disso, foi realizado um evento promovido pelo governo local e através do festejos valorizou a cultura paraense a exemplo do destaque dado pelo Jornal Folha Boa Vista (2017) sobre a sétima noite do 25º Arraial do Anauá realizado em 2017 – que trouxe como tema “Quem é filho do Norte é neto do Nordeste – o jornal anunciou o evento que reuniu a culinária típica do Pará na Barraca Cidadania Caipira”. Nesse evento “os visitantes tiveram a oportunidade de saborear pratos como caruru, vatapá, casquinha de caranguejo e pato no tucupi (pratos típicos do Pará)”. O Jornal ainda destacou que o objetivo do evento é “valorizar a cultura do Norte do Brasil, por meio da música e a culinária durante o maior evento da região Norte”¹⁵. Essas comemorações festivas colaboram para que os paraenses relembrem os seus costumes, servindo ainda para dar um valor simbólico positivo para a cultura paraense no espaço urbano boa-vistense.

Estudar a migração de paraense em Boa Vista permite compreendermos não apenas sua cultura, mas o processo como as culturas se mistura e interage no espaço roraimense. Os paraenses por meio dos hábitos e costumes valorizam sua identidade cultural. A “Noite Paraense” é mais um evento comemorativo em Boa Vista que acontece uma vez ao ano para reunir esses e outros migrantes para lembrarem a cultura paraense nos pratos típicos, nas danças, nas músicas e outros de seus aspectos. Ainda destacamos também alguns restaurantes (“Sabor Paraense”, “Restaurante Santarém”) no espaço boa-vistense que trazem o sabor das comidas típicas e os nomes dos municípios do estado do Pará.

¹⁵ FOLHAWEB. Arraial do Anauá: Música e gastronomia paraense. Disponível em <http://www.folhabv.com.br/noticia>. Boa Vista, 30 de jun. 2016. Acesso em 23 de agos. 2017.

Os elementos mencionados nesse tópico corroboram com as impressões e significados territoriais observados nas narrativas dos migrantes homens e mulheres que discutiremos a seguir.

4.2 IMPRESSÕES E SIGNIFICADOS TERRITORIAIS NAS NARRATIVAS DE PARAENSES EM BOA VISTA

As entrevistas são para nós o suporte para compreendermos como os migrantes se colocam como sujeitos, aqui enfatizando significados e referências culturais. Tomamos como base os elementos relacionados à tradição culinária e alimentar, procurando verificar se buscam revivê-la, frequentando estabelecimentos que oferecem comida paraense e/ou se preparam esses alimentos em casa; e relacionados a participação no Círio de Nazaré, no lá e no aqui, bem como representações ligadas as festas realizadas no Pará.

Desse modo, observamos que na vida cotidiana de Ana Alves (2021), vive e explora elementos culturais que a fazem se perceber paraense, como quando ela relata: “eu sinto muita falta é do açaí, aqui o açaí é esse que vende, comercializado, não é, não é o mesmo de lá porque a gente vai na feira, a gente vê as pessoas baterem, o açaí, tem aquele cheirinho. Então, eu sinto muita falta desse açaí do Pará, realmente”. Percebe-se que consumir o alimento aqui, mobiliza a memória e os sentidos relativos ao açaí do Pará e, ao estabelecer comparações, a migrante reafirma seu pertencimento ao Pará.

Eu sempre procuro lugares que vende comida paraense, né, tem aquele, aquele Ponto do Açaí¹⁶ em frente ali a ao Parque Anauá, né, e outros lugares que vende caranguejo, comida paraense, mas o açaí sinceramente – é uma coisa assim que eu sinto muita falta, porque lá a gente quase todo dia tomava açaí, açaí com farinha, né? Ou junto com alguma coisa, com camarão, com peixe frito, mas assim. Lá é mais com farinha de tapioca, farinha amarela, meus parentes mais velhos, tomava o açaí com a comida, com arroz, feijão e acompanhando com a comida. Então, é uma coisa que me lembra a família, né.

Inferimos, portanto, que a saudade transparece nas suas lembranças, a saudade de estar lá, saudade que a remete aos seus familiares, aos cheiros e aos gostos. O consumo de certos alimentos, nas palavras que de Ana Alves (2021), posto que sempre procura um lugar para isso, aciona sua memória para aquilo que considera bom, prazeroso, significativo da ligação estreita e indissolúvel a cultura paraense.

¹⁶ Tom do açaí comida paraense, endereço: Av. Brig. Eduardo Gomes, 2405, São Francisco, Boa Vista-RR, 69305-005.

Para ela o açaí paraense é uma representação da identidade cultural paraense, é o açaí que também a liga com as suas origens. Desta forma, a migrante apresenta elementos cheios de significados no espaço de Boa Vista/RR, mas que não substitui saborear o açaí no Pará. Para ela o alimento está carregado do “sentir” paraense, e de “pertencer” ao seu lugar de origem, e ao saborear o açaí de Roraima ou de qualquer outro lugar da Amazônia que não o do Pará, esse alimento não é o mesmo.

Na narrativa de Ana Alves (2021) compreendemos que ela viveu de modo intenso cada momento na sua terra natal, potencializado pela distância e pela memória. A migrante liga um simples passeio à praia de perto da sua casa, pois como nos disse “você tá lá em uma hora, uma hora e meia, você tá numa praia”, ao de comer o tacacá, “o cheiro de você sair na rua, de ser uma barraquinha, alguém vendendo tacacá, que cheiroso, a maniçoba”. No Pará a migrante ia a feira comprar o camarão fresco e relata que “disso sinto falta, comidas assim que é mais barato, mais em conta e de ir à praia”. Afirma que “Boa Vista possui referências paraenses e eu sempre que posso frequento os ambientes”.

Para entendermos as referências, às territorialidades vividas e mencionadas na narrativa de Ana Alves (2021) e dos outros participantes desta pesquisa, retornamos Saquet, quando explica:

Presente, passado e futuro indica processualidade e, também, simultaneidade, pois vivemos diferentes temporalidades e territorialidades, em unidade, em processo constante e concomitante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre novas territorialidades e novos territórios que contêm traços/características dos velhos territórios e territorialidades. (2008, p. 82)

Para o autor há unidade entre as dimensões sociais (economia-política-cultura) e os sujeitos e neste trabalho são evidenciadas nas entrevistas.

A matéria e a ideia estão em unidade e em movimento constante: um debate acadêmico, por exemplo, tem um caráter político e cultural e, simultaneamente, uma conotação econômica. É difícil dizer que a fabricação de vinhos no Sul do Brasil não tenha traços culturais substantivos ou que a atuação secular da igreja católica não contenha processos políticos e econômicos. E estes processos são territorializados pelos agentes sociais envolvidos em cada relação espaço-tempo-território, de maneira (i)material. Há materialidade e imaterialidade tanto nas formas-objetos como nos conteúdos ou nas formas-conteúdos, se preferirmos evidenciar a unidade matéria-ideia ou, ainda, no movimento constante de nossa vida cotidiana. A territorialização constitui e é substantivada, nesse sentido, por diferentes temporalidades e territorialidades multidimensionais, plurais e estão em unidade. A territorialização é resultado e condição dos processos sociais e espaciais, significa movimento histórico e relacional. Sendo multidimensional, pode ser detalhada através das desigualdades e das diferenças e, sendo unitária, através das identidades (SAQUET, 2009, p. 82).

Em suma, para autor citado a territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, “há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar” (2008, p. 88).

Como visto aqui, existem muitas referências paraenses no espaço boa-vistense e é importante mencionar que as referências presentes em Boa Vista/RR acabam por exercer papel importante no processo de re-territorialização dos migrantes paraenses. Como para Maria do Livramento Moura (2021), que veio em 2010, e relata “eu achei, assim, aqui tudo maravilhoso, porque a gente encontra o tacacá, quando a gente vai pra praça, quando a gente tem as festas juninas, tem tudo que tem no Pará, as comidas, pato no tucupi”, ressaltando que “quando eu não encontro, eu mesma faço, né”.

Maria do Livramento Moura (2021), que morou no Amazonas antes de residir em Boa Vista, resalta a facilidade de encontrar produtos e alimentos na cidade e compara que é até mais fácil achar aqui do que no Pará

às vezes a gente sai pra comer milho assado, mas a gente vai de máscara, compra, traz pra casa, pamonha, eu achei assim, maravilhoso, aqui, essa facilidade de encontrar as comidas do Pará, que às vezes a gente tá em Santarém e não tem uma pessoa com milho pra vender. Só nas feiras, né? Então, hoje eu não sei, porque já tem muitos anos que eu saí do Pará, saí em 2002, né, do Pará, saí de verdade.

Vou na feira, tem alguém que trata o peixe, que no Pará a gente compra o peixe e paga pra tratar, se quiser levar ele limpinho pra casa, aqui não, a gente já compra o peixe sem essa espinha, já tratado, o os pratos típicos como o vatapá também, a gente encontra. Não encontrei nenhuma dificuldade, graças a Deus. Só não saio mais agora. Pelo convide, né, que a gente não tá saindo assim.

Analisamos na narrativa acima a ligação que a migrante tem com os alimentos e com os hábitos gastronômicos paraenses para se autoafirmar como paraense, como quando fala sobre o pato no tucupi, por exemplo: “nós fazemos final de ano é nosso prato preferido, no Natal é o pato no tucupi, não pode deixar de ter, porque ‘nós somos paraenses’” (MARIA DO LIVRAMENTO MOURA, 2021). No entanto, em alguns aspectos a balança pende positivamente para Boa Vista.

Não obstante, ao mencionar o açaí ela menciona coisas que já foram faladas por outros migrantes entrevistados: “o açaí a gente encontra aqui, quando a gente não acha tão gostoso, a gente acha outro lugar pra comprar, encontro até do Pará, aqui também congelado, eu compro” (FIGURA 7).

Figura 7: O legítimo açaí paraense em Roraima



Fonte: Foto Silvia Alves (2021).

Mas também ressalta o diferencial em relação ao açaí do Pará, fica evidenciado na fala da Maria do Livramento Moura (2021), quando explica que ela gosta quando encontra o açaí *in natura* para ela mesmo fazer moer e processar, afirmando: “eu sei fazer, né, porque ‘eu sou paraense’, sei fazer, mas não tem acesso, só quando a gente vai na feira, que é na fartura, e agora como eu não saio pra procurar nada¹⁷, porque é muita gente na feira, né, então, eu tento evitar de não ir comprar”.

A fala dessa migrante corrobora com o que foi colocado por outros entrevistados, que a impressão de comer o açaí fresco chega a ser, talvez, parecido com o de comer o açaí no Pará. A migrante não especifica se o melhor açaí era o que ela comia no Pará, na beira do rio, mas deixa claro que gosta mesmo é de bater e fazer ela mesma e depois comer. Consumir e saber lidar com o açaí é próprio do ser paraense, evidenciando o papel fundamental que desempenha nos hábitos alimentares, mas, acima de tudo, na identidade regional do Pará, aspecto reconhecido dentro do estado e fora do estado. Tanto que não é incomum que as estratégias de *marketing* do produto façam referência ao Pará, como vemos na Figura 7.

A forma pela qual os migrantes sentem ao referenciar a cultura paraense possuem muitos significados. Tatiane Brito (2021), como todos os outros, afirma que o açaí daqui (Roraima) nem se compara com o açaí do Pará. A migrante menciona que o

¹⁷ Aqui a entrevistada se refere ao isolamento social imposto pela pandemia da COVID19.

sabor do de lá (Pará) não o mesmo daqui. O comercializado aqui é congelado e perde o sabor original: “o açaí do Pará, é sem dúvida, diferente do sabor daqui. Eu já frequentei aqui, mas é diferente. O açaí pra mim tem que ser sem açúcar e com farinha de tapioca”.

Tatiane Brito (2021), sempre que pode, procura alimentos da culinária paraense, mas relata que sente falta da variedade de peixes que tem lá no Pará, aqui em Boa Vista come-se mais o tambaqui, que nas suas palavras é “tradicional de Boa Vista”. Quando ela acha maniçoba, por exemplo, diz que “tá muito congelado, e é muito raro encontrar”. Ao se referir ao tacacá, diz que o sabor é diferente, no Pará é melhor.

Percebemos nessa narrativa que os sentidos da cultura paraense estão muito presentes, sendo objeto de comparação constante, em desfavor a Boa Vista. Ora afirma que já está acostumada a viver aqui, mas lembra que bom mesmo é estar lá, e esses sentimentos, acreditamos, estão ligados aos laços familiares que deixou no lá Pará, quando ela explica: “fui esse mês lá visitar meu pai, mãe e irmãos e comi tudo que era pra comer”.

Alinhado ao que foi dito sobre o açaí pelas demais fontes, que o que se encontra aqui, não se compara com aquele lá do Pará, Ubiratam Alencar frisa:

O açaí do Pará é muito gostoso e quando alguém me pergunta qual é o mais gostoso, o do Amazonas ou o do Pará? Solto o grito! O do Pará..., porque é muito gostoso! Quem já experimentou o açaí do Pará sabe como é o açaí do Pará! Até aqui eu sinto saudades as vezes quando a gente vai experimentar, rapaz eu já comi um açaí bom não é esse daqui não. (2017).

O entrevistado menciona que sente “muita falta das comidas típicas”, reafirmando que “o açaí de lá é muito gostoso; já tomei açaí aqui, mas nem se compara com o açaí do Pará”. Nesta e nas outras entrevistas, ficou clara a necessidade dos migrantes se autoafirmarem como paraenses, sendo visível a tomada de posição em relação ao açaí a qualidade do produto de lá e como hábito alimentar distintivo do Pará, mostrando a forma como se relacionam com os elementos territoriais que os ligam a cultura paraense e da sua reafirmação como paraenses.

Neste sentido, as pesquisas com migrantes maranhenses realizadas por Sousa (2016) e Nogueira (2015) mostraram que o processo de des-re-territorialização passa por um conjunto de estratégias que envolvem a escolha de elementos diferenciadores, ou como apontou Sousa “elementos considerados ‘típicos’” (2016, p. 87), quando os migrantes são indagados sobre seu processo migratório e a relação entre origem e destino.

Guardando as devidas diferenças, isto não se mostra diferente quando estudamos os paraenses e suas referências ao açai.

Em relação ao Círio de Nazaré e/ou representações ligadas as festas realizadas no Pará, Alves (2005, p. 222) explica a abrangência do Círio:

Os paraenses, nas mais diversas cidades do Brasil, realizam o seu Círio no segundo domingo de outubro: seja no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Recife etc. O Círio é reproduzido e os valores regionais compartilhados da mesma forma, seja na procissão, nos pequenos arraiais montados ou na venda e consumo de comidas paraenses.

O Círio de Nazaré é uma representação da cultura popular por meio da fé católica, que caminha por muitos estados brasileiros, bem como cidades por todo Pará, mas que é um emblema territorial da sociedade paraense. Dessa maneira, ainda que seja também motivo de festa de outros devotos de Nossa Senhora de Nazaré, o mesmo Círio é uma forma de territorialidade paraense, tanto que, por exemplo, os meios de comunicação noticiam e dão destaque a festa realizada em Belém.

O evento cresce todos os anos. O Círio é um grande momento festivo da vida brasileira, maior procissão religiosa do Brasil. Podemos dizer que a fé ultrapassa a linha do território físico e os devotos de Nossa Senhora de Nazaré, “Rainha da Amazônia”, representam a recriação do movimento da procissão em muitos municípios brasileiros (DOSSIÊ IPHAN I, 2006). Desse modo, ganha cada vez mais espaço no meio econômico, político, religioso e a festa se tornou um dos símbolos da identidade regional paraense, e quando falamos do Círio de Nazaré, de alguma forma estamos falando da cultura paraense.

Percebemos que o fenômeno do Círio ganhou um espaço territorial na Amazônia brasileira e se configurou numa representação da identidade cultural do Pará, tendo em vista, a forte presença de migrantes paraenses em toda a região. No local de destino recriam ou fortalecem o evento.

Dentre estes lugares está Boa Vista/RR, que realiza a festa de devoção a Nossa Senhora de Nazaré. No contexto do aumento das migrações de paraenses para Roraima, pensamos no fortalecimento destas simbologias e representações da cultural paraense, tomando como exemplo a afirmação de Ana Alves (2017): “Fui no Círio aqui, lá em Belém era uma tradição eu ir”.

Nessa perspectiva Dal Gallo (2011, p. 48) disserta que:

Essa possibilidade de negociação da participação mais ou menos ativa nas diferentes esferas da vida social, cultural, política, econômica, religiosa, no local de destino, permite ao migrante preservar seus hábitos e rotinas. Os migrantes podem negociar sua permanência tendo em vista a continuidade de sua forma de ser.

Para a autora, “o deslocar-se dos migrantes de seus lugares para lugares alheios implica um abalo direto no ser”, explicando que:

O migrante precisa encontrar um equilíbrio entre a fragilidade e a solidez da narrativa, caminhando pelas infinitas possibilidades de políticas de vida que podem ser perscrutadas sem perder-se ou dispersar-se, de forma a manter sua segurança ontológica. Para tanto, o ser migrante tem alguns caminhos; contudo, todos eles envolvem, em alguma medida, o transformar-se, isto é, permitir a si mesmo mudar sua forma de existência e seu ser no mundo, ou resistir e buscar sua coerência narrativa e existencial continuando a ser aquilo que é (DAL GALLO, 2011, p. 48-49).

Sempre é bom lembrar que a dimensão espacial, via território, “continua sendo entendida, sobretudo, como metáfora, ou por um viés materialista, que limita o território às relações de poder estabelecidas por forças econômicas ou políticas” (MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2010, p. 408) e que neste trabalho, a expressão vai ao encontro do que explica Haesbaert “‘territorialidade’ – já que não se trata do território em seu sentido pleno, ou seja, onde a sua “materialização” se torna imprescindível”, explicando que:

Embora todo território tenha uma territorialidade (tanto no sentido abstrato de qualidade ou condição de ser território quanto no de sua dimensão real-simbólica), nem toda territorialidade – ou, se quisermos, também, aqui, espacialidade – possui um território (no sentido de sua efetiva realização material) (2008, p. 106).

Desse modo, ao nos referirmos às territorialidades podemos visualizar os sentidos simbólicos que os territórios representam para o homem, a mulher paraense que vive em outro lugar. Dentro desta perspectiva, retomamos a fala de Ana Alves (2021), que nos conta sobre a sua participação no Círio, fruto da sua criação – pai e mãe ensinaram, uma tradição da família – do seu aprendizado na infância.

Lá em Belém como eu estudei até a oitava série eu estudei da sexta até a oitava série, estudei numa escola de freira: Filha de Maria Auxiliadora¹⁸ do lado da Escola de Salesiano. Então, no período e também criança a gente ia muito pra transladação no sábado e quando a gente podia, a gente ia no Círio, né? E então, era muito presente essa questão da religião, eu até, agora hoje eu sou, me considero espírita, mas eu sempre fui católica, né. Antes de morar aqui em Boa Vista, eu sempre fui católica, mas hoje eu me considero espírita, mas mesmo

¹⁸ Hoje Instituto Dom Bosco, com sede na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, à Travessa Benjamin Constant, 634, foi fundado em 21 de fevereiro de 1937, pela Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora.

assim, a Nossa Senhora de Nazaré, ela é um, uma representação de proteção, de padroeira pra gente, né, então, aqui em Boa Vista, eu fui uma vez só no Círio e realmente é recente, não pude participar, ia participar ano passado, não participei por causa da pandemia, acho que nem teve, mas ano retrasado em 2018, se eu não me engano, eu fui, já em 2019 eu não fui, 2020 não fui também porque não teve, mas assim, independente da minha religião agora, eu sempre que posso, eu vou, né.

Compreendemos na sua narrativa que mesmo deixando de ser católica, a migrante continua com a tradição de devoção a Nossa Senhora de Nazaré, e participa da festa sempre que pode. Para ela o acontecimento é uma tradição e a liga as suas raízes. Assim, em sua narrativa ela revive na sua memória o pertencer ao Pará, os vínculos sólidos com a origem.

Lá em Belém, sempre que eu vou, eu não deixo de passar na Basílica, de ver, de fazer referência na cidade de Nazaré, porque é uma coisa assim que a gente cresce respeitando, né, referenciando, então é algo que tá intrínseco, é algo que tá na gente, já é encucado, né, tá no nosso íntimo. É muito mais do que religião, eu acho, né? É isso, participei com muita alegria aqui e dar uma conexão. Faz a gente lembra, não é, nem pouco parecido, como é em Belém, né. Em Belém é muito grandioso, é um momento, assim, que as pessoas vão pra agradecer, pedir, e é muita gente, e as pessoas se sacrificam naquele momento de adoração. Então a gente chega a lembrar desse momento, né, quando a gente participa do Círio daqui.

Entendemos, desse modo, que reviver nas suas lembranças esses momentos, não é como estar lá. A migrante acima foi precisa ao falar do Círio, que, segundo ela, vai além de religião, é uma tradição de família, que representa suas origens pois a migrante foi nascida e criada em Belém/PA. Assim, é evidente que queira participar do Círio aqui em Boa Vista como uma forma de renovar a tradição e deixá-la mais próxima das suas referências de pertencimento, culturais, religiosas, familiares e regionais.

De outra forma, as duas migrantes Tatiane Brito (2021) e Maria do Livramento Moura (2021), relataram não participar do Círio em Boa Vista, mas viveram outros eventos que segundo elas são representações do Círio, que têm, no entanto, outro nome e outra data. Ambas não são naturais de Belém.

Tatiane Brito (2021) nos relatou o seguinte sobre não poder ir ao Círio em Belém/PA, mas destacando outra referência cujo escopo corresponde ao do Círio.

Na verdade, é até curioso, eu nunca fui, porque é na capital, em Belém, o Círio de Nazaré. As vezes quando está próximo a gente vai, mas era no interior. O Círio que eu participei é o círio de Vigia de Nazaré, é o Círio que tem todo ano, também tradicional, todo mês de setembro. É a procissão que as pessoas devotas pedindo, assim, é a procissão. As pessoas levam os pedidos, pagam promessas, muita gente vai na corda, tem gente que vai com água na cabeça,

pagando a promessa pelo fato de já ter conseguido alcançar a graça. Tem a procissão pelo domingo e a ceia depois que é a tradicional com todo mundo, né, é uma festa, tem o pato no Tucupí, a maniçoba.

Já Maria do Livramento Moura (2021), narra os eventos ligados a religião, contando que na sua região, Santarém, Nossa Senhora da Conceição faz parte da sua experiência de fé e destaca que nunca foi no Círio de Nazaré, nem lá nem aqui:

Não, do Círio de Nazaré, daqui eu não posso falar. Mas eu tenho a referência do Pará, da filha da Conceição, né? Porque Santarém é a segunda cidade depois Belém, né, é a primeira cidade, essa porque é a capital, e vem Santarém. Então, temos o Círio da Nossa Senhora da Conceição, que é esplendoroso, claro que Belém é maior, é maior, mas Santarém também é maravilhoso, né. Até antes da pandemia, ia ser uma festa grande, que atrai o estado do Pará, as pessoas do Pará, vem até pessoas de Belém, porque é lindo. Aí tem tudo, olha, o hino, a santa, é lindo.... Eu sou católica sim, né, então, dá pra você perceber na minha admiração à Maria, ela é tudo pra nós paraense, né. Não sei pra outras pessoas, o que pensam da cultura, né, assim, de Maria, mas nós paraenses temos sim, Nossa Senhora de Nazaré em Belém e Nossa Senhora da Conceição em Santarém.

A semelhança entre as duas festas é explicada pela migrante, que compara a festa de Nossa Senhora da Conceição, de Santarém, e a festa do Círio, de Belém:

Um presente de Deus, eu comparo isso um presente de Deus, né? A mãe dele e nós honramos, né, e amamos muito e é uma festa que é marcante, né, na nossa vida. É durante todo ano na espera, dessa festa, né? A espera desse ano, por esse dia, porque tem a procissão que dura muitas horas, muitas músicas, né? Muitos hinos, em louvor a Nossa Senhora de Nazaré, mãe de Jesus, nossa. É a alegria do povo, as promessas, né? Uma corda que tem, que vão segurando, que são as pessoas que querem ir na frente descalça, se machucando, se, mas tão ali inteiros, tão ali cheio de vida, com a alma, cheia de ternura, é um verdadeiro louvor lindo, muito bonito.

Maria do Livramento Moura destaca que quando vai em Belém para visitar ela sempre vai na beira do rio tomar açaí, mas nunca foi no Círio, em contrapartida, afirma que depois da nossa conversa pode ir. A sua fala e a de Tatiane Brito representam uma realidade vivenciada por muitos no Pará, pois devido à falta de condições financeiras muitos paraenses nunca foram a capital, nem mesmo para comemorar esse evento tão carismático como é o Círio de Nazaré.

A cultura do lugar de nascimento e os vínculos com o lugar criação, afloram nas lembranças revividas a partir do pensar-se migrante. Como nos diz Nogueira, as entrevistas apresentam “o contexto dessas territorialidades apresenta a vida experienciada

por meio do seu cotidiano, no qual o sujeito narrador processa e utiliza os referenciais do seu território (i)material de origem” (2015, p. 121).

Em síntese, diante do que foi exposto entendemos que ao representar os elementos ligados as comidas e aos festejos, os paraenses migrantes em Boa Vista/RR os vêem como uma forma de reviver os momentos que reavivam suas memórias do lugar de origem e, a vista disso, estão se reafirmando como paraenses. O lá e o aqui estão sempre sendo ressignificados, pois “podemos dizer que o lugar do migrante sempre está em mutação, pela própria natureza movente do lugar, bem como, pela transitoriedade ontológica do ser migrante e as intervenções e apropriação pelos migrantes dos lugares no destino”, como explica Dall Gallo (2011, p. 55).

Com base no que foi exposto acima acreditamos que no processo adaptação o migrante vivencia transformações territoriais, que são inevitáveis em Boa Vista e, como aponta Nogueira, “os indivíduos têm um tempo próprio de perceber e conceber sua territorialização” (2015, p. 123). As referências paraenses no espaço de Boa Vista possibilitam aos migrantes se conectarem com o lugar de origem.

As simbologias recriadas são gatilhos que ligam o paraense a sua terra natal. Podemos compreender a dor e o sentimento de perda ao sair do Pará, logo, sabemos que migrar não é apenas ir ali e voltar, é processo que carrega muitos sentimentos e a apropriação das referências e simbologias criadas no lugar de destino ajuda no processo de aceitação do novo. Entendemos que as falas aqui trabalhadas estão ligadas a emoções, as vivências e as memórias, e isso nos faz pensar que aqui tem o açaí, mas não é gostoso como o do Pará ...

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se inscreve no campo da compreensão dos processos migratórios e das territorialidades construídas pelos migrantes paraenses no espaço boa-vistense. Os migrantes paraenses em estudo, como destaca Haesbaert, transitam em múltiplos territórios construídos ao longa das suas vidas.

A temática discutida, seguiu os passos de Sayad, pois neste trabalho buscamos abordar não apenas o processo migratório que envolve o migrante na hora da tomada de decisão e da partida, mas também aspectos acerca da chegada e da territorialização dos paraenses homens e mulheres em Boa Vista/RR, ou seja, aspectos que envolvem a origem e o destino. Observamos que os migrantes em estudo, depois do processo de inserção socioeconômica no espaço roraimense buscaram se adequar a vida no novo lugar, inclusive considerando Roraima como sua terra também. Por sua vez, as referências paraenses verificadas nas ruas de Boa Vista/RR é uma peça importante neste processo, ao visualizar essas referências acionam suas lembranças do Pará.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho se justifica, pois o deslocamento de paraenses para Boa Vista/RR no período entre 1990 e 2010, foi intenso, sendo a migração de paraense a segunda maior do estado, ficando atrás apenas dos maranhenses, nos fazendo considerar que conseqüentemente continuam chegando paraenses até os dias de hoje, tendo em vista, a ação das redes migratórias. Assim, muitos migrantes paraenses escolheram Boa Vista para morar, construindo novos territórios, dotados de uma funcionalidade material, mas também carregados de simbologias.

A vista disso, em Boa Vista/RR o resultado de chegadas de maranhenses, amazonenses, gaúchos, dentre outros, que vem para trabalhar, estudar e por outros tantos motivos, inclusive porque ouviu que era bom para morar, trabalhar ou botar seu próprio negócio. Contextualizada a relação e as trocas migratórias entre o Pará e Boa Vista/RR, estas se inscrevem nos processos migratórios que historicamente ocorrem na Amazônia, em que a região recebe migrantes de variadas procedências nacionais, internacionais e intrarregionais.

Destacamos que a realidade da Amazônia brasileira apresenta “n” motivos para migrar e “n” migrantes. Os deslocamentos entre os estados amazônicos evidenciam as várias Amazônias, marcadas por processos socioeconômicos diferenciados, nos quais as relações capitalistas produzem grandes desigualdades, e por uma multiplicidade de culturas, como a paraense que se expressa em Boa Vista.

Por meio das teorias sobre migração e território, pudemos abordar a des-re-territorialização no sentido físico e simbólico. E entendemos que após a migração os homens e as mulheres buscam inserção socioeconômica, a tão desejada melhoria de vida, mas também inserção sociocultural, não basta sobreviver é preciso existir, como nos aponta Marandola e Dall Gallo. Vivendo no lugar de destino, Boa Vista, por meio de mecanismos de aproximação com a sua cultura explicita-se uma forma de dizer sou de lá, do Pará, ainda que não esteja mais lá. Desse modo, as relações de pertencimento dos migrantes se moldam e se reconstróem no sentido da domesticação das diferenças e das particularidades, o que leva a formarem novos territórios no espaço roraimense.

Portanto ao analisarmos os processos de des-re-territorialização de paraenses, a luz de suas experiências e memórias, inferimos que as estratégias de re-territorialização de homens e mulheres paraenses no espaço boa-vistense, são compostas pelas territorialidades construídas na sua terra natal, somado aos fatores socioeconômicos do estado do Pará que justificaram a sua partida, que de modo geral são encarados e apresentados como motivos para migrar. Por sua vez, observamos algo que marca a experiência migratória de muitos, os paraenses decidiram migrar não porque queriam se aventurar, mas porque se viram obrigados, se sentiram “empurrados” para buscar trabalho e melhores condições de estudo em outro lugar. A dimensão subjetiva, acessada pelas fontes orais, nos colocam diante da amplitude das motivações e dos desafios de migrar.

Evidenciamos que as redes de contato estabelecidas com paraenses que já moravam em Boa Vista/RR, ajudaram os migrantes no momento da tomada de decisão de migrar, na escolha por Roraima e na chegada à capital. Compreendemos que os territórios paraenses estão sendo consolidados no espaço de Boa Vista/RR devido ao alto índice de migrantes paraenses residentes – ainda que não tenhamos enfatizado a dimensão demográfica – mas também porque as redes familiares e de amigos ajudam quem chega a se achar, a fazer da cidade o seu lugar.

Embasado Haesbaert, verificamos que o migrante paraense vive no espaço de acolhimento (Boa Vista) uma relação de poder, que se constrói na adaptação aos diferentes traços de culturais locais. Nessa análise dos paraenses re-territorializados em Boa Vista identificamos, claramente, a presença dos traços identitários de cultura paraense, sendo evidente que estamos tratando de “sociedades” com fortes laços culturais construídos historicamente. Além disso, acreditamos que ocorra a manutenção de determinados elementos e características relacionadas a cultura de origem, pois os

migrantes entrevistados, apesar da distância, mantêm sempre o contato com os seus familiares e amigos que moram no Pará.

Conseqüentemente identificamos os territórios materiais e simbólicos construídos pelos paraenses no espaço boa-vistense. Os paraenses em estudo se conectam com os elementos que os ligam com a sua cultura local. Desse modo, as referências paraenses em Boa Vista/RR os ajudam a relembrar e se autoafirmarem como paraenses no novo espaço. A presença material e simbólica é constatada no uso do nome do estado em alguns estabelecimentos, que se diferenciam por incluir iguarias paraenses no seu cardápio, como o açaí, o tacacá e o pato no tucupi, na celebração do Círio. Observamos, no entanto, que o comer o açaí, ainda que de forma diferente do Pará, foi o traço que ligou todos os entrevistados, assim, como a constatação que o de Boa Vista nunca é igual ao lá no Pará, falta alguma coisa, um sabor, um frescor.

A questão central desse trabalho nos fez compreender que o processo de migração do homem da mulher paraense para Boa Vista/RR não se resume ao simples fato de pegar a mala e sair da terra natal. A necessidade e garantia de obter o trabalho e o estudo, ou seja, elementos que garantam uma vida estável no lugar de destino e a realização da razão de migrar, que motiva e justifica ficar em Roraima, logo se seguem outras necessidades, adquirir vínculos de amizades, estabelecer um lugar seu, construir, portanto, novas territorialidades no espaço boa-vistense.

Ressaltamos que o desafio de viver uma vida digna motivou os migrantes em estudo a se aventurar e decidir que Boa Vista/RR era o lugar para sua moradia. A escolha do lugar não é fácil, pois para a maioria dos migrantes o novo assusta. Esse novo lugar, Boa Vista, longe de tudo que conhece passou pelo processo de reconhecimento ainda antes de migrar, quando o amigo e/ou parente falou que era bom para trabalhar, estudar, para morar, uma cidade calma, sem muitos perigos, com pessoas agradáveis, ruas planas, um clima muito ameno e que em função de suas peculiaridades sócio-históricas oferecia oportunidades.

O momento de inserção dos migrantes em estudo foi doloroso, porém, ficou claro nas suas narrativas que depois que conseguiram trabalho, estabilidade financeira, relações com outros amigos feitos em Boa Vista/RR, as territorialidades construídas após a se efetivaram no espaço boa-vistense. Compreendemos que o território como espaço de apropriação material e simbólica dos migrantes homens e mulheres foi fundamental para a inserção e permanência no espaço boa-vistense.

Assim, como afirma Dall Gallo, migrar implica “transitoriedade”, “uma condição de ‘estar-entre’: estar ‘aqui’ e ‘lá’, vivendo em um duplo sistema de referências”, explicando que a migrante engendra atividades que “conectem” origem e destino (2011, p. 47). Com base nisso, acreditamos que no processo de adaptação dos migrantes estudados, as transformações territoriais são inevitáveis e as simbologias recriadas em Boa Vista são como gatilhos que ligam o paraense a sua terra natal.

O território age sobre o homem e a mulher paraense e deixam presente os aspectos culturais paraenses acionados em sua memória. Essas referências encontradas nas ruas de Boa Vista/RR servem para mostrar para os moradores do Norte brasileiro que a migração é um fenômeno ímpar para interligar culturas, sendo, portanto, positivo na sua dimensão material e para as trocas culturais – trocas de costumes, saborear os deliciosos pratos das variadas culturas, viver as diferenças e respeitar o costume, a fé etc. A partir da problemática levantada neste trabalho, compreendemos que mesmo explicitando os territórios construídos de forma material, a força das territorialidades no sentido simbólico está presente no dia a dia de cada migrante, levando-os a valorizar sua cultura e se autoafirmarem como homens e mulheres paraenses.

Podemos compreender a dor e o sentimento de perda ao sair do Pará, sabemos que migrar não é apenas ir ali e voltar, logo esse processo carrega muitos sentimentos e a apropriação das simbologias criadas no novo lugar ajuda no processo de aceitação do novo. Não deixamos de notar que depois do processo de inserção no espaço boa-vistense muitos migrantes paraenses relataram que também se sentem roraimenses por acharem que a convivência e a contribuição cultural, os laços de pertencimento ao aqui acabam sendo fortes, isso se justifica, quando cada migrante relata que também é daqui.

O método da História Oral foi, portanto, o fio condutor para chegarmos ao resultado desta pesquisa, muito embora frisamos aqui que apesar de estarmos vivendo dias totalmente difíceis para a coleta de dados por meio do contato com os sujeitos, a pesquisa foi desenvolvida de maneira positiva com auxílio da tecnologia, o que foi, desse modo, um novo aprendizado ao fazer entrevistas tanto de maneira presencial como também online. A experiência de pesquisa, assim, foi norteadora para realizarmos mais entrevistas e podermos futuramente utilizar os recursos tecnológicos ao nosso favor, que nos possibilitará em pesquisas posteriores ampliarmos o conhecimento científico sobre esta temática da migração.

Os resultados aqui alcançados tornam o tema cada vez mais sugestivo e as indagações nunca terminam, pois, a pesquisa científica está sempre em transformação e

nunca acaba. Para o desenvolvimento de pesquisas levantadas a partir dessa temática descobrimos que existe muito para pesquisar e pretendo desenvolver isso mais para frente nas pesquisas para a tese, pois meu objetivo pessoal depois do término do curso de mestrado no PPGSOF é entrar no doutorado.

6. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Carolina Viana. A comunidade e os bens culturais de Boa Vista: possibilidades metodológicas para a construção do patrimônio e da memória social da cidade. In: ALBUQUERQUE, Carolina Viana, (org.) **Coletânea de artigos patrimônio cultural de Roraima**. Boa Vista: IPHAN-RR, 2019.
- ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos avançados** 19 (54), 2005.
- ALVES, Silvia da Conceição. **Gênero e migrações contemporâneas na Amazônia: o deslocamento de mulheres paraenses para Boa Vista/RR (1990-2010)**. 2019, 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História da Amazônia) – Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista, 2019.
- ALVES, Silvia da Conceição. **Migração, (re)territorialização e identidade: paraenses em Boa Vista/Roraima no período entre 1990 e 2010**. 2018, 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2018.
- AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BAENINGER, Rosana. Migrações transnacionais de refúgio no Brasil. In: LUSI, C. (Org.). **Migrações internacionais**. Abordagens de direitos humanos Brasília: CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2017. p. 13-31, Série Migrações, 20.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CARVALHO, Vânia Regina Vieira de. [et al.]. **Agricultura familiar em transformação no nordeste paraense: o caso de Capitão Poço**. Belém: UFPA. NAEA, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **1942-O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. Sindicato Nacional dos editores de livros, RJ, Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHELOTTI, Marcelo Cervo. Reterritorialização e identidade territorial. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (1): 165-180, abr. 2010.
- CHIACCHIO, Marcílio Alves; CHIACCHIO, Jayne Isabel da Cunha Guimarães. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA & 13ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS. 2017. Niterói. **Indústria paraense: uma análise da trajetória da Fábrica Perseverança, Perfumaria Phebo e Fábrica Palmeira**. Niterói: Associação Brasileira de pesquisadores em história econômica, 2017. p. 01 – 26. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/17%20Ind%C3%BAstria%20paraense%20uma%20an%C3%A1lise%20da%20trajet%C3%B3ria%20da%20F%C3%A1brica%20Perseveran%C3%A7a,%20Perfumaria%20Phebo%20e%20F%C3%A1brica%20Palmeira.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

COLENY, Fabrício. **Diretoria da festa Círio de Nazaré**. Disponível em: <<https://ciriodenazare.com.br/site/cirio/historia/>> Acesso em: 24 de fev. de 2020.

COLENY, Fabrício. **Diretoria da festa Círio de Nazaré**. Disponível em: <<https://ciriodenazare.com.br/site/cirio/>> Acesso em: 24 de fev. de 2020.

DINIZ, Alexandre Magno Alves. SANTOS, Reinaldo Onofre dos. O vertiginoso crescimento populacional de Roraima e seus impactos socioambientais. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 25, p. 23-44, 2º sem. 2005.

DOSSIÊ IPHAN I. **Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro: Iphan, 2006.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. 1º ed. Temas e Debates. Lisboa, 2003.

ECONOMIA FORTE E DIVERSIFICADA PARÁ: MAIOR MERCADO DO NORTE E PORTA DE ENTRADA PARA A AMAZÔNIA. **InvestPará**, 2019. Disponível em <<http://investpara.com.br/dados-economicos-do-estado-do-para/>> Acesso em: 03 de abr. de 2021.

FOLHAWEB. Arraial do Anauá: Música e gastronomia paraense. Disponível em <http://www.folhabv.com.br/noticia>. Boa Vista, 30 de jun. 2016. Acesso em 23 de agos. 2017.

_____. Noite Paraense pretende reunir 500 pessoas. Disponível em <<http://www.folhabv.com.br/noticia>> Boa Vista, 03 de set. 2015. Acesso em 23 de ago. 2017.

_____. Noite paraense: Sabores e cultura do Pará serão homenageados em Mostra Gastronômica: Raisa Carvalho, 22 de out.2016. Disponível em: <<http://www.folhabv.com.br/noticia>> Acesso em 23 de agos. 2017.

FUSCALDO, Bruna Muriel Huertas. O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil. **Revista CPC**, São Paulo, n.18, p. 81–105, 2015.

GALLO, Priscila Marchiori dal. Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. **Geograficidade** v.01, n.01, Inverno 2011. p.48-62.

HAESBAERT, Rogério. Migração e desterritorialização. In NETO, Hélios Póvoa e Ferreira, PACELLI, Ademir (org.). **Cruzando Fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

_____. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, Universidade de São Paulo. p. 6774-6792.

_____. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. (organizadores) 1.ed. São Paulo, Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” multiterritorialidades**. 6º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Guacira Lopes Louro. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INDRIUNAS, Luiz. **Migração: gente em movimento**. São Paulo: Salesiana, 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000: Migração e deslocamento, resultados da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. 158 p.

_____. Brasil/Pará, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/panorama>> Acesso em: 14 abr. 2021.

_____. Brasil/Roraima/Boa Vista, 2017. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/boa-vista/panorama>> acesso em 05 out. 2019.

_____. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, 2010. p.1-215.

_____. RR. Censos 1991 e 2000. Disponível em <www.ibge.gov.br> acesso em 05 de ago. de 2019.

LIMA, José Airton da Silva; et al. **Roraima 2000-2013**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

LOBATO, Flavio Henrique Souza; CAÑETE, Voyner Ravena. “O açaí nosso de cada dia”: formas de consumo de frequentadores de uma feira amazônica (Pará, Brasil). **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 55, N. 3, set/dez 2019, p. 397-410.

LÔBO, Isaac de Souza. OLIVEIRA, Juliana Santos de. CHIBA, Mari. VI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORTE. “**A força que vem das ruas**” Um estudo das representações identitárias do ser paraense. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Belém – PA. 2007.

MARANDOLA JR., Eduardo e DAL GALLO, Priscila Machiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, jul./dez. 2010, p. 407-424

MATOS, Júlia Silveira. SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

NASCIMENTO, Cleber Mendes do. **Paraensismo: Antropologia, identidade cultural e mídia**. Trabalho apresentado no GT N°04-Música, meios, media: convergências e divergências, durante o I CLIC: Culturas, Linguagens e Interfaces Contemporâneas, realizado na Universidade Federal do Pará, de 27 a 30 de setembro de 2011.

NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. “**O Maranhão é Aqui**”: territorialidades maranhenses na cidade de Boa Vista/RR (1991-2010). Boa Vista, 2015. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, 2015.

NOGUEIRA, F. M. M.; VERAS, Antônio T. de R.; SOUZA, C. M. de. Roraima no contexto das migrações: impressões da (re) configuração espacial entre 1980 a 1991. In:

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Conhecimento histórico e diálogo**
Natal- RN: ANPUH, 2013. p.01-15.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**.
São Carlos: Editora Scienza, 2016.

_____. Desafios e perspectivas da mobilidade humana na Amazônia contemporânea.
Textos&Debates, Boa Vista, n.27, v.1., p. 107-121, jan./jun. 2015.

_____. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. Manaus, 2014.
Tese (doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do
Amazonas. 2014.

QUEIROZ, Pedro P. E. S. **Círio de Nazaré: identidade religiosa, histórica e cultural do**
povo paraense. **REGRAD, UNIVEM/Marília-SP**, v. 9, n. 1, 2016, p. 196-214.

RODRIGUES, Carmem Izabel; CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. Entre fronteiras:
Identidades e culturas na modernidade. **Revista Antropológicas**, ano 14, vol.21(2):
217-234, 2010.

RODRIGUES, Kátia Brandão. SOUZA, Carla Monteiro. Migração maranhense para Boa
Vista. In VIEIRA, Jaci Guilherme (org.). **O rio Branco se enche de história**. Boa Vista:
Editora da UFRR, 2016..

SALIM, Celso Amorim. **Migração: o fato e a controvérsia teórica**. Encontro Nacional
de Estudos Populacionais. Campinas/SP: Anais/ABEP, 1992.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos
Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e**
conflitos. (organizadores) 1.ed. São Paulo, Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-
Graduação em Geografia, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora
da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Idelma Santiago da. **Migração e regionalização:a (re)fundação de territórios**
e a etnização de migrantes maranhenses no sudeste do Pará. Seminário Avançado de
Pesquisa” do Programa de Pós-Graduação em História da UFG, 2008.

SILVEIRA, Éder da Silva História Oral e memória: pensando um perfil de historiador
etnográfico **MÉTIS: história & cultura** – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

SOUSA, Celene Farias de. **A autoafirmação da identidade maranhense através da**
 festa “O Maranhão é Aqui!” comunidade São Raimundo Nonato, Bairro Santa
Luzia, Boa Vista – RR (2010-2013). Boa Vista, 2014. Monografia (História).
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista – RR, 2014.

SOUSA, Celene Farias de. **Arraial dos Maranhenses: identidades e territorialidade**
de maranhenses na cidade de Boa Vista/RR. Boa Vista, 2018. Dissertação (Mestrado).
Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e
Fronteira, 2018.

SOUZA, Carla Monteiro de. Boa Vista/RR e as migrações: mudanças, permanências, múltiplos significados. **Revista Acta Geográfica**, ano III, 2009.

_____. Considerações sobre a inserção social de migrantes gaúchos em Roraima. **História Oral**, v. 9, n. 1, p. 29-47, jan.-jun. 2006.

_____. Gaúchos em Roraima: memória, regionalismo e identidade. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 199-207, junho 2006.

_____. **Migração e Memória: (re)territorialização e inserção social entre gaúchos residentes em Roraima**. n. 33, 2008 p. 105-120.

STAEVIE, Pedro Marcelo. Migrações e Múltiplas Identidades dos Imigrantes em Boa Vista – RR. **Informe Gepec**, Toledo, v. 15, número especial, p. 478-487, 2011.

VALE, Ana Lia Farias. **Nordeste em Roraima: migração e territorialização dos nordestinos em Boa Vista**. – Boa Vista: editora da UFRR, 2014 (p.13-223).

VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. **Produção do espaço urbano de Boa Vista-Roraima**. São Paulo, 2009. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2009. p. 235.

WANKLER, Cátia M.; NASCIMENTO, Cléo A. “Sou daqui, sou de lá”: deslocamento e identidade em Zeca Preto. In: SOUZA, Carla M. **Migrações e outros deslocamentos na Amazônia Brasileira**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

FONTES ORAIS

Ana Paula Barbosa Alves, paraense de Belém, 46 anos, veio para Boa Vista em 2005. Entrevista, realizada em Boa Vista, online, dia 20/01/2021.

Daniel José Santos dos Anjos, paraense de Santarém, veio para Boa Vista em 1992. Entrevista realizada em Boa Vista, online, dia 29/04/2021.

Lucilene Rodrigues Bentes, paraense de Terra Santa, 42 anos, veio para Boa Vista em 2007, mora no bairro Alvorada. Entrevista realizada em Boa Vista, dia 10/10/2017.

Maria do Livramento Souza de Moura, paraense de Monte Alegre, 63 anos, veio para Boa Vista em 2010. Entrevista, realizada em Boa Vista, online, dia 16/02/2021.

Maria Lucilene da Silva, paraense de Marabá, veio para Boa Vista em 1989, 53 anos, mora no bairro Jardim Primavera. Entrevista realizada em Boa Vista, dia 12/10/2017.

Tatiane Pantoja de Brito, paraense de São Caetano de Odivelas, 28 anos, mora em Boa Vista desde 2008. Entrevista realizada em Boa Vista, dia 19/12/2017.

Tatiane Pantoja de Brito, paraense de São Caetano de Odivelas, 31 anos, mora em Boa Vista desde 2008. Entrevista realizada em Boa Vista, online, dia 03/03/2021.

Ubiratam de Araújo Alencar, paraense de Itaituba, 26 anos, mora em Boa Vista desde 2009. Entrevista realizada em Boa Vista, dia 12/10/2017.

ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

ANEXO A: ROTEIRO PARA ENTREVISTA

TERRITORIALIZAÇÃO DE PARAENSES EM BOA VISTA/RR

Mestranda: Silvia da Conceição Alves
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Monteiro de Souza

Roteiro para entrevista semi-estruturada, que será aplicado em Boa Vista/RR para fundamentação empírica da pesquisa de mestrado de **Silvia da Conceição Alves**, intitulada **Territorialização de Paraenses em Boa Vista/RR**, e tem como objetivos analisar o deslocamento de paraenses para Boa Vista/RR no período entre 1990 a 2010 e suas territorialidades construídas no espaço boa-vistense, tanto no sentido material, como no sentido simbólico, bem como, contextualizar a relação e as trocas migratórias entre o Pará e Boa Vista/RR, identificar as estratégias de inserção e de re-territorialização acionadas pelos paraenses pesquisados em Boa Vista/RR

ROTEIRO

Qual seu nome completo e idade.

Em que ano chegou em Roraima?

Tinha quantos anos quando saiu do Pará?

Qual o SEU município de origem?

Como foi a sua infância no Pará?

Como era a sua situação econômica no Pará?

Como era a sua moradia no Pará?

Trabalhava lá no Pará? Qual era o tipo de trabalho?

Você estudava lá no Pará? Fez até que série e hoje qual o seu grau de escolaridade?

Conte um pouco da experiência da tomada de decisão de migrar para Boa Vista?

O que despertou o seu interesse em vir para Boa Vista?

Qual meio de transporte utilizou?

Veio primeiro para a capital de Boa Vista ou passou por outros municípios antes de chegar?

Ficou sabendo de Boa Vista/Roraima por um familiar, amigos e/ou outros? Fale um pouco a respeito.

Migrou sozinha/o ou acompanhada/o? Se migrou acompanhada/o, com quem?

Quando você chegou qual era o meio de comunicação com os seus familiares que ficaram no Pará? E hoje como se comunica?

Como foi o processo de inserção em Boa Vista?

Narre as experiências vividas ao chegar em Roraima, em especial em Boa Vista.

Como foram os primeiros momentos de contato com os roraimenses?

Roraima atendeu suas expectativas?

Você frequenta algum estabelecimento comercial que oferece os pratos típicos do Pará aqui em Boa Vista? Conte um pouco sobre isso.

Qual a sua religião?

Possui vínculo com a igreja católica?

Frequentava os festejos do Círio de Nazaré em Boa Vista?

O que o Círio de Nazaré representa para você e sua família aqui em Boa Vista?

Fale sobre as festas que envolve a representação do Círio aqui em Boa Vista?

Sobre a festa você participa da organização e/ou é apenas devota e participa dos festejos?

O que representa para você os vários elementos da cultura paraense presentes em Boa Vista?



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

TERRITORIALIZAÇÃO DE PARAENSES EM BOA VISTA/RR

ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador/a responsável: Silvia da Conceição Alves

Eu, **Silvia da Conceição Alves**, aluna regularmente matriculada no Mestrado em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR, venho por meio deste convidá-lo/a, como voluntário/a, a participar da Pesquisa intitulada “**Territorialização de Paraenses em Boa Vista/RR**”, esclarecendo que sua participação não é obrigatória e que qualquer momento você pode desistir de participar e poderá sair da pesquisa sem nenhum prejuízo para você ou para o pesquisador.

Sobre a pesquisa segue algumas informações:

1. Trata-se de uma pesquisa sem fins lucrativos, cuja pretensão maior é analisar e compreender por meio das entrevistas orais o processo de inserção de migrantes paraenses na Cidade de Boa Vista/RR, entre os anos de 1990 a 2010, tendo como objetivos específicos: Contextualizar a relação e as trocas migratórias entre o Pará e Boa Vista/RR; Analisar os processos de des-re-territorialização de paraenses, a luz de suas experiências.; Identificar territórios materiais e simbólicos construídos pelos/as paraenses no espaço boa-vistense.
2. Sua participação na pesquisa se dá por meio da concessão de entrevista, gravadas em meio digital, em data, horário e local pactuado pelas duas partes. Destaca-se sua participação não implica nenhuma forma de remuneração sobre as atividades que vier a realizar e nem sobre o resultado final da pesquisa;
3. Considera-se que a pesquisa não terá riscos e/ou prejuízos, entretanto, na condução da pesquisa buscar-se-á minimizá-lo, visto que o interesse nas entrevistas dos migrantes paraenses, coletadas por meio da metodologia da História oral, é estritamente científico sem intenção de promover ou denegrir a imagem de quem quer que seja, nem de produzir constrangimentos, incômodos ou desconfortos. A pesquisa tem o caráter científico, desse modo, será mantido total sigilo sobre os dados pessoais fornecidos pelos sujeitos da pesquisa, entretanto, com a anuência do entrevistado/a seu nome poderá ser utilizado a fim de identificá-lo na dissertação e por ocasião publicação ou produções acadêmicas científicas;
4. Por se tratar de uma pesquisa científica sem fins lucrativos, a mesma não implica nenhum gasto decorrente da sua participação, ressaltando a sua inestimável contribuição para a produção do conhecimento qualificado sobre a sociedade roraimense em nível acadêmico, sendo que o registro das experiências migrantes dos/as entrevistados/as contribuirá também para dar visibilidade os/as paraenses que vivem em Roraima, tendo em vista esse ser o segundo grupo migrante mais numeroso do estado.

5. Serão incluídas na pesquisa o seu resultado final, na forma de uma dissertação de mestrado, bem outras produções dela derivadas, como artigos em periódicos científicos, livros e capítulos de livros, apresentação e publicação de trabalho em eventos científicos/acadêmicos e culturais.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e garantimos que somente o pesquisador saberá sobre sua participação.

Após ler esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar da pesquisa, solicito a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca dessa pesquisa poderão ser obtidas junto a mim, pelo telefone _____, pelo endereço _____ e pelo endereço eletrônico _____.

Eu, _____ discuti com o/a pesquisador/a Silvia da Conceição Alves sobre a minha decisão em participar dessa pesquisa. Declaro que ficaram claros quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidades sobre questões suscitadas que não fazem parte *a priori* da pesquisa e de possíveis esclarecimentos permanentes *a posteriori* do trabalho finalizado.

Declaro também que a minha participação é isenta de quaisquer despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados, bem como de poder tirar dúvidas a qualquer tempo, e, desse modo, concordo voluntariamente em participar da pesquisa cedendo minha entrevista, nome e imagem, resguardado o direito de poder retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a mesma, sem penalidade ou prejuízo. Declaro, ainda, que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Boa Vista, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do/a Participante

Assinatura do Pesquisador/a



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

**ANEXO C: CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA
 GRAVADA EM ÁUDIO/VÍDEO E DE USO DE IMAGENS**

Eu, _____, nacionalidade
 _____, estado civil _____, profissão _____, portador
 do RG nº _____ e do CPF nº _____, residente e domiciliado
 _____, pelo presente termo particular de
 autorização de uso de imagem e voz, **AUTORIZO** Silvia da Conceição Alves
 (pesquisadora e aluna regular do Programa de Pós- Graduação em Sociedade e Fronteiras
 - PPGSOF da Universidade Federal de Roraima – UFRR), inscrito no CPF nº
 _____, RG nº _____, residente e domiciliado
 _____, **o**

USO DE IMAGEM E VOZ em decorrência da minha participação na pesquisa intitulada
 “**Territorialização de Paraenses em Boa Vista/RR**”. O presente instrumento de
 AUTORIZAÇÃO é celebrado a título de gratuito, podendo ser utilizada, divulgada e
 publicada, para fins de culturais e científicos, a mencionada entrevista e imagens poderão
 ser utilizadas no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso
 à mesma para fins acadêmicos, com ressalva de preservar a integridade física e moral do
 sujeito participante da pesquisa.

Boa Vista, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do Pesquisador/a



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

**ANEXO D: CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO
DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA:**

“Territorialização de Paraenses em Boa Vista/RR”

Eu, _____, portador do CPF _____, residente à _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora **Silvia da Conceição Alves** dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Boa Vista, ____ de _____ de 20__.

Nome e Assinatura